



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### **Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### **About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

### **Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.  
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.  
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.  
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.  
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

### **Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

CT

1364

P65

1873

A: 810,084

PROPERTY OF

*The  
University of  
Michigan  
Libraries*

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS

942





# PORTUGUEZES ILLUSTRES



**AUGUSTO FERIN**  
**LIVREIRO E ENCADERNADOR DA CASA REAL**

PREMIADO NAS EXPOSIÇÕES DO PORTO, PARIS E LONDRES

70, RUA NOVA DO ALMADA, 74

LISBOA

Variedade de livros de estudo portuguezes e em todas as linguas, adoptados nos estudos em todo o reino.

Fornecedor dos principaes collegios de Lisboa.

**JOGOS DE LIVROS DE TODOS OS FORMATOS**  
EM BRANCO PARA ESCRITURAÇÃO

**COPIADORES E BIBLORAPTOS**

TINTEIROS, TINTAS, REGOAS, PRENSAS, E MAIS OBJECTOS PARA ESCRITORIO

**PASTAS, BUVARD, CARTEIRAS, CHARUTEIRAS E CARTONAGENS**

**GRANDE E VARIADO SORTIMENTO DE INSTRUMENTOS**

PARA GEODESIA, MATHEMATICA, ETC.

DOS MELHORES AUTHORES DE PARIS E LONDRES — SECRETAN E CASELLA

**ENCADERNAÇÕES EM TODOS OS GENEROS**

DOURADO EM SETIM, VELUDO E SEDA

**PAPEL**

DE TODOS OS FORMATOS PARA DESENHO, E MAIS OBJECTOS NECESSARIOS  
PARA A ENGENHARIA CIVIL, MILITAR E DE MINAS

**GRANDE DEPOSITO**

**DE CIMENTO DE PORTLAND E VASSY**  
E POZZOLANA DOS AÇORES



**M. PINHEIRO CHAGAS**

---

# **PORTUGUEZES ILLUSTRES**

---

**2.ª EDIÇÃO**

**REVISTA, CORRECTA E AUGMENTADA**

**APPROVADA PELA JUNTA CONSULTIVA DE INSTRUÇÃO PUBLICA**

**EM 2 DE ABRIL DE 1873**

**(Diario do Governo de 13 de abril de 1873)**



**LISBOA**

**LIVRARIA DE A. FERIN**

**70, Rua Nova do Almada, 74**

**1873**

CT

1364

P65

1873

682977-1.1

**AOS SEUS EXCELLENTISSIMOS AMIGOS**

**E DISTINCTISSIMOS ERUDITOS**

**OS SENHORES**

**ANTONIO DA SILVA TULLIO**

**E**

**INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA**

**O. D. C.**

*O Auctor.*

SECRET

SECRET

ANTONIO DA SILVA TULLIO

INTELLIGENCE INFORMATION DA SILVA

SECRET

SECRET

## PROLOGO DA 2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

Publicando a segunda edição d'este livro, que foi tão benevolmente acolhido pelo publico, desejei que elle se approximasse, tanto quanto fosse possivel, da perfeição requerida n'estas obras destinadas ao ensino. Para o conseguir, não só augmentei o volume com um grande numero de biographias essenciaes, mas sujeitei-o sobretudo á esclarecida e competentissima revisão dos meus dois excellentes amigos, cujos nomes vão inscriptos na primeira pagina. Acceitaram elles com benevolencia a missão de que ousei encarregal-os, e prestaram-me o seu valiosissimo concurso. Eu não podia escolher melhor.

Os srs. Silva Tullio e Innocencio da Silva são dois mestres da lingua, dois investigadores laboriosos e conscienciosissimos, e são além d'isso dotados de um fino senso critico. Protegido por estes dois nomes respeitaveis, apresento-me com mais confiança diante do publico, sabendo que lhe dou agora uma obra mais digna da sua benevolencia do que o fôra na primeira edição.

Dedicando o meu livro aos meus dois illustres amigos, que honram e nobilitam a litteratura patria, não presto por conseguinte simplesmente homenagem ao seu talento e ao seu saber, pago tambem uma divida de gratidão sincera.

Lisboa, 12 de abril de 1873.

*M. Pinheiro Chagas.*

## PORTUGUEZES ILLUSTRES

---

### VIRIATO

Da numerosa e esplendida familia de grandes homens, com que a nossa patria se ufana, é este o ascendente.

O nome lusitano sôa pela primeira vez no grito de guerra d'este heroico vulto, e leva o terror ao coração da soberba Roma. *Grandesa de character, e patriotismo em grau tão subido*, diz o escriptor francez Charles Romey, *raras vezes se encontrarão na historia de qualquer paiz.*

Uma traição nefanda e sanguinolenta dos romanos fez surgir esta grandiosa figura; outra nefanda traição a fez desaparecer da historia. Os lusitanos, illudidos pela apparente boa fé do cônsul Galba, depõem as armas com que tinham combatido a prol da sua independencia, e dispersam-se por differentes sitios. Então os soldados d'essa Roma republicana, tão affamada pelas suas virtudes, caem sobre elles, e fazem uma terrivel mortandade. Poucos escapam, mas entre esses poucos vae Viriato! — A Providencia vela pelos povos opprimidos.

À sua voz reúnem-se os lusitanos, e protestam vingarse. Viriato ainda não é chefe, pejeja entre os obscuros combatentes. A disciplina romana vence a desesperação d'esses povos selvagens. O pretor Caio Vetilio derrota os miseros mas valorosos pastores, e compelle-os a refugiarem-se n'um monte escarpado.—Festejae bem, romanos, a vossa ultima victoria!

Viriato ~~são da turba, e fedinha~~ ~~os seus~~ compatriotas. Confiam-lhe o commando, e o novo general emprega pela primeira vez o ardil, que tem de ser sempre fatal ás legiões de Roma. Com um troço de cavallaria simula fazer frente ao inimigo; o resto do exercito escapa-se, e, quando Viriato vê salvos os seus, faz meia volta, e some-se da vista do pretor, que fica furioso por vêr fugir-lhe o inimigo, cuja perda julgava segura.

Depois principia a série de victorias de Viriato. Junto a Tribola o mesmo Vetilio é derrotado. Cinco mil homens, que jam soccorrer Tartesso, onde se havia refugiado o resto das tropas romanas, teem equal sorte, sem um só poder escapar. Caio Plaucio é derrotado em batalha campal junto a Evora. Viriato entra triumphantemente na Hespanha citerior, e lança contribuições nas cidades que reconhecem o governo de Roma.

Não é mais feliz Unimano do que os seus antecessores. Caio Nigidio, que traz reforços consideraveis, é completamente destroçado junto a Viseu. Caio Lelio recupéra uma passageira superioridade, que enche d'alegria Roma, consternada ao vêr exercitos sobre exercitos cairem ceifados pela espada do terrivel segador lusitano. Fabio ~~Emiliano~~ vem com missão de acabar a guerra, trazendo um reforço de quinze mil infantes e dois mil cavallos, que reúne ao exercito de Lelio, ás legiões romanas existentes na Hespanha e aos alliados. Todo este immenso poder é destroçado, junto a Óssuna, pelo valente general da Lusitania.



Fabio toma a desforra em Beja; mas Viriato é incansavel: levanta novas tropas, derrota os romanos, encurrallá-os nos seus quartéis em Cordova, e caminha em marcha triumphal: até Granada e Murcia! Toda a Hespanha está entusiasmada com as suas victorias; um immenso terror lavra no seio da bidade eterna: n'este canto do Occidente surge um novo Annibal!

Viriato mostra-se tambem grande politico: aproveita o entusiasmo dos hespanhoes, que o soccorrem com munições e dinheiro, e procura subleval-os contra o inimigo commum.

Roma então faz os ultimos esforços para conseguir firmar o seu dominio na Hespanha; os seus melhores generaes veem á Peninsula; Quinto Metello marcha contra os celtiberos; Serviliano contra os lusitanos.

O côsul romano, duas vezes batido, depois da sua segunda derrota viu-se obrigado a assignar um tratado, em que Roma reconhecia o poder de Viriato. Não o ratificou a republica: enviou á Lusitania um novo general, Scipião, que, recorrendo á astucia, já que nada lucrava com a força, descobriu em dois embaixadores de Viriato dois vis que assassinaram o seu chefe. Assim morreu este homem notavel, o Vercingetorix da Hespanha, no qual Julio Cesar veria, como no defensor d'Alésia, um adversario digno d'elle.

## S. DAMASO

É este um dos varões illustres, que nasceram em terras portuguezas, antes que Portugal tivesse existencia independente. Foi pouco mais ou menos pelos annos de 304 que elle viu a luz, proximo de Guimarães. Passou á Italia, e ali se mostrou um dos mais notavéis confessores da fé christã, como seria naturalmente um dos seus mais intrepidos martyres, se o imperio romano, depois de Constantino ter ascen-

dido ao solio, se não tivesse curvado perante o lábaro vencedor.

Muito favorecido pelo bispo de Roma, Liberio, que successivamente o investiu nos graus de diacono, presbytero, e vigario, foi Damaso, quando o solio pontifical vagou, eleito para o occupar. A sua elevação foi causa de discordias na egreja, e até de derramamento de sangue. Teve um competidor, Urciano, que até com as armas lhe disputou a thiarra; mas as autoridades imperiaes tomaram o partido de Damaso, e a eleição d'este foi reconhecida válida.

Dezoito annos viveu occupando o solio de Roma, venerado por todos os Christãos, estimado por S. Jeronymo, de quem foi amigo e protector, até que falleceu a 11 de dezembro de 384. Canonisou-o a Egreja, tomou-o para padroeiro Guimarães, que se honra de lhe ter sido berço, e S. Jeronymo chamou-lhe *vir egregius, et eruditus in scripturas, et virgo ecclesiae virginis doctor*, palavras que, preferidas pelo austero eremita de Bethlem, equivalem aos mais dilatados elogios.

## D. AFFONSO HENRIQUES

A provincia portugueza fôra separada do reino de Leão pelo conde borgonhez D. Henrique: Aproveitando as discordias que se seguiram á morte d'Affonso vi, foi elle insensivelmente affroixando os laços, que prendiam o condado de Portugal á monarchia de que fazia parte. A sua viuva D. Theresa seguiu o mesmo systema, obedecendo ao vivo sentimento de nacionalidade dos barões portuguezes, que já encaravam como estrangeiros os seus compatriotas do outro lado do Minho; mas o amor, lançando D. Theresa nos braços de Fernão Peres de Trava, fel-a esquecer a missão que se impozêra. O ciume dos seus altivos subditos irritou-se com a idéa de terem d'obedecer a um estrangeiro. A ponto se lhes depara um mancebo, que se declara seu chefe. É o moço D. Affon-

so Henriques; o heroico principe que ha de ser o primeiro rei da nova monarchia portugueza.

Nascido em 1111, contava dezeseis annos, quando principiou a capitanear os descontentes do governo de D. Theresa. Mas n'esse anno de 1127 Affonso vii de Leão, decidindo a impôr a Portugal a vassalagem que este por todos os modos intentava sacudir, invadiu o condado, já acceso em discordias internas. Affonso Henriques estava em Guimarães. Cercado por seu primo, desejoso de se vêr livre do estranho para continuar com sua mãe na contenda, reduzido á ultima extremidade, Affonso consentiu que o seu aio Egas Moniz empenhasse a sua palavra de que os governadores de Portugal reconheceriam a suzerania de Leão. Affonso vii partiu, chamado principalmente por outros cuidados, e a guerra continuou em Portugal mais activa do que nunca. A batalha de S. Mamede, ferida em 1128 junto de Guimarães, deu principio ao governo d'Affonso Henriques, e teve como consequencia o exilio de D. Theresa e do conde de Trava.

Senhor do poder, Affonso Henriques nem mais pensou na promessa de Egas Moniz. Como o leal cavalleiro desempenhou a sua palavra compromettida, vêl-o-hemos no artigo que lhe havemos de consagrar.

Os primeirós annos do governo de D. Affonso Henriques passaram-se em lucta com Affonso vii, que debalde tentava recobrar a sua suzerania. Ainda Affonso Henriques não ousára cingir a corda real, máz já os seus barões e o povo se costumavam a tratá-lo como rei. Uma invasão dos moiros vem chamar a sua attenção para esses inimigos natos de todos os estados christãos da Península. N'uma correria audaciosa chega ao coração do Alemtejo, derrota-os na batalha d'Ourique em 1139, e volta a renovar a lucta com o rei de Leão. Os moiros seguem-n'o desejosos de vingar a affronta: de novo os derrota junto de Trancoso. Na sua contenda com Affonso vii continúa a ser vencedor: ganha em Arcos de Valdevez van-

tagens que, sem serem decisivas, desanimam comtudo o pretendido suzerano. É então que pela primeira vez ousa Affonso Henriques tomar o título de rei. Para colher, como habil politico, o resultado da sua audacia, faz o reino tributario da Santa Sé, e recebe de vigario de Christo a confirmação do seu novo titulo.

O pequeno reino, tendo a fronteira do norte no rio Minho, nem chegava ao Tejo com a fronteira do sul. Leiria era a primeira vedeta. Affonso i toma aos moiros Santarem de sorpresa, Lisboa auxiliado por cruzados vindos do norte, depois Alcacer. Muitas praças caem em seu poder subseqüentemente. O seu nome é o terror dos moiros, que vêem em Ibn-Errik (assim lhe chamam) o flagello da sua raça. Infeliz para o fim da sua vida nas guerras com o rei de Leão, é feito prisioneiro em Badajoz; paga um forte resgate, cae em profundo desalento, mas os ultimos annos da sua existencia doira-os inesperada gloria. Uma formidavel invasão dos moiros é repellida pelo seu heroismo e pelo valor de seu filho D. Sancho, primeiro fructo do seu casamento com D. Mafalda de Saboya. Junto de Santarem a derrota dos sarracenos é completa, e o immenso exercito desfaz-se como as neves ao sopro cálido do estio.

Sobre estes loiros ultimos adormeceu D. Affonso Henriques com o somno da morte, no dia 6 de dezembro de 1185. Verdadeiro heroe da idade média, guerreiro intrepido, politico habil, D. Affonso Henriques tem todos os caracteristicos de fundador de imperios. Chamou-lhe o *conquistador* a historia, nós devemos reyerencial-o como ao vulto gigante que assentou, com mão robustissima, os alicerces da nossa nacionalidade.

## EGAS MONIZ

Typo da lealdade cavalheiresca, este illustre varão apparece nas primeiras paginas da nossa historia, como para santificar e justificar a nova monarchia que vem rompendo, mostrando que tem direito e rasão de ser a nacionalidade que póde inspirar taes e tão nobres sacrificios.

Filho de Muninho Hermigues, Egas Moniz descendia d'uma das mais nobres familias neo-gothicas, d'um dos companheiros de Ramiro III de Leão. Combateu valentemente ao lado do conde D. Henrique, e foi por D. Theresa encarregado de dirigir a educação de D. Affonso. Quando este se revoltou á testa dos barões portuguezes, Egas Moniz seguiu-o. Estava em Guimarães quando foi cercada por Affonso VII. O príncipe portuguez teve de sujeitar-se ás condições que seu primo lhe impoz. Egas Moniz empenhou a sua palavra no cumprimento do tratado.

Quando Affonso Henriques assumiu o governo, nem sequer pensou em cumprir a capitulação. Tambem Egas Moniz não quiz que se sacrificasse a independencia d'um povo, quando a vida d'um homem ou d'uma familia a podia resgatar; porque ao nobre fidalgo repugnava a idéa de que a nova nacionalidade se firmaria n'um perjurio. Para resgatar a sua palavra, encaminhou-se com a sua familia, descalços e de corda ao pescoço, para a corte de Leão. Não podéra cumprir a sua promessa, vinha pagal-a offerecendo em troca a propria vida e a dos seus. Commovido por este rasgo de lealdade, Affonso VII despediu o brioso cavalleiro, solto e livre, com palavras de muito louvor.

Estê feito celebra-o e perpetua-o uma grosseira esculptura contemporanea, lavrada toscamente na pedra do moimento onde jaz o pó d'Egas Moniz desde o anno de 1144, em

que falleceu. Existe o sepulchro no mosteiro beneditino de Paço de Sousa.

Um sobrinho d'Egas Moniz, que teve o mesmo nome, foi talvez o primeiro trovador que suspirou versos na nossa lingua, ainda balbuciante, mas já suave e meiga. O segundo Egas Moniz foi o poeta do amor, mas o primeiro foi em acção o poeta da lealdade.

### GONÇALO MENDES DA MAIA

Este heroico Portuguez pôde bem representar o valor quasi sobre-humano dos nossos antepassados. Pertencente a uma familia já illustre antes de Portugal ser reino, Gonçalo Mendes, fidalgo turbulento e ardido, foi um dos primeiros a acompanhar, ou antes a lançarem D. Affonso Henriques na revolta contra sua mãe. Depois combateu sempre ao lado do moço principe. Era o seu nome o terror dos moiros, e bem podemos dizer que foi elle o Cid portuguez. Chamavam-n'o os seus compatriotas, o *Lidador*, tão incansavel era, tão ardente no batalhar incessante.

Aos noventa annos conservava ainda grande parte das forças e toda a intrepidez, melhor diremos, toda a temeridade da juventude. Era fronteiro de Beja, e saía em correrias contra os moiros, como se estivesse no vigor da vida. Não duvidava affrontar as mais numerosas hostes. N'uma d'essas deseguaes pelejas caiu morto no campo. Contava noventa annos, como dissemos, e foi isto em 1169.

A uma nacionalidade que tem por fundador um politico e um heroe como D. Affonso Henriques, e que apresenta logo ao mundo exemplos de brioso pundonor como o d'Egas Moniz, de valor intrépido como o de Gonçalo Mendes da Maia, estão por força reservados mui gloriosos destinos.

## SANTO ANTONIO

Nasceu em Lisboa em 1195. Era filho de Martim de Bualhões e de Theresa Teixeira. Tomou o habito de conego de Santo Agostinho no anno de 1206, e entrou na religião em 1211, vivendo primeiro no convento dos conegos regrantes de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, e depois na casa da mesma congregação, de Santa-Cruz de Coimbra. O supplicio dos celebrados martyres de Marrocos inspirou-lhe tal enthusiasmo pela nova milicia religiosa dos frades mendicantes de S. Francisco d'Assis, que, deixando a opulenta ordem a que pertencia, vestiu em 1220 o humilde burel dos Francisca-nos, e determinou ir prégar á Africa, anciano por conquistar tambem a palma do martyrio.

No baptismo recebêra elle o nome de Fernando, mas, entrando nas fileiras dos prégadores da fé, tomou o nome de Antonio, já illustrado pelo ascetico ermita da Thebaida, conhecido pelos estrangeiros para o distinguirem do nosso santo, pelo nome do grande Santo Antonio, e entre nós pelo nome de Santo Antão.

Quando atravessava o mar para ir á Africa, foi Santo Antonio salteado por uma enfermidade que o obrigou a desistir da empresa. Mudou o navio de rumo, dirigindo-se de novo para a península hispanica, mas um temporal, que sobrevellu, arrojou-o ás costas sicilianas, d'onde, aproveitando o ensejo, se dirigiu Antonio á Italia a assistir ao capitulo geral convocado por S. Francisco, fundador da sua ordem. O bemaventurado patriarcha ordenou-lhe que prégasse, e lesse theologia aos religiosos, o que Antonio fez com grande applauso em França e Italia, até que morreu em Padua no anno de 1231, reinando em Portugal o infeliz rei D. Sancho II.

Do sitio onde morreu tomaram os estrangeiros, que por

todos os modos desejam roubar-nos as nossas glorias, pretexto para lhe chamarem **Santo Antonio** de Padua, em vez de Santo Antonio de Lisboa, parecendo assim italiano um **santo** que é legitimamente portuguez.

Ora agora, qual o motivo porque este austero prégador, que tão côdo trocou as delicias do mundo pelas severidades do claustro, e depois o repouso das conestias religiosas pelas agruras da vida mendicante, foi feito pelo povo protector dos ridentes folguedos, é o que não poderemos facilmente dizer.

Era tanta a fama da sua virtude e do seu merito, que logo no anno seguinte ao da sua morte foi canonizado pelo papa Gregorio IX.

### PAYO PERES CORREIA

É um vulto épico o d'este infatigavel pelejador, chefe da ordem de Santiago no tempo em que esses freires, guardas zelosos das fronteiras, tinham tambem por missão o alargarem-n'as sem cessar, repellindo os inimigos da cruz, até irem suspender o galope dos seus cavallos, acobertados de ferro, em frente das espumosas vagas do mar do Algarve.

Payo Peres, filho de Pedro Peres Correia e de D. Dordos d'Aguilar, nasceu em Evora; vestindo o manto religioso e guerreiro da ordem de Santiago da Espada, e obtendo em pouco tempo o grau de commendador-mór de Alcacer, e portanto de chefe dos spatharios em Portugal, acompanhou D. Sancho II nas suas expedições contra o Algarve, e, quando esse denodado mas infeliz monarcha despiu a couraça dos combates para ter enfim de se humilhar diante da thiar pontifical, Payo Peres proseguia no seu combate incassante pelos lados de Aljustrel, em quanto, pelos lados de Serpa e Moura, Affonso Peres Farinha com os seus hospi-



talarios não deixava também tréguas aos moiros no ultimo palmo de terra que possuíam em territorio portuguez.

Nomeado em Hespanha commendador-mór de Uclés, e finalmente grão-mestre da ordem em toda a Peninsula, Payo Peres viu alargar-se diante de si o theatro da sua actividade, e, em quanto D. Affonso iii completava a obra de seu irmão D. Sancho ii, de Pedro Peres Correia, e de Affonso Peres Farinha, hasteando a bandeira das quinas nas ultimas fortalezas mouriscas, o grão-mestre portuguez, á frente dos spatharios de toda a Hespanha, acompanhava nas suas grandes luctas Fernando iii, que lhe deveu a tomada de Jaen, contribuia poderosamente para a conquista de Murcia, e tal reputação adquiriria em toda a Europa, que, na cruzada europeia, que se projectou para livrar Luiz ix de França, captivo dos moiros em Damietta, o heróico portuguez foi escolhido para commandar a vanguarda. A cruzada não se levou a effeito, mas parece que Payo Peres Correia não desistiu de assignalar o seu valor em terras orientaes, soccorrendo, contra os gregos, Balduino de Flandres, imperador de Constantinopla.

Cheio de gloria, com uma reputação europeia, em época em que a fama não tinha azas tão rapidas como agora, respeitado em Portugal, estimado na Hespanha, Payo Peres Correia falleceu a 10 de feveiro de 1275.

Uma chronica da conquista do Algarve, que não é mais do que uma colleccção de lendas sem fundamento historico, attribue ao valente grão-mestre de Santiago as mais inverosimeis façanhas; mas, exaltando o seu valor no theatro limitado do Algarve onde pelejava por fim com um punhado de moiros desalentados, e, pelos progressos das armas christãs, cortados do resto da Hespanha arabe, prejudicam forçosamente os verdadeiros e sublimes feitos do cavalleiro portuguez na presença dos castelhanos, e em mais terribes campos de batalha. É necessario que todos se con-

vençam de que a historia portugueza não precisa de fabulas que a doirem. A verdade singela é mais formosa do que as invenções de mentirosos chronistas.

## O PAPA JOÃO XXI

Pedro Julião, conhecido na Europa pelo nome de Pedro Hispano, foi um dos mais insignes philosophos da idade média. Nasceu em Lisboa, estudou em França na universidade de Pariz, ou na de Montpelier, e, dedicando-se mais especialmente á medicina, tornou-se notavel pelas suas obras n'esse ramo, e pelos seus compendios de philosophia; geralmente adoptados na Europa durante a idade média. Tendo tomado ordens sacras, foi prior de Santo André em Mafra, depois conego e deão da Sé de Lisboa, thesoureiro-mór da Sé do Porto, e arcebispo de Vermuim na Sé de Braga. Mas a sua fama européa compellia-o a não esconder a luz do talento no estreito recinto da patria. Chamava-o a Italia, a córte pontifical; attrahia-o a lucta dos concilios; a igreja enfim necessitava do prestimo de tão illustre varão. Já na Italia, foi nomeado arcebispo de Braga, mas nunca exerceu esse cargo, preferindo o bispado tusculano que lhe foi conferido por Gregorio x, juntamente com a dignidade cardinalicia. Tendo morrido em 1276 o papa Adriano v, succedeu-lhe o Portuguez Pedro Julião, que tomou o nome de João XXI.

Apesar de subdito d'Affonso iii, não deixou de pugnar pelos interesses da igreja contra o seu antigo soberano, e a lucta asedar-se-hia indubitavelmente, se não viesse a morte surprender João XXI depois d'oito mezes de pontificado.

Falleceu a 16 de maio de 1277, esmagado pelas ruinas d'uma casa em Viterbo. A curta duração do seu governo não nos permite que o avaliemos como homem politico, mas, como homem de sciencia, foi um dos mais eminentes

d'esse brilhante seculo xiii, que teve por luminares scientificos Rogerio Bacon, Alberto Magno, e tantos outros. Não deixou Portugal de ter o seu representante n'este congresso de grandes espiritos, que deram principio na Europa ao renascimento dos bons estudos.

#### D. DINIZ

O rei lavrador, sabio e poeta, era filho de D. Affonso III e da rainha D. Beatriz, e nasceu em Lisboa no dia 9 d'outubro de 1261. Recebeu uma educação superior á dos principes do seu tempo, educação dirigida por Aymeric d'Ébrard, sabio francez, que illustrou a universidade de Pariz, onde estudára. Creação, obteve, pela sua graça infantil, de seu avô maternal, D. Affonso X de Castella, concessões que graves embaixadas não alcançavam. Ainda não tinha dezoito annos quando seu pae, falto de saude e opprimido por dissabores, lhe confiou as rédeas do governo. Subiu ao throno no dia 16 de fevereiro de 1279; a sua prudencia e o seu tacto mantiveram a paz exterior, e a paz interna, domando com energia as pretensões do clero, ao passo que lhe tirava todos os pretextos rasoaveis de descontentamento. A nobresa impôz tambem um freio, limitando-lhe o poder, e coarctando-lhe as tentativas desordeiras. Não querendo ser cúmplice das iniquidades que deram motivo, e que se seguiram á abolição, aliás justa, dos Templarios, extinguiu a ordem, mas fundou outra, a de Christo, para a qual transferiu os bens do Templo. N'essa nova ordem professaram os Templarios portuguezes. Protegeu immensamente a agricultura, e por isso a historia lhe chama o *rei lavrador*; fundou verdadeiramente os bons estudos em Portugal, creando em Lisboa a universidade, que depois mudou para Coimbra; deu existencia positiva á lingua portugueza, polindo-a como escriptor, e empregando-a pela primeira vez

nos actos officiaes; socegou o reino, desenvolveu a população, e sanou os males das guerras civis, construindo e reedificando castellos, villas e logares; ampliou a marinha, plantando o pinhal de Leiria, cujas madeiras deviam ser tão aproveitadas para construcções navaes, e chamando ao reino habeis pilotos e um almirante genovez; emfim, em todos os ramos da administração se fez sentir a próvida iniciativa de D. Diniz.

Gosava entre o povo d'immensa popularidade, e era lá fóra tão apreciado que os reis d'Hispanha o tomavam por arbitro nas suas discordias.

Foi casado com Isabel, princesa d'Aragão, que hoje a igreja venera como santa, e cujas virtudes cercaram de suave aureola o throno, illustrado pela alta intelligencia do rei D. Diniz.

Os primeiros annos do reinado d'este monarcha foram turvados por discordias, que seu irmão, D. Affonso, suscitou; mas os ultimos amargurou-lh'os um filho, o futuro D. Affonso iv, de caracter arrebatado e um tanto selvagem, instrumento d'ambiciosos, que o incitaram a impias révoltas;

Santa Isabel representou sempre n'estas deploraveis desavenças o papel de conciliadora. Nemi sempre seu proprio marido lhe soube apreciar as virtudes; mas nunca a melga rainha deixou de sacrificar tudo para restituir a paz ao reino e á familia real.

D. Diniz falleceu no dia 7 de janeiro de 1325. As suas poesias correm agora impressas, e mostram n'elle um discipulo muito notavel dos trovadores da Provença. A lingua portugueza ainda está na infancia, a metrificacão ainda é pouco harmoniosa, mas algumas canções graciosamente melancolicas do rei poeta já trazem em si o cunho de mimosa tristeza, que ha de sempre caracterisar a nossa poesia.

## D. JOÃO I

O heroico fundador da dynastia d'Aviz era filho bastardo de D. Pedro I e de D. Theresa Lourenço. Nasceu em Lisboa a 12 d'abril de 1357. Em creança deu-lhe seu pae o mestrado da ordem d'Aviz. Tinha dez annos, quando subiu ao throno seu irmão D. Fernando. Foi sempre muito popular, e essa popularidade acarretou-lhe os odios de D. Leonor Telles, a adúltera, que o mandou prender sob um pretexto frivolo, e tramou assassinal-o. Quando morreu D. Fernando, a corôa ia passar para D. João I de Castella, esposo de sua filha D. Beatriz, auxiliado pela regente D. Leonor Telles, e pelo escandaloso valido da rainha, João Fernandes Andeiro, fidalgo de Galliza e conde d'Ourem. O povo irritava-se, inquietava-se, procurando a salvação das mãos d'um chefe energico. Tomando uma resolução decidida, em dezembro de 1383 o Mestre d'Aviz apunhalo o conde Andeiro nos paços da rainha. Á sua voz o povo subleva-se, D. Leonor foge para Alemquer, e os lisbonenses acclamam D. João defensor do reino, regeitando violentamente a realesa do soberano de Castella. Em toda a parte os povos seguem o impulso de Lisboa, expulsando dos seus castellos a nobreza, que em grande parte se bandeára com os castelhanos. O esposo de D. Beatriz quer assegurar por meio das armas os seus direitos á corôa, mas o Mestre d'Aviz tem ao seu lado Nuno Alvares, na sua rectagnarda o povo ardente em defender a sua independencia. O numeroso exercito castelhano, cerca Lisboa: a cidade defende-se heroicamente, suportando com intrepidez os horrores do assedio. Nuno Alvares ganha no Alentejo a batalha d'Atoueiros. O rei de Castella, depois d'enormes perdas, levanta desanimado o cerco, e retira para o seu paiz. As côrtes portuguezas, reunidas em Coimbra, e arrastadas pela eloquencia de João das Re-

gras, proclamam rei o Mestre d'Aviz. Os castelhanos preparam nova invasão: uma parte das suas forças é destróçada na batalha de Trancoso pelos portuguezes commandados por Martim Vasques da Cunha, e Gonçalo Vaz Coutinho. O rei de Castella entra comtudo em Portugal, á testa d'um grande exercito. É pequenissima a hoste portugueza, mas Nuno Alvares Pereira vota péla batalha, que se trava em Aljubarrota, sendo os nossos seis mil e trinta mil os inimigos. Os castelhanos são completamente derrotados n'essa memoravel batalha, no dia 14 d'agosto de 1385, que fica marcado como um dia de lucto nos annaes de Castella.

Em outubro d'esse anno o condestavel Nuno Alvares Pereira invade o paiz inimigo, e ganha a memoravel batalha de Valverde. A guerra continúa por muitos annos, allian-do-se o rei de Portugal com o duque de Lencastre, preten-dente á corôa de Castella, até que em 1393 um tratado reconhece a independencia de Portugal.

El-rei casára com a filha do seu alliado, Philippa de Lencastre, senhora dotada de raras virtudes, optima educadora, a cujas lições e exemplos deve Portugal a brilhante pleiade d'infantes que rodeia o throno portuguez n'essa época.

A actividade portugueza não se satisfazia com a paz, e D. João I, para dar expansão a esse ardor que consumia os seus subditos, instigado pelos filhos, que ardiam em desejos de ganhar com grandes feitos as suas esporas de cavalleiros, dirige uma expedição contra os moiros d'África. Ceuta cae-lhe nas mãos, e a primeira conquista nossa é a formosa cidade, que domina o estreito, e que será, como diz Schaeffer, o primeiro elo da longa cadeia, que ha d'ir engastar o seu ultimo e doirado anel no paraizo da India.

Foi no dia 21 d'agosto de 1415 que essa conquista se effectuou: em julho d'esse anno morrêra a rainha D. Philippa; e dezoito annos depois, a 14 d'agosto de 1433, an-

niversario d'Aljubarroça, descia ao tumulo o rei mais popular que teve Portugal.

D. João I, chamado pelos historiadores o de *boa memoria*, teve a felicidade de fundar em solidas bases a nossa independencia, e de encetar, com a tomada de Ceuta, o caminho que nos havia de conduzir á gloria. Durante o seu reinado se iniciaram os descobrimentos; durante o seu reinado se erigiu a Batalha, esse formoso monumento, onde a arte portugueza lavrou em pedra a primeira estrophe da epopéa dos nossos grandiosos feitos.

Quando voltámos os olhos para o passado de Portugal, vemos muitas e nobilissimas figuras; mas ha um vulto luminoso, que a todas sobreleva, é o vulto de D. João I.

## JOAO DAS REGRAS

Nasceu em Lisboa, e foi filho de Affonso Annes e de Silvestra Esteves. Passou de Portugal á Itália, e estudou direito na celebre universidade de Bolonha, d'onde voltou grande admirador das leis do antigo imperio romano, leis que a Europa começava tambem a acolher com enthusiasmo, e que os doutos jurisconsultos á porfia commentayam.

Foi elle um dos que mais contribuíram para que nos codigos portuguezes, começados a compilar por D. João I, predominasse a legislação romana restaurada entre as velhas usanças e antigos fóros do reino. Em 1382 estava de volta a Portugal, e já tinha grande nomeada; tanto que el rei D. Fernando o consultava em assumptos d'importancia. Tomando em 1383 partido pelo Mestre d'Aviz, foi por elle nomeado chancelier interino. Em 1385, nas côrtes de Coimbra, a sua voz eloquente, e o vigor e subtileza dos seus raciocinios decidiram a favor do Mestre d'Aviz o litigio da successão da corôa. D. João I foi-lhe sempre reconhecido. Assim como Nuno Alvares Pereira era, em coisas de

guerra, o seu braço direito, era-o em coisas d'administração o doutor João das Regras. D'esta partilha de valimento, e mais ainda do antagonismo das suas idéas, resultou entre o condestavel e o chanceller tal inimidade, que nunca se extinguiu.

João das Regras morreu a 3 de maio de 1404. Homem astucioso, prestou a Portugal grandes serviços, defendendo nas côrtes, com a candidatura do Mestre d'Aviz, a causa da independencia, e concorrendo, como ministro, pelo politico systema que inspirou a D. João I, para abater o orgulho e a preponderancia da nobresa. João das Regras foi o predecessor de D. João II, como D. João II de Sebastião de Carvalho, como este o foi, involuntariamente e sem ter d'isso consciencia, da revolução liberal, que, arrasando os privilegios, estabeleceu sobre as ruínas d'elles a triumphante egualdade.

### D. NUNO ALVARES PEREIRA

É o mais brioso paladino da nossa historia, e um dos mais notaveis guerreiros de Portugal. Foi, bem o podemos dizer, o Achilles portuguez, porque foi como Achilles invencivel. Nasceu a 24 de junho de 1360 no Bomjardim, junto da villa da Cerilã segundo as melhores opiniões; era filho do prior do Crato D. Alvaro Pereira, que na batalha do Salado muito se distinguira. Enthusiasta, desde creança, pelos romances de cavallaria, folgando de imitar os heroes d'esses livros, sempre valentes como as armas e leaes como as suas espadas, distinguio-se já nas guerras de D. Fernando contra Castella; mas a sua brilhante carreira começa verdadeiramente, quando, em 1383, tomando o partido do Mestre d'Aviz, o eleito do povo, a quem consagra desde então affecto inabalavel; se mostra o mais firme esteio do seu throno, e da independencia da patria. É o terror dos castelhanos; o seu valor, e ao mesmo tempo o seu instincto militar, sem-



pre lhe asseguram a victoria; derrota-os em Atoleiros no Alemtejo em 1384; vò a Coimbra a sustentar nas côrtes a causa do Mestre d'Aviz; aconselha-o, quasi que o obriga, a dar a batalhã d'Aljubarrota; contribue mais do que ninguém para essa gloriosa victoria; entra depois em Castella com cinco ou seis mil homens; destroça em Valverde junto do Guadiana trinta e trez mil castelhanos; em todas as invasões, em todós os recontros, é sempre o primeiro na vanguarda. Quando a guerra da independencia termina, e a expedição de Ceuta se resolve, lá vae ainda entre os expedicionarios o velho condestavel! O seu rei e seu amigo fel-o conde de Barcellos, conde d'Ourem, conde d'Arrayolos, condestavel do reino, mordomo-mór do paço; assim recompensado e poderoso, larga tudo para ir viver vida modesta e obscura, no silenciô do claustro, recolhendo-se ao convento do Carmo, que fundára em Lisboa, e onde morreu a 1 de novembro de 1431.

Sua filha D. Isabel casou com D. Affonso, filho bastardo de D. João I; e d'esse matrimonio proveio a casa de Bragança, que hoje occupa o solio de Portugal.

Valente, ninguém o foi mais; de lealdade, era um modelo; austero nos costumes, religioso, a todos dava o exemplo da piedade e da moralidade. Desabrido ás vezes com o seu rei, que lhe tolerava tudo, cheio de preconceitos da velha nobresa, resistindo por conseguinte ás tentativas de D. João I para aplanar, em volta do solio, esse terreno desigual, formado pelas classes privilegiadas; esquecia todos os dissentimentos, quando o seu companheiro d'armas, o seu amigo lhe estendia os braços. Aquelle espirito entusiasta e eternamente juvenil, aquelle coração d'ouro, conservavam sempre vivida, como em sacrario íntimo, a chamma da amizade fraternal, que unira desde tenros annos os dois heróes d'Aljubarrota.

Era verdadeiramente uma figura épica a do Condestavel,

mas tinha no character a bondosa mansidão dos fortes. Se a sua physionomia, na agitação das batalhas, lembra as figuras da Iliada, na meia luz da intimidade traz-nos á memoria aquellos vultos que Homero, na Odysseá, tão docemente agrupa em torno dos velhos lares da Grecia.

### AFFONSO DOMINGUES

É este o nome do primeiro architecto da Batalha; assim, pelo menos, nol-o faz suppôr um documentó de 1402. A tradição e a lenda apoderaram-se d'este personagem, acerca do qual nada se sabe com certeza, e fizeram-n'o um verdadeiro heroe de romance. O logar do seu nascimento parece ter sido Lisboa.

O convento da-Batalha, erigido por D. João I, em cumprimento d'um voto que fizera na batalha d'Aljubarrota, é uma das mais bellas reliquias da arte da idade média que na Europa se admiram. Esses seculos mysteriosos, tão calumniados posteriormente, mas que foram o periodo de gestação da civilisação moderna, e os que lhe imprimiram o cunho da sua originalidade, fizeram desabrochar as cathedraes, flôres maravilhosas da arte christã, poemas do mysticismo d'essas éras, a que falta a regularidade classica, mas em que gira a vigorosa seiva, que borbulha em todos os cinzelados labores da architectura gothica.

Como as cathedraes de Colonia, de Strasburgo, d'York, a egreja da Batalha avulta entre os primores da arte da meia-idade, e revela bem, na sua orgulhosa mole, a energia do povo, que, tendo alcançado definitivamente a sua independencia, soubêra conquistar na Europa um dos mais importantes logares, confirmado depois pelos prodigiõs da sua carreira aventureira, e pelo desenvolvimento que imprimiu á civilisação do mundo.

## D. DUARTE

Filho mais velho de D. João I, D. Duarte o *eloquente*, que nascêra em Viseu no dia 31 d'outubro de 1391, succedeu-lhe no throno, aos quarenta e dois annos d'edade. Sabio, valente e bom, só uma qualidade lhe faltava, a energia, e essa falta bastou para que o seu reinado fosse desventuroso. Não pôde resistir ás instancias de seus irmãos, o infante D. Henrique e o infante D. Fernando, e concedeu-lhes que emprehendessem a expedição de Tanger, que tão desastrosa foi. As consequencias d'esse infortunio enluctaram os cinco annos do seu curto e amargurado governo. Desejoso de resgatar seu irmão D. Fernando, e vendo a impossibilidade em que o reino estava de o livrar á força d'armas, ou de pagar o avultadissimo resgate, que poderia dissuadir os mouros d'exigirem Ceuta a troco do infante, D. Duarte passou crueis tormentos, e, quando a peste o matou depois de cinco annos de reinado, em 1438, prostrava apenas um corpo abatido, e soltava dos laços terrenos uma alma dilacerada por todos os espinhos.

A historia chamou-o *eloquente*, porque foi elle verdadeiramente o pae da prosa portugueza, foi elle quem primeiro a poliu; e lhe deu côr e expressão. O seu livro de *Leal conselheiro*, além de conter maximas purissimas, e de revelar em D. Duarte um philosopho apar dos conhecimentos do seu tempo, é o primeiro livro de boa prosa que em Portugal se escreveu.

Foi tambem D. Duarte o primeiro soberano que reuniu no paço uma collecção de livros, a que bem podemos dar o nome de bibliotheca. Tanto amor das letras, tanta intelligencia, tanta erudição, tanta bondade nativa, nada d'isso pôde o reino gosar! Morreu, victima da fatalidade, quando podia desenvolver os seus dotes; quando, remediada a primeira im-

prudencia, podia tranquillamente dirigir, com auxilio de seu irmão D. Pedro, a organização civil e administrativa do paiz.

### INFANTE D. PEDRO

Astro d'essa esplendida pleiade dos filhos de D. João I, que todos mais ou menos illustraram a sua patria, D. Pedro, duque de Coimbra, nasceu em Lisboa a 9 de dezembro de 1392. Como seus irmãos D. Duarte e D. Henrique, distinguu-se na tomada de Ceuta, onde foi, como elles, armado cavalleiro. Em 1424, ou, segundo outros, em 1416, saiu de Portugal para viajar; percorreu a Europa, e uma parte da Asia, e chegou, segundo se diz, até Bagdad. A grande cópia de conhecimentos que adquiriu n'essas viagens, e que de muito serviram a seu irmão D. Henrique, a instrucção que recebêra no seio da familia, e o seu natural e altissimo talento, fizeram d'elle um dos principes mais sabios do seu tempo. Foi além d'isso poeta notavel, considerado como um dos melhores entre os poetas contemporaneos nas Hespanhas, onde já resplandecia João de Mena, louvado pelo proprio D. Pedro em versos que egualam, se não excedem, os do escriptor de quem eram panegyrico.

Tambem foi bom prosador em lingua portugueza, mas o que maior gloria lhe grangeiou foi o seu elevado genio politico, de que deu provas irrefragaveis, quando ficou regente do reino em 1438, por morte do rei D. Duarte, e durante a menor-idade de seu sobrinho D. Affonso v. O seu talento e a sua inteiresa tinham-lhe concitado grande numero d'inimigos, que lhe encheram de dissabores e d'obstaculos o governo, e que excitaram contra elle o rei, seu sobrinho e seu genro, apenas chegou á maioridade. Vindo de Coimbra a Lisboa, para se justificar, D. Pedro encontrou nos plainos d'Alfarrobeira D. Affonso v, á testa d um exercito, como se fosse combater um rebelde. A diminuta hos-

te, que escoltava o infante, foi trucidada n'essa carnificina, a que mal podemos dar o nome de batalha, e o nobre infante D. Pedro lá ficou entre os outros, crivado de feridas, tendo ao lado o seu companheiro d'armas, D. Alvaro Vaz d'Almada, conde d'Avranches na Normandia, que lhe vota-va o leal affecto que n'essas éras nascia da fraternidade cavalheiresca. Esta infausta batalha travou-se no dia 20 de maio de 1449.

O infante D. Pedro, ainda que não tivesse tão desastroso fim, ehamaria a attenção da historia pelas suas elevadas qualidades politicas e administrativas, pelo seu talento d'escriptor, pela nobresa e integridade do seu character; mas os seus adversarios, manchando com o seu nobre sangue as paginas d'um reinado nascente, deram ao homem, que em silencio caiu nos plainos d'Alfarrobeira, enrançada com a corôa civica, a grinalda do martyrio.

## INFANTE D. HENRIQUE

O homem, a quem Portugal deve a iniciativa que lhe deu immortal repome, entre as nações que mais concorreram para a civilisação do mundo, foi filho do rei D. João I e de D. Philippa de Lancastre, e nasceu no Porto a 4 de março de 1394. Recebendo, como todos os seus irmãos, a esmerada educação, que sua mãe, modelo de princessas, lhes soube dar, logo D. Henrique manifestou decidida propensão para os estudos mathematicos, adquirindo, n'esse ramo da sciencia humana, os mais dilatados conhecimentos, que no seu tempo era possível adquirir-se. Como cavalleiro, ganhou grande fama na tomada de Ceuta, cujas honras, a bem dizer, lhe couberam, e onde praticou prodigios de valor. Voltando a Portugal, depois d'essa feliz e primeira expedição africana capitaneada por seu pae, movido pelo desejo de dilatar a fé christã e os conhecimentos humanos, convenci-

do, tanto pela leitura dos antigos, como pelas noticias que na Africa obtivera, e pelas que depois seu irmão D. Pedro, de volta das suas longas viagens, lhe communicou, de que muitas e desconhecidas terras estavam para o sul da Africa immérsas no esquecimento, determinou procural-as, e os cavalleiros da sua casa, e os da ordem de Christo, de que era mestre, começaram, incitados pelos seus preceitos e pelos seus promettimentos, a devassar esses mares nunca d'antes navegados, que a imaginação popular semeára de terrores. Foram coroados os seus esforços; as ilhas do Porto-Santo, Madéira e dos Açores surgiram, cingidas com o seu diadema de verdura, do abysmo das aguas onde a ignorancia as sepultava; os cabos Não e Bojador, successivamente vencidos, revelaram a audacia dos portuguezes, e mostraram-lhes em recompensa a costa africana, povoada e coberta de luxuriante vegetação. Entretanto, D. Henrique, no seu palacio de Sagres, na extremidade do cabo S. Vicente, onde fundára uma escola, em que se aprendiam as sciencias necessarias aos mareantes, debruçado para as vagas, esperava ancioso as caravellas, que n'esses mares verdes corriam á ventura, e tinha sempre para os que voltavam recompensas ou estímulos.

Distrahido não, mas desviado, d'um modo immediato, d'esses disvelos pela empresa desgraçada de Tanger, que aconselhou e commandou, D. Henrique teve na sua existencia uma provação cruel, que foi a do captiveiro de seu santo irmão D. Fernando. Por muito tempo se não consolou d'esse infortunio, de que fora causa involuntaria; mas emfim tornou de novo á sua faina de descobrimentos, até que morreu em Sagres a 13 de novembro de 1460, deixando o mundo assombrado e Portugal dominando em trezentas e tantas leguas de costa africana, até ahi desconhecida ou julgada inhabitavel, e n'uma grande parte d'esses archipelagos que esmaltam o Oceano Atlantico.

Foi D. Henrique bravo, generoso, perseverante, e homem d'esclarecido espirito e de muito alta intelligencia: a elle, mais do que aos Colombos e aos Gamas, deve a civilisação moderna o poder espraiair a sua luz no orbe immenso, por toda a parte revelado ao homem. Foi elle o primeiro que, mergulhando a vista d'aguia nas profundezas do horisonte, descortinou, para além do Oceano, desconhecidos mundos.

### INFANTE D. FERNANDO

Oitavo filho de D. João I e D. Philippa de Lencastre, nasceu o infante D. Fernando em Santarem a 29 de setembro de 1402. Educado com extremos d'affecto, porque pareceu ao principio debil e de pouca vida, nem por isso foram menos perfectos e cultivados o seu espirito e o seu character. Ardentemente religioso, mas sem demasias supersticiosas; amando a sua patria, mas não folgando de derramar sangue para augmentar a sua gloria; mais por cumprir um dever que a opinião da época impunha aos principes, do que para ceifar loiros que o não tentavam, promoveu a expedição de Tanger, e instou com seu irmão, el rei D. Duarte, para que lhe consentisse tomar parte n'ella. A expedição foi desgraçada: o exercito, commandado pelos dois infantes D. Henrique e D. Fernando, viu-se obrigado a capitular com os mouros, e a condição da retirada dos portuguezes a são e salvo foi a entrega de Ceuta, ficando como penhor do cumprimento da promessa o infante D. Fernando, que a nossa historia com razão proclama o Infante Santo, ou o Principe Constante. Repugnava aos portuguezes a entrega de Ceuta, e D. Fernando foi o primeiro a aconselhar que não se largasse a conquista de D. João I, e a offerecer-se como a victimna expiatoria d'esse perjurio. Então nas trévas do carcere, em que os mouros o mergulharam, resplandeceram, como as estrellas no véo da noite, as virtudes do Infante

Santo. Soffreu com heroica paciencia os máos tratos; os insultos dos moiros; morreu emfim a 5 de junho de 1443.

Repoisa de certo no seio de Deus este principe, cuja re-signação angelica perfuma, com fragrancias de virtude, a historia portugueza.

## GIL EANES

Nada se sabe d'este illustre navegante, senão que era de Lagos. O anno do seu nascimento, o anno da sua morte, o sitio onde as suas cinzas repoisam, caíram no esquecimento. E comtudo foi elle o heróe que primeiro quebrou o encanto que cerrava o Oceano aos navegantes, ultrapassando o limite, imposto pela ignorancia e pela superstição ás expedições dos europeus.

Desde 1415 que o infante D. Henrique enviava navios a correrem a costa africana sem que nenhum ousasse passar adiante do Bojador; suppunham para a'ém o mar das Trévas, temerosas correntes, paizes requeimados pelo sol.

Em 1433 tentou Gil Eanes a empresa: recuou desanimado. Em 1434, instigado pelos conselhos e pelas promessas do infante, voltou ao commettimento e venceu-o emfim: dobrou o cabo Bojador, e viu que o mar era para além egual ao que banhava as costas portuguezas, pequena façanha para os navegantes d'hoje, mas enorme se pensarmos nas preoccupações dominantes n'aquella época.

No anno seguinte, voltou Gil Eanes, acompanhado por Affonso Gonçalves Baldaya, a proseguir as explorações; depois foi commahdando um navio na expedição capitaneada por Lançarote. A sua fama era tal que todos desejavam levar consigo o aventureiro piloto.

O vulto de Gil Eanes parece bem pequeno ao lado do de Vasco da Gama; é certo porém que, sem a pequenina façanha de Gil Eanes, nunca se poderia realisar o grandioso feito da circumnavegação da Africa. Gil Eanes foi um precursor.



## FERNÃO LOPES

Pouquissimo se sabe da vida d'este eminente chronista, a quem verdadeiramente podêmos chamar o pae da historia e da prosa portugueza. O que dos documentos e escriptores contemporaneos consta indubitavelmente, é que foi secretario do infante D. Fernando, filho de D. João 1, e tambem d'el rei D. Duarte, antes de subir ao throno; que exerceu por trinta e tantos annos o cargo de guarda-mór da Torre do Tombo; e que el rei D. Duarte o encarregou d'escrever as chronicas dos reis seus antecessores, desde o principio da monarchia, o que elle desempenhou fielmente, levando a historia portugueza até ao principio do seculo xv.

D'esta vasta collecção apenas sobrevivem as chronicas de D. Pedro 1, D. Fernando 1, e D. João 1; as outras sumiu-as ou a malevolencia de subsequentes chronistas invejosos, ou o descuido, que é entre nós vicio antigo. As chronicas, que existem, bastam comtudo para que Fernão Lopes se revele o mais eminente historiador de seu tempo. Nem Froissart, nem Villani possuem a mestria de traço d'este animado pintor da mais agitada e mais notavel época da historia portugueza, aquella em que domina o vulto do Mestre d'Aviz. Ao toque magico do seu estylo pittoresco os obliterados panoramas retomam vida e côr, as assembléas tumultuosas, os motins da praça publica, as pelejas homericas, tudo ali revive com uma simplicidade, que não exclue o colorido. Ao mesmo tempo essas chronicas ainda mais valor adquirem, ao sabermos que Fernão Lopes trabalhava tão conscienciosamente, que não deixava cartorio que não revolvesse, testemunha dos feitos narrados a quem não consultasse.

Não sabemos dos annos que Fernão Lopes viveu, senão que era em 1448 guarda-mór da Torre do Tombo, que em 1454 se demittiu espontaneamente, e que ainda existia em

1459, como consta d'uma concessão feita por Affonso v. Os seus ingratos contemporaneos esqueceram-se de nos transmittir outras particularidades da vida d'esse homem, que foi uma das mais brilhantes glorias portuguezas; mas tão unido anda o seu nome á historia que narrou, que não podêmos separal-o da Iliada de 1385, assim como dos feitos da guerra de Troya não podêmos desprender o nome augusto de Homero.

### D. DUARTE DE MENEZES

Foi este homem illustre filho bastardo de D. Pedro de Menezes, governador de Ceuta, e conde de Vianna, passou desde a infancia a sua existencia na Africa, sendo o flagello dos moiros, que lhe sentiram frequentes vezes o fio da espada. Com o terror da sua visinhança despovoou-se Tetuão. Vindo ao reino, distinguuiu-se muito em escaramuças com os castelhanos que entraram em Portugal a soccorrer a rainha D. Leonor contra o infante D. Pedro. Voltou a Africa na companhia de D. Affonso v, e foi nomeado governador de Alcacer-Ceguer. N'esse posto continuou a praticar admiraveis façanhas d'alto lote. Morreu, pelejando heroicamente para cobrir a retirada do exercito commandado pelo soberano, a 21 de março de 1464.

É D. Duarte um d'esses homericos varões, cujas heroicas façanhas dão assumpto aos cantos sublimes da nossa epopéa africana, epopéa que se abre com a ode de Ceuta, e que fecha com a elegia d'Alcacer-Kibir.

### GOMES EANES DE AZURARA

O successor de Fernão Lopes, inferior em merecimento ao grande chronista da idade media, nem por isso deixa de ser crêdor da veneração da posteridade. Sabe-se pouco da sua vida. Existiu no meiado do seculo xv. Filho de João

Eanes de Azurara, já era commendador de Alcainça na ordem de Christo no anno de 1454. Pouco se applicára ás letras até á idade viril, mas depois tão distincto se tornou, que Affonso v, erudito e optimo apreciador do merito litterario, o escolheu para guarda-mór da Torre do Tombo, bibliothecario da sua livraria do Paço, e continuador de Fernão Lopes na chronica de D. João I, cuja ultima parte escreveu.

Tambem d'elle restam a *Chronica de D. Pedro de Menezes* primeiro governador de Ceuta, a do celebre D. Duarte de Menezes de quem fallámos no artigo anterior, e a *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné*, a mais importante das suas obras. Não sabemos o anno da sua morte, nem mais particularidades da sua existencia, senão a grande estima em que o tinha el rei D. Affonso v, como se deduz d'uma carta amabilissima que lhe escreveu, durante uma viagem que o historiador fez a Tanger.

O estylo de Gomes Eanes resente-se da falta de instrucção que teve até annos adiantados; affecta a proposito de tudo uma erudição que mostra quanto deseja fazer gala de conhecimentos colhidos de fresco, mas nem por isso deixam de se ler com bastante gosto as suas animadas e pittorescas descripções. O escrupulo no apuramento da verdade é o seu grande predicado historico: sincero e ás vezes rude na apreciação dos vultos cujas façanhas narra, escrevendo só á vista de informações fidedignas, tornou as suas chronicas merecedoras de todo o credito, e sobretudo lançou luz preciosa na época obscura das nossas primeiras navegações.

### CARDEAL D'ALPEDRINHA

D. Jorge da Costa, conhecido pelo nome de cardeal d'Alpedrinha, porque nasceu n'essa villa da Beira, no anno de 1406, foi varão de muitas prendas, mestre da infanta D. Ca-

tharina, filha d'el rei D. Duarte, confessor de D. Affonso v, bispo d'Evora, e arcebispo de Lisboa. Quando D. Affonso v voltou de França a reivindicar a corôa, que já entregara a seu filho D. João II, o cardeal d'Alpedrinha foi um dos que aconselharam ao *principe perfeito* que não conservasse o diadema, e D. João II seguiu o conselho, mas não gostou de que tão promptamente lh'o dessem. O arcebispo percebeu-o, e logo se pôz a salvo em Roma das vinganças do monarcha. Na capital do orbe catholico exerceu grande influencia, sendo devida ao seu prestigio a eleição do papa Alexandre VI, coisa por que a humanidade lhe não deve estar muito agradecida. Apesar de se ter malquistado com o rei, serviu a sua patria sempre com zelo em diferentes missões, de que officiosamente se encarregou. Morreu a 19 de setembro de 1508, na propecta idade de 102 annos. Era filho de Martim Vaz e de Catharina Gonçalves.

## D. JOÃO II

Filho de D. Affonso v, e de sua prima D. Isabel, filha do infante D. Pedro, nasceu D. João II no dia 3 de maio de 1455. Cedo começou a revelar as brilhantes qualidades que o distinguíam; o seu valor pessoal manifestou-se esplendidamente na tomada d'Arzilla, em 1471, quando, tendo apenas 16 annos d'idade, foi armado cavalleiro por seu pae, no fim da peleja, onde a sua espada se banhára á farta em sangue moiro.

Tinha apenas 20 annos quando ficou encarregado da regencia do reino, em consequencia da partida de seu pae para a expedição de Castella, e deu logo provas d'habilissimo administrador; contava 21 annos quando em Toro salvou a honra das armas portuguezas, e ganhou do seu lado a batalha enquanto as cohortes d'Affonso v eram rotas pelos castelhanos. De novo encarregado da regencia, quando

seu pae partiu para França a implorar os soccorros de Luiz xi, cingiu a corôa, a 3 de novembro de 1477, em consequencia da abdicação que D. Affonso lhe enviou de França, annunciando-lhe que partia como romeiro para a Terra Santa. Poucos dias depois apparecia-lhe inesperadamente em Portugal: D. João ii, sem hesitar, entregou-lhe de novo o diadema e o sceptro, mas a verdade é que o poder continuou a pertencer-lhe, porque seu pae, abatido pelas desventuras, nem já sabia dirigir os negocios do Estado. :

A 28 d'agosto de 1481 subiu D. João ii definitivamente ao solio, e a sua energia logo se fez sentir na governança. A nobresa, forte com a sua opulencia e com o valimento do monarcha fallecido, era um perigo para a corôa e uma tyrannia para o povo. D. João ii cortou-lhe as insolencias, e inflexivel, e cruel até, affogou em sangue as conspirações. Entendia-se o duque de Bragança com os reis de Castella, a cabeça do duque de Bragança rolou, decepada no cadafalso d'Evora. A fidalguia, com o duque de Viseu, primo e cunhado d'el rei, á sua frente, quiz vingar a morte do chefe da casa bragantina: D. João ii com a sua propria mão apunhalou o cunhado. Pairava o terror sobre a nobresa, em parte nenhuma escapavam os conspiradores ás vinganças do monarcha: o punhal dos emissarios d'el rei ia procurar-os ás capitães estrangeiras, onde proscriptos se refugiaram.

Ao mesmo tempo e com a mesma firmesa, D. João ii fazia-se respeitar pelas potencias da Europa; com uma das mãos impellia os navios portuguezes pela esteira espumosa da barca de Gil Eanes, com a outra ampliava o dominio portuguez na Africa septentrional. A agricultura desenvolvia-se, o povo respirava desoppresso, as esquadras demandavam pelo Occidente a India, pelo Oriente Affonso de Paiva e Pero da Covilhã procuravam as terras do Prestes João. El rei des-cobria e premiava o merito, agrupando em torno de si toda

essa pleiade de varões excelsos, que foram as glorias do reinado de D. Manuel.

Não pôde colher D. João II os fructos que semeára; depois de 14 annos de reinado, morreu em Alvor, não sem suspeitas de envenenamento, no dia 25 de outubro de 1495.

Como homem, foi pouco feliz: o seu unico filho legitimo falleceu, caindo d'um cavallo abaixo, na florescente idade dos quinze annos; nunca pôde conseguir que o Papa lhe legitimasse, e habilitasse para herdeiro da corôa, o filho bastardo, que houvera de D. Anna de Mendonça. Teve a dôr de saber que lhe succedia o duque de Beja D. Manuel, seu primo e cunhado, irmão do duque de Viseu a quem apunhalára.

A força do character, a vastidão da intelligencia, o conhecimento profundo da arte de governar, tornam este soberano o mais notavel entre os nossos monarchas, e o mais notavel dos reis da Europa no seu tempo.

O povo reconheceu a grandesa do seu vulto, e, apesar das crueldades a que a violencia da sua indole, e tambem os habitos sanguinarios da politica do seculo XV o arrastaram, não se pôde eximir a chamal-o «*O Principe perfeito*».

## PERO D'ALEMQUER

A gloria dos nossos descobrimentos anda roubada áquelles a quem pertence. Louvâmos os capitães das expedições, e esquecemo-nos dos pilotos, que eram verdadeiramente os navegadores illustres. E assim, Bartholomeu Dias é apregoado com enthusiasmo, e esquecido Pero d'Alemquer, ao qual competem os laureis de descobridor eximio.

Nos primeiros tempos das nossas expedições, os commandantes dos navios eram tambem os pilotos; depois começou-se a estremar as duas entidades, e, em quanto se dava a um fidalgo, a um capitão illustre, o commando em chefe

da expedição, nomeava-se ao mesmo tempo um homem technico, um piloto, para dirigir os navios, consoante ás leis da arte nautica.

Foi Pero d'Alemquer, natural da villa d'este nome, piloto do navio de Bartholomeu Dias, que primeiro dobrou o cabo Tormentorio, ou cabo da Boa-Esperança em 1487; em 1490 foi n'uma expedição ao Congo; em 1497 foi elle de novo o piloto da expedição de Vasco da Gama, que primeiro chegou á India, circumnavegando a Africa.

«E Pero d'Alemquer? diz o distincto escriptor Bordalo. Não sabemos se voltou a Lisboa, ou se foi das victimas, tão numerosas, d'esta viagem gloriosa e fatal. Inclinámo-nos á segunda hypothese por não encontrarmos o seu nome associado á expedição de Pedr'Alvares Cabral, que logo no seguinte anno partiu de Lisboa com destino á India, e descobriu o Brasil. Qual foi pois a sorte do Palinuro portuguez? Teve sepultura na patria, n'alguma longiqua praia, ou entre as vagas do Oceano?... Só Deus o sabe!

«A nós cumpre respeitar-lhe a memoria; foi elle que plantou o segundo marco milliaro da historia naval, não só nossa, mas de toda a Europa: como Gil Eanes desfez o encantamento d'um promontorio — guardado pelo medo de muitas gerações, lançando-se em novos mares, que a credulidade do vulgo assombrava de mysteriosos perigos.»

## RUY DE PINA

Merece um logar honroso na lista dos nossos historiadores o chronista de D. João II. Tendo vivido no seio do mundo politico do seu tempo, ninguém melhor do que elle podia narrar as negociações em que foi empregado, os acontecimentos em que tomou parte. Bemquisto dos reis D. João II e D. Manuel, se é verdade o que assevera, com um pouco d'inveja, Damião de Goes, os elogios de Ruy de Pina eram

tão cubiçados pelos fidalgos portuguezes, como os da penna d'ouro de Paulo Jovio pelos principes italianos da sua época.

Encontrámos pela primeira vez Ruy de Pina, como secretario do barão d'Alvito, n'uma embaixada a Castella em 1482; depois vêmol-o já encarregado sósinho d'uma missão junto dos reis catholicos por el rei D. João II; em 1484 terceira embaixada a Castella nós mostra quanto Ruy de Pina era apreciado pelo severo e intelligente monarcha.

À volta d'esta embaixada, encarregou-o el rei d'escrever a chronica do seu governo, e não lhe faltou com as adequadas recompensas. Em 1493 foi de novo mandado como embaixador aos soberanos de Castella, e assistiu em 1495 á morte de D. João II, como assistira á execução do duque de Bragança, cujas ultimas palavras recebeu no cadafalso.

No tempo de D. Manuel foi nomeado chronista-mór do reino e guarda da Torre do Tombo, e é opinião geral que, para escrever a historia dos reis anteriores a D. Duarte, se utilisou muito das chronicas de Fernão Lopes, se não as plagiou completamente, sumindo depois os manuscriptos. É uma accusação grave que pésa sobre a memoria d'este escriptor.

Morreu, não sabemos ao certo quando, mas nos primeiros annos do reinado de D. João III, posteriormente, por conseguinte, a 1521. Deixou-nos as chronicas de D. Sancho I, D. Affonso II, D. Sancho II, D. Affonso III, D. Diniz, D. Affonso IV, D. Duarte, D. Affonso V, D. João II e a de D. Duarte de Menezes, conde de Vianna e governador d'Alcacer-Ceguer. Parece que principiou tambem a escrever uma chronica d'el rei D. Manuel, de que Damião de Goes confessa ter-se aproveitado.

Ruy de Pina fórma como que a transição entre os chronistas populares, como Fernão Lopes, e os chronistas palacianos, de que é Garcia de Rezende o primeiro modelo. O seu estylo é sobrio e digno; se não pinta os quadros anima-



dos do viver da praça publica, sabe dizer a verdade aos reis. Tem o dom da observação, e, como o seu contemporaneo Philippe de Commines, não lhe são estranhos os segredos da politica. A sua descripção da ida d'Affonso v a França podia ser affoitamente aproveitada por qualquer escriptor da moderna escola historica.

### GARCIA DE RESENDE

Foi sugeito de muitas prendas e talentos, bem que de pouca instrucção, como elle proprio confessa. Homem muito da privança e confiança d'el rei D. João II, escreveu a chronica d'este grande principe, a qual, ainda que em grande parte seja copiada da de Ruy de Pina, tem comtudo bastante merecimento historico, porque ao texto de Pina accrescentou e emendou muitas coisas, de que elle estava inteirado. como moço d'escrevaninha, que fôra d'el rei D. João II. Artista de muito merecimento, parece que desenhava com primor, e a elle se deve o plano da maravilhiosa torre de S. Vicente de Belem.

Mas o seu verdadeiro titulo de gloria está no *Cancioneiro*, compilação de canções do seu tempo ou das eras anteriores, rico manancial d'informações ácerca dos costumes e vida intima d'essa época. E parece que a Próvidencia suscitou este homem no momento proprio, porque annos depois triumphava a *Renascença*, e, se esse trabalho não estivesse já feito, decerto ninguem o faria. Não seria a douta e apurada escola dos Mirandas e dos Ferreiras, que havia de se dar ao trabalho de reunir as rudes canções dos seus maiores. Bem affanosos andavam elles em descobrir manuscritos de Cicero, Virgilio, e Horacio, e não perderiam um instante sequer a copiar as trovas de Branca Alvares Cristalleira, ou de D. Luiz Ladrão.

Ainda que não se saiba ao certo o anno do nascimento

de Resende e o da sua morte, tudo nos leva a crêr que viveu larga vida, porque o vemos moço da camara do principe D. Affonso, filho de D. João II, em 1490, e ha todas as rasões para se suppôr que ainda em 1554 viveria, porque existe d'esse anno uma edição das suas obras, que os editores subseqüentes dizem feita pelo mesmo autor. Ora, ainda suppondo que morreu apenas acabou d'imprimir as suas producções, e suppondo tambem que tinha só quinze annos, quando foi nomeado moço da camara do principe D. Affonso, dão-nos estes calculos em resultado uma vida de setenta e nove para oitenta annos, o que não é para desprezar, principalmente n'esse tempo, em que as lanças dos moiros e as fauces das ondas abreviavam muito a existencia dos portuguezes.

Foi secretario da pomposa embaixada que D. Manuel enviou a Leão x, instituiu o morgado d'Antas, viveu em Evora, em casas suas, que ainda hoje existem, provavelmente desamparadas e estragadas, como é uso em Portugal, e jaz enterrado na capella que mandou construir na igreja do convento do Espinheiro, em Evora.

## D. VASCO DA GAMA

Filho d'Estevão da Gama e de D. Isabel Sodré, nasceu Vasco da Gama em 1469, e tinha d'idade vinte e oito annos, quando el rei D. Manuel o chamou para commandar a esquadra que enviava em descobrimento da India. Já D. João II o destinára tambem para chefe d'essa importante empresa, porque o moço fidalgo, além de brioso e energico, era muito perito em nautica.

A 8 de julho de 1497 saiu a esquadra de Belem, e, depois de atravessar os mares africanos, dobrar o cabo da Boa-Esperança, esquivar-se habilmente aos ardis e malevolas intenções dos moiros que negociavam pela costa oriental da

Africa, chegou a Calecut, na India, a 20 de maio de 1498. Ainda ahi teve que lutar com as perfidias dos moiros commerciantes, e regressando a Portugal, chegou a Belem a 29 d'agosto de 1499, tendo perdido mais da terça parte da tripulação dos seus quatro navios, mas tendo levado a cabo tambem a grande empresa a que os portuguezes não cessavam d'aspirar, desde que o infante D. Henrique os lançára na senda aventureira das navegações e dos descobrimentos.

A India estava pois aberta á ambição portugueza, o mundo oriental, meio envolto no véo do mysterio, agora que uma nova e ampla estrada se lhe rasgára lá pelas solidões do Atlantico, ficava patente ao commercio e á civilisação do Occidente, o campo da sciencia ampliava-se, e Portugal, se d'esse descobrimento colhia apenas uma prosperidade passageira, d'elle auferia em trôco immorredoiira gloria.

Segunda vez voltou Vasco da Gama á India, no anno de 1502; e, se na primeira viagem, dispondo apenas d'uma frota destinada a lutar com o Oceano e não com os homens, e de poucos soldados, tivéra que padecer algumas humilhações, n'esta segunda fez sentir aos régulos da Africa e do Indostão, quanto era perigoso insultar os portuguezes. A punição do rei de Calecut, allianças contrahidas com os de Cochim e Cananor, a vassallagem imposta ao scheick de Quilôa, assignalaram a sua segunda expedição.

Não lhe faltou D. Manuel com as recompensas devidas, nomeando-o conde da Vidigueira, almirante do mar da India, concedendo-lhe o titulo de Dom, e uma pensão de mil escudos; mas depois olvidou o grande homem, com a sua costumada ingratiidão, e nunca o escolheu para governar a India. D. João III reparou a injustiça nomeando-o em 1524 vice-rei d'esses Estados, que elle fôra procurar através de mil perigos, com animo inquebrantavel. Não desfructou muito tempo a sua nova dignidade, porque, tendo chegado á

India em setembro, veio logo a fallecer a 25 de dezembro d'esse mesmo anno.

## PEDRO ALVARES CABRAL

Este varão illustre, cujo nome está indissolavelmente ligado ao do hoje vasto e florescente imperio do Brasil, descendia d'uma nobilissima familia: era filho de Fernão Cabral, alcaide-mór de Belmonte, e neto de Fernão Alvares Cabral, guarda-mór do infante D. Henrique. A memoria gloriosa do infante como que presidia a todos os descobrimentos importantes effectuados pelos portuguezes.

Achado o caminho para a India pelo cabo da Boa-Esperança, determinou el rei D. Manuel não deixar esfriar as relações commerciaes com o esplendido Oriente, e, como os navios de Vasco da Gama, simples navios exploradores, tinham excitado um certo desdem na côrte opulenta de Calecut, foi a segunda esquadra poderosa para infundir respeito, magnifica para dar uma alta idéa do paiz que a enviava. Teve Pedro Alvares Cabral o commando, e a 9 de março de 1500 desferiu as velas, em direcção á India.

Uma tempestade forte, que apanhou os navios na altura de Cabo-Verde, levou-os corridos adiante de si para o Occidente. Surge-lhes de subito costa, no sitio onde só esperavam encontrar a amplidão solitaria das ondas. Aportam a essa terra desconhecida, que pompeia maravilhosas galas, no dia 24 d'abril de 1500. É o Brasil que está descoberto, e que recebe do seu descobridor o nome de Santa Cruz.

Enviando um navio a Portugal a dar a fausta notícia a el rei D. Manuel, seguiu Pedro Alvares Cabral para a India, onde deu provas de rara energia, tornando prestigioso e respeitado o nome portuguez.

No dia 23 de junho de 1501 estava Pedro Alvares de volta

a Portugal, depois de ter doado á patria e á civilisação um vasto continente, depois de ter curvado a seus pés os altivos rajahs do Indostão.

Qual foi a recompensa? Questões de pundonor levaram Pedro Alvares Cabral a não acceitar o commando da esquadra que se preparava para demandar o Oriente em 1502; D. Manuel não insistiu, e Pedro Alvares Cabral, posto de parte como instrumento inutil, nunca mais foi empregado, nunca obteve despacho para os seus requerimentos, e morreu obscuramente, obscuridade de que o futuro esplendidamente o vingou.

Venturoso monarcha foi effectivamente el rei D. Manuel, que pôde ser ingrato com todos os grandes homens do seu reinado, sem que a natureza prodiga se cansasse de lhe dar outros que substituíssem aquelles que ia despresando.

## D. FRANCISCO D'ALMEIDA

Setimo filho de D. Lopo d'Almeida, primeiro conde de Abrantes, nasceu D. Francisco em Lisboa, e, com a alta capacidade que, logo em verdes annos, revelou, deu realce ao lustre da sua gerarchia. Estimado por trez reis consecutivos, a todos elle mereceu as mais subidas provas de consideração: D. Affonso v, quando foi a França procurar, para as suas guerras contra Fernando o Catholico, o auxilio do astuto Luiz xi, enviou o moço D. Francisco d'Almeida a Paris a annunciar a sua chegada; D. João ii, quando o moço fidalgo voltou das guerras granadinas, onde servira como voluntario, tratou-o com extremada distincção, fazendo-lhe a honra de o sentar á sua mesa, que era a maior prova de estima, que elle a um fidalgo podia conceder; D. Manuel, finalmente, quando tratou d'enviar á India o primeiro vice-rei, nomeou para esse importante cargo o mesmo D. Francisco d'Almeida.

Na India deu elle provas do vigor do seu animo, da atesa do seu espirito, da integridade do seu character. Tremaram d'elle os inimigos dos portuguezes. Na Africa, Mombaça e Quilôa subjugadas; na India, Panane arrasada, a frota de Calecut destrôçada na primeira e mais completa batalha naval que na India vencemos, illustraram, como general, o nome de D. Francisco d'Almeida. As fortalezas de Cochim e de Cananor, construidas apesar da repugnancia dos rajahs indianos, justificaram a sua habil politica. Os actos do seu governo, as idéas expendidas n'uma carta célebre que a D. Manuel escreveu, e, mais que tudo, os odios que inspirou aos intrigantes, revelaram o alcance do seu espirito administrativo, e a sua inflexivel integridade.

Os elogios dos bons e os vituperios dos máos dão egualmente testemunho da nobresa de character dos homens de bem. A D. Francisco d'Almeida nem uns nem outros faltaram.

Symphico a todos, estremado pelo seu valor e pela sua precoce intelligencia, adorado por seu pae, o filho do vice-rei, D. Lourenço d'Almeida, praticára já muitas acções notaveis, entre outras a d'estabelecer as relações dos portuguezes com a ilha de Ceylão, quando, n'uma batalha naval, em que teve de combater com forças muito inferiores a armada do sultão do Egypto, perdeu a vida depois de prodigios de valor. Este fatal successo desvairou completamente o vice-rei; o seu espirito, até ahi tão lucido, annuviou-se com as sombras que n'elle projectou o desejo de vingança. A isso se deve attribuir a crueldade de que deu provas, e o injusto procedimento que teve com Affonso d'Albuquerque, negando-se a entregar-lhe o governo, e praticando outros actos pouco dignos. Devorava-o uma irritabilidade nervosa, que tambem foi causa da sua morte. Depois de ter vingado o filho n'uma gloriosa batalha naval, partiu finalmente para a Europa; mas, no cabo da Boa-Esperança, dei-

xando-se levar por esse frenesi que o consumia, aventurou a sua pessoa n'um recontro com miseraveis cafres, cujas azagaias, no dia 1 de março de 1510, traspassaram o homem que atravessára incolame a procella de mais tremendas batalhas.

Muitos varões excelsos governaram a India portugueza; mas D. Francisco d'Almeida e Affonso d'Albuquerque, esses foram espiritos de grandes concepções, e os seus vultos resplendem na historia com a grandesa épica dos fundadores d'imperios.

### AFFONSO D'ALBUQUERQUE

É este o maior vulto dos nossos annaes indianos. Genios como o d'elle apparecem apenas de seculos a seculos.

Nasceu em 1453 na quinta do Paraiso, entre Alhandra e Villa-Franca. Era d'alta nobresa, filho segundo de Gonçalo d'Albuquerque, senhor de Villa-Verde, e de D. Leonor de Menezes. Foi, como era costume d'esses tempos entre os filhos dos nobres, criado no palacio de D. Affonso v. Em 1480 serviu n'uma armada que soccorreu o rei de Napoles contra os turcos; em 1489, sendo estribeiro-mór d'el rei D. João II, foi enviado á Africa, onde praticou acções d'alto valor. Mas o theatro da sua gloria tinha de ser a Asia.

Appareceu pela primeira vez na India em 1503, em companhia de seu primo Francisco d'Albuquerque, e segunda vez, em 1506, na esquadra de Tristão da Cunha. Levava provisões secretas d'el rei D. Manuel para succeder a D. Francisco d'Almeida no governo.—O seu vasto espirito já concebêra um grande plano, a cuja execução tentou dar começo.

A desproporção enorme das forças d'este pequeno reino de Portugal, com a extensão dos seus dominios sempre impressionára os homens pensadores, e a todos se antolhava,

como de difficil solução, o problema de conservar em equilibrio tão estranho imperio. D. Francisco d'Almeida, e Affonso d'Albuquerque, ambos procuraram resolvê-lo, um com o alto bom-senso d'um espirito de incontestavel lucidez, o outro com o arrojo d'um genio extraordinario.

Queria D. Francisco d'Almeida que Portugal, sem despendêr sangue e dinheiro a levantar fortalezas, se contentasse de ter uma respeitavel marinha para proteger o seu commercio. Affonso d'Albuquerque entendia, pelo contrario, que se podia fundar um imperio luso-indiano, que vivesse das suas proprias forças, e não arruinasse a metropole. Era a idéa que os inglezes quizeram aproveitar com o seu imperio anglo-indiano, idéa que só a meio conseguiram realizar, porque lhes faltaram (como a nós tambem) uns poucos de governadores que tivessem o genio e a energia de Affonso d'Albuquerque.

Tratar com extrema benevolencia os indios, esmagar a influencia dos moiros, dominar com trez fortalezas principaes a vastidão oriental, e fundar na justiça e na equidade um imperio perduravel, tal foi o pensamento d'Affonso d'Albuquerque. As trez fortalezas escolhidas eram Ormuz, Gôa e Malaca. Mas nem el rei, nem os seus subalternos o sabiam comprehender. Os obstaculos accumularam-se logo de principio em torno d'elle: a revolta dos seus capitães, quando pretendeu tomar Ormuz, a irritabilidade de D. Francisco d'Almeida, que, louco de dôr pela morte do filho, e cedendo a impensados movimentos de colera, lhe não queria entregar o governo, as intrigas dos cortezãos, tudo concorreu para o amargurar, e para impossibilitar a execução dos seus planos. E comtudo, durante os seis annos do seu governo, tomou Gôa, tomou Malaca, tomou Ormuz, destruiu o poder dos moiros, planeou a sua ruina completa com desviar o curso do Nilo, e arrasar Méca, até que em 1515 morreu, perseguido até ao leito da morte pela ingratição do rei,



e soltando o brado de desalento de todos os grandes homens, que lutam durante a vida com as mesquinhas paixões dos pygmeus que os rodeiam.

Assim que elle morreu, povos e reis perceberam, pelo baque da quêda, que grande vulto era esse que tinham menospresado. D. Manuel deu ao filho as recompensas que negára ao pae, e os indios, conhecendo, pela comparação com os seus successores, que integro e nobre espirito era o do finado governador, vinham ajoelhar diante do seu tumulo pedindo-lhe justiça, e invocando-o como a um deus.

A sua estatura gigante foi avultando á medida que a perspectiva dos seculos deu ás diversas figuras as suas proporções relativas.

Os pygmeus, que a lisonja fizêra grandes, baixaram miseravelmente da sua irrisoria peanha, e Affonso d'Albuquerque subiu, tranquillo e ovante, ao pedestal que a justiça dos pósteros lhe erguera.

## FERNÃO DE MAGALHÃES

Nasceu no Porto, foi educado no serviço da rainha D. Leonor, e depois no do rei D. Manuel. Trocando o socêgo do Paço pelas aventuras da guerra, acompanhou á India D. Francisco d'Almeida, e lá se extremou por actos de bravura, que tornou a praticar na Africa, onde tambem guerreou. Offendido por lhe recusar el rei um pequeno augmento na sua moradia, saiu de Portugal e foi offerecer o seu prestimo a Castella.

«No portuguez não foi para ser louvada a represalia, diz n'este ponto, no seu esplendido estylo, um dos seus biographos, o sr. Latino Coelho. No homem, que havia de pertencer á civilisação e á humanidade, mais do que aos estreitos limites da sua patria, podêmos relevar o impulso da offendida dignidade e do amor proprio justificado.»

Quando passou a Castella, levava já Fernão de Magalhães a intima convicção de que o plano de Colombo, de procurar para o Oriente um caminho pelo lado occidental, se podia realizar navegando mais ao sul. Fascinado, não pela grandesa científica do projecto, mas pelo desejo de conseguir a posse das Molucas, tão fecundas em especiarias, o imperador Carlos V aceitou a proposta do portuguez, e confiou-lhe uma pequena esquadra, com a qual Magalhães foi ousadamente, no dia 10 d'agosto de 1519, sulcar os desconhecidos mares.

Transposto o estreito, conhecido pelo nome do seu descobridor Magalhães, achou-se a pequena esquadra no mar Pacifico, vogando na direcção das Molucas. Não pôde contudo o grande homem colher a gloria da sua expedição. N'um combate com os habitantes das Philippinas, perdeu a vida, a 27 d'abril de 1521, e foi Sebastião d'El-Cano quem aportou ás Molucas, e veio depois a Castella, pelo Oriente, fechar essa viagem de circumnavegação que pelo Occidente começára.

«Fernão de Magalhães; diz ainda o sr. Latino Coelho, pagou-nos generosamente o desamor e affronta de renegar-nos. Serviu a Castella quando circumnavegou o globo. Mas o nome de Magalhães ficou sempre portuguez, e a gloria das suas navegações ha de ser perpetuamente gloria tambem de Portugal.»

## PEDRO NUNES

Este celebre mathematico portuguez nasceu em Alcacer do Sal, parece que em 1492. Estudou na universidade, que era então em Lisboa, e foi concluir os seus estudos a Salamanca. Adquiriu lá fóra grande reputação, e isso valeu-lhe em Portugal o provimento d'uma cadeira da universidade, que regeu até 1562 em que foi jubilado.

Em 1529 fôra nomeado cosmographo-mór do reino, posto importantissimo n'um paiz de navegadores.

Publicou várias obras notaveis ácerca das mathematicas puras e applicadas á navegação, algumas das quaes foram lá fôra traduzidas e muito apreciadas. A elle se deve a invenção d'um instrumentosinho, que tem o nome de *nonio*, e que serve para medir fracções minimas, instrumento sem o qual as observações não podiam ter aquelle gráo d'exactidão, em que toda a sua importancia se baseia. O francez Vernier, que viveu no seculo xvii, modificou levemente o instrumento de Pedro Nunes, augmentou-lhe as applicações, e substituiu-se ao inventor. A sciencia lá fôra não conhece esse appendice indispensavel de todos os instrumentos d'observação, senão pelo nome de *vernier*. Só um ou outro escriptor, como Daguin, se lembra de passagem de prestar justiça ao sabio portuguez. Assim, se não tivermos cuidado de protestar bem alto, seremos esbulhados de todas as nossas glorias.

Não se sabe ao certo o anno da morte de Pedro Nunes, mas parece que foi em 1577.

## DUARTE PACHECO

Este famoso heróe, cognominado o *Achilles lusitano*, porque effectivamente o seu valor pessoal recorda a maravilhosa bravura do heróe da *Iliada*, nasceu em Santarem, e foi á India nas primeiras esquadras que para lá partiram. Os rajahs da costa frequentada pelos nossos navegantes haviam-se dividido, seguindo-nos uns, como o de Cochim, outros declarando-se nossos mortaes inimigos, como o de Calecut, muito mais poderoso do que o alliado dos portuguezes. Deixado na India com um punhado de soldados para proteger as feitorias nascentes, Duarte Pacheco teve de soccorrer em 1505 o rajah de Cochim contra um for-

midavel ataque do de Calecut. São dignas verdadeiramente dos cantos d'Homero as façanhas praticadas pelo heróe português e os seus pouquissimos soldados. Com elles contrastou Pacheco os esforços das innumeraveis tropas do inimigo. Tão valoroso, e mais feliz do que o espartano Leonidas, pôde no passo de Cambalam, Thermopylas indianas, derrotar o novo Xerxes. Estes prodigiosos combates fortaleceram o prestígio dos portuguezes, que ficaram considerados como uns heróes sobrehumanos. A proverbial ingratição d'el rei D. Manuel veiu ferir, mais do que todos, este homem que tanto illustrára a sua patria. É verdade que primeiro o recompensou, dando-lhe o governo de S. Jorge da Mina, e honrando-o sobremaneira; mas, attendendo a ruins intrigas, mandou-o carregar de ferros, e, se depois lhe reconheceu a innocencia, não se lembrou de o recompensar dobradamente. Duarte Pacheco morreu obscuro, olvidado e pobre.

Distinguiu-se Duarte Pacheco nas lettras escrevendo o *Esmeraldo de situ orbis*, que ainda jaz inedito; e no mar tambem o seu valor se assignalou, derrotando um celebre corsario francez, que andava á caça de navios nossos.

## BERNARDIM RIBEIRO

Liga-se ao nome d'este poeta uma graciosa lenda d'amores. Suppõe-se que se apaixonou o mimoso vate pela infanta D. Beatriz, filha d'el rei D. Manuel, e duqueza de Saboya; malaventurada paixão que o inspirou como poeta, e o fez desgraçado como homem. Ainda que possámos suppôr que a formosura da infanta não deixou d'impressionar Bernardim Ribeiro, não lhe daremos comtudo tão larga parte na sua vida, que foi activa e militante como a de todos os portuguezes do seu tempo.

Filho de Luiz Esteves Ribeiro, thesoireiro do infante

D. Fernando filho d'el rei D. Manuel, nasceu Bernardim na villa do Torrão. Frequentou o curso juridico da universidade, e casou com D. Maria de Vilhena, filha de D. Manuel de Menezes, senhor de Cantanhede, que o deixou, depois de poucos annos de casamento, viuvo e com uma filha.

Militou nas armadas da India, e foi por el rei D. Manuel nomeado moço fidalgo, capitão da fortaleza de S. Jorge da Mina, e commendador de Christo. Ignora-se o anno da sua morte, como se ignora o do seu nascimento.

Restam-nos d'elle: um livro, meio romance de cavallaria, meio romance pastoril, que marca talvez a transição entre esses dois generos; algumas eglogas suavissimas; e alguns romances, perfumados de mimo e de melancolia. Quando a escola classica desponha, encontram-se na lyra de Bernardim os ultimos écos da poesia dos trovadores provençaes, confundidos com umas doces toadas da musa nacional e popular. Se accrescentarmos a isto que muito lhe deve em flexibilidade e riqueza a nossa lingua, antes d'elle ainda rude; e que, segundo affirma Garrett, não houve poeta portuguez que escrevesse mais com o sangue do coração, teremos assignalado os titulos de Bernardim Ribeiro á estima da posteridade.

## GIL VICENTE

Não se sabe nem o anno, nem o lugar do nascimento, nem o nome dos paes do fundador do nosso theatro. Presume-se que nasceria no anno de 1470, em Lisboa, e que a sua familia era illustre. Começou a applicar-se ao estudo do direito, mas a sua irresistivel vocação poetica depressa o desviou d'essa árida sciencia, e o levou, seguindo o caminho estreado em Castella por Juan de la Encina, a compôr autos pastoris, comedias rudimentaes, que logo foram apertada orbita para o seu engenho. Não tardou a lustrar nova senda, compondo farças que, ainda que privadas dos

caracteres dramaticos, offerecem notaveis provas do seu talento d'observação, que chega ao apogeu na farça de *Ignez Pereira*, composta em despique dos que o accusavam de plagiario, e á qual bastariam leves modificações exteriores para poder competir com as boas peças de Molière.

Muito querido na cõrte e no Paço, onde as suas comedias sempre foram representadas, Gil Vicente fez as delicias dos reinados de D. Manuel e de D. João III; morreu não se sabe em que anno, mas decerto entre 1536 e 1557. Foi casado com uma senhora, chamada Branca Bezerra, de quem teve dois filhos, ou tres, segundo outros dizem. Um d'elles foi Luiz Vicente, primeiro editor das obras de seu pae, o outro Paula Vicente, dama notavel pela cultura do seu espirito, e pela sua elevada intelligencia.

Gil Vicente era não só bom poeta, mas tambem compositor de musica, e da sua eloquencia dá-nos notavel testemunho o caso succedido em Santarem, quando elle soube em 1531 convencer o povo fanatico, e, ainda mais, os padres instigadores do fanatismo, a deixarem em paz os christãos novos, perseguidos e estupidamente accusados de motivadores do terramoto d'esse anno.

A vivacidade comica do seu engenho, umas vezes trivial, outras maliciosa e fina, valeu-lhe o sobrenome (bastante vago) de Plauto portuguez. Nem sempre é chocarreiro o bom Gil *que faz os aitos a el rei*; tem muitas vezes o verso, ou vehemente, ou mimoso. Satyrico implacavel, não poupou nem Roma nem os frades, n'uma época de tolerancia relativa, comparada com a que se lhe seguiu. O theatro portuguez, fundado por elle, não teve depois cultores que se lhe podessem comparar. São os autores comicos hespanhoes os seus legitimos herdeiros. Portugal teve sina de abrir novas sendas á civilisação, e de deixar depois passarem-lhe por cima do corpo os outros povos a quem ensinára esses radiosos caminhos.

## JOÃO DE CASTILHO

O seu nome liga-se indelévelmente ao mosteiro de Belém, e a quasi todas as obras importantes, emprehendidas durante o reinado de D. João III no estylo entre nós chamado manuelino, estylo perfeitamente nacional, que marca a aliança do estylo gothico e do estylo da Renascença, ou, como o senhor A. Herculano disse ao conde Raczynski, a *resistencia do estylo gothico ao estylo de Francisco I.*

Nascendo em 1490, João de Castilho não pôde ser decerto o primeiro architecto de Belém, mas foi um dos que dirigiram as obras d'esse poema de pedra, que celebrá dignamente a audacia descobridora dos portuguezes, como esse outro poema architectonico da Batalha celebra a intrepidez com que a nossa nacionalidade soube sempre manter os seus fóros. Contemplando os brincados labores do maravilhoso portal, as columnas esguias e ousadas em que se esteva a abobada, a magestade da nave illuminada pela meia luz que proporcionam as vidraças de cores, pensamos involuntariamente na solidão magestosa dos mares, e nós portentos da natureza e da civilisação oriental. Não são poetas só os que empunham a lyra, são-n'o tambem os que lavram com o cinzel estrophes maravilhosas. Belém é um poema.

O predecessor de João de Castilho, na direcção das obras de Belém, parece ter sido um Bontaca, italiano, segundo pensam alguns escriptores, mas que o conde Raczynski supõe com muita probabilidade portuguez.

João de Castilho ligou ainda o seu nome ás obras do paço da Ribeira, destruido pelo terremoto de 1755; bem como ás do convento de Thomar, e a outros primores d'architectura manuelina, que se acham em Portugal espalhados.

Como engenheiro, fortificou Maragão, que o valor portuguez tinha de illustrar na celebre defesa, que fr. Luiz de

Sousa conta na *Vida do Arcebispo* com o seu inimitavel estylo.

Morreu a 15 d'agosto de 1581, d'idade de noventa e um annos, a ser verdadeira a data em que collocamos seu nascimento.

A sua familia tem-se tornado notavel até aos nossos dias por uma série d'homens illustres. Além d'outros artistas, seus parentes, cuja lista se pôde vêr no *Diccionario* do conde Raczynski, descendem do architecto de Belem Antonio de Castilho, chronista d'el rei D. João III, e essa esplendida pleiade, nossa contemporanea, dominada pelo grande vulto do senhor visconde de Castilho.

Ha familias em que o talento, aristocracia creada por Deus, é hereditario como a vã nobresa dos homens.

#### D. HENRIQUE DE MENEZES

Setimo governador da India, este capitão illustre era filho bastardo de D. Fernando de Menezes e d'uma nobre senhora por nome Constança Vaz. De idade de 12 annos foi militar na Africa. Era em 1508, o joven heroe nascêra em 1496.

Em 1524 partiu para a India em companhia de D. Vasco da Gama, que ia como vice-rei d'esse novo Estado. D. Henrique de Menezes foi provido em capitão de Gôa. Quando em 1525 morreu o velho vice-rei, abertas as cartas de successão, achou-se nomeado D. Henrique de Menezes para governador da India: tinha apenas 29 annos d'idade ainda não completos. Era um caso unico.

Logo que subiu ao poder, deu provas de grande energia e actividade, limpou de corsarios os mares da Asia, bateu repetidas vezes o samori de Calicut, e mostrou-se sempre para com os seus integro, para com os indios desinteressado. Quando preparava uma expedição contra Diu, veio salteal-o a morte, ceifando-o na flôr da vida, aos 23 de fevereiro de 1526.



Na sua curta passagem no governo, revelou D. Henrique de Menezes eminentes predicações. É elle um dos vultos mais sympathicos dos nossos fastos indianos.

### NUNO DA CUNHA

Filho de Tristão da Cunha, insigne varão, e de D. Annã Antonia d'Albuquerque, nasceu Nuno da Cunha no anno de 1487. Ainda adolescente, foi militar na Africa debaixo das ordens de Nuno Fernandes d'Alayde; passou depois á India; onde serviu brilhantemente com D. Francisco d'Almeida, que muito o estimava, e onde teve a honra de ser armado cavalleiro por Affonso d'Albuquerque. Em 1520 foi nomeado governador da India, e conservou o governo (caso rarissimo) durante dez annos. Levantando as fortalezas de Diu, Challe, e Baçaim, conseguiu firmar solidamente o dominio portuguez na India. Não isento dos defeitos que assignalavam quasi todos os nossos proconsules no Oriente; nem sempre tratando com lealdade e brandura os inimigos, serviu contudo a patria com zêlo e desinteresse. Isso lhe não valeu para que os calumniadores o não intrigassem com D. João III, que mandou um corregedor aos Açores com ordem de trazer o heroico governador prêso a Lisboa no seu regresso da India. A morte, que o salteou durante a viagem, livrou-o d'essa affronta. Segundo a sua propria vontade, teve por sepultura o Oceano. Morreu a 5 de março de 1539 com 52 annos de idade.

Foi pena que D. João III não pudesse realizar o seu admiravel projecto! A entrada em Lisboa d'um dos heróes da India, com algemas nos pulsos que haviam sustido a espada, era um facto digno de figurar na chronica do rei que estabeleceu em Portugal a Inquisição, era mais um episodio para a longa historia das ingratidões reais.

## D. JOÃO DE CASTRO

Descendente d'Ignez de Castro, foi o quarto vice-rei da India filho de D. Álvaro de Castro e de D. Leonor de Noronha. Nasceu em Lisboa no dia 17 de fevereiro de 1500. Recebeu uma educação apurada, tendo por mestre de mathematica o celebre Pedro Nunes, e sendo collega do infante D. Luiz irmão de D. João III, a quem sempre o ligou íntima amizade. Homem instruido tanto em lettras, como em sciencias, e deixou-nos dos seus conhecimentos concernentes á navegação uma notavel prova no seu *Roteiro do Mar Roxo*. Folgava de manejar os classicos latinos e gregos, e o seu enthusiasmo pelos antigos não deixava de ser um pouco exagerado; porque o levou a imitar, na India do seculo XVI, o pomposo ceremonial dos triumphos romanos. Militou D. João de Castro com muita distincção na Africa portugueza, na expedição de Tunes, em que foi na esquadra enviada por D. João III para auxiliar Carlos V, em expedições contra piratas, e no Oriente, ainda como subalterno. Em 1545 foi nomeado governador da India, e, partindo para lá, teve occasião de ligar o seu nome á grande façanha do levantamento do segundo cerco de Diu, em que os portuguezes adquiriram renome immortal. Falleceu em Góa no dia 6 de junho de 1548, quando lhe fôra prorogado por tres annos o governo com o titulo de vice-rei.

O que torna incontestavelmente grande o vulto de D. João de Castro, é que, n'essa época de decadência e de immortalidade, soube restituir ao nome portuguez um vivo esplendor, governando segundo as leis mais estrictas da probidade e da justiça. Deu provas d'isso, quando protegeu o Meale, que viera refugiar-se em Góa, confiado na lealdade portugueza, e que Martin Affonso de Sousa estivera para entregar aos seus inimigos; e quando, para reedificar a for-

tales de Dni, em vez de praticar exações, contrahiu um empréstimo com os verdadeiros del Gôa, entregando as barbas em penhor. Se ha um ponto d'affectação n'esta probidade que se apregoa, não nós queixemos: n'esse tempo não era má que taes exemplos soassem bem alto, e se mettessem bem pelos olhos.

Como guerreiro, elle e seus filhos foram modelos de valor e de constancia: desde que a praça de Dia foi cercada, não cessou D. João de Castro de prover á sua defesa, até que pôde ir levantar-lhe o assedio, a travez de todos os riscos. Primeiro enviou seu filho D. Fernando, que lá morreu de idade de dezanove annos, dando um bello exemplo de heroica abnegação; depois, seu filho D. Alvar, severo zangão que muito auxiliou D. João de Mascarenhas como chefe e disciplinador; e final foi elle mesmo, por um remate glorioso a esse magnifico episodio das nossas guerras indianas.

### DIOGO BOTELHO PEREIRA

Querendo n'este livro dar principalmente noticia de todas as manifestações do genio ou da audacia dos portuguezes, não podiamos passar em silencio o nome de Diogo Botelho Pereira, que concebeu e executou uma das mais atrevidas empresas que um navegante podia sonhar.

Nasceu Diogo Botelho em Cochim nos principios do seculo xvii, sendo filho bastardo do fidalgo Antonio Real e d'uma portugueza, Iria Pereira. Recebeu uma educação distincta, e adquiriu principalmente grandes conhecimentos nauticos. Vindo a Portugal, foi bem acolhido por D. João iii, que lhe deu forô de fidalgo; mas, sendo-lhe negada a capitania de Chaul, Diogo Botelho deu a entender que passaria a Castella, e el rei, temendo a repetição do caso de Fernão de Magalhães, prendeu-o no castello de Lisboa. Foi soldo

por instancias de D. Vasco da Gama, que o levou consigo, quando foi governar a India em 1525 <sup>1</sup>.

Ardia Diogo Botelho em anhelos de voltar a Portugal, mas queria voltar como triumphador. Por essa occasião, conseguira Nuno da Cunha edificar uma fortaleza em Dio. Botelho armou uma pequena fusta, tripulou-a com cinco portuguezes e oito escravos, e deliberou trazer a noticia a Portugal n'essa casca de noz, verdadeiro juguete das ondas. Imagina-se facilmente o que elle passaria. Eram destemidos os seus compatriotas, mas os escravos tentaram revollar-se, e, n'um dia de procella, na amplidão do Oceano, n'esse theatro pequenissimo travou-se uma luta horrida. Diogo Botelho venceu, ficando gravemente ferido; mas a Providencia velava por elle: fomes, tempestades, tudo superou, e entrop finalmente em Lisboa a 21 de maio de 1536, tendo sahido da India no principio de novembro de 1535.

Causou admiração geral esta audacia estupenda; e a fusta por muito tempo a visitaram portuguezes e estrangeiros. não podendo conceber como tanto se casasse. Foi vel-a o proprio rei, mas com difficuldade perdoou a Diogo Botelho a sua heroica deserção, premiando-o só muito tempo depois com a capitania da ilha de S. Thomé, e em seguida com a de Cananor <sup>2</sup>.

### GARCIA DE ORTA

Este illustre medico portuguez nasceu em Elvas nas fins do seculo xv; formou-se em medicina pelas universidades d'Alcatá e de Salamanca, foi lente de philosophia na univer-

<sup>1</sup> João de Barros conta os factos de outro modo. Diz que Botelho fôra degradado para a India por ordem de D. João III, e partira para ahi na armada de Martim Affonso de Sousa, em 1534.

<sup>2</sup> Não falta quem affirme que Botelho fôra novamente preso no Castello por ordem d'el rei, onde jazera até ser por D. Sebastião posto em liberdade, e agraciado com o governo de S. Jorge da Mina.

cidade de Lisboa, e partiu para a Índia, como physico d'el-rei, em 1534.

Na Índia estudou com ardor a botânica d'essa região, principalmente debaixo do ponto de vista medicinal, e publicou o resultado dos seus estudos n'um livro impresso em Goa, e que se intitula *Colloquios dos simples e drogas e coisas medicinaes da India* etc. Na Índia morreu também em idade já avançada.

A sua obra foi muito apreciada na Europa, e traduzida com louvor em várias linguas. Portugal deve gloriar-se com ella, porque prova que nem todos os nossos antepassados iam á Asia levados pela cubiça, mas que também o amor da sciencia para lá impellia alguns, que conquistavam para a civilisação a terra que as nossas armas assolavam. O esquecimento, a que a Europa votou as nossas glorias, também prejudicou a fama de Garcia de Orta, no seu tempo universalmente reconhecida. Foram olvidados os serviços que este medico illustre prestou á flora indiana, e tornou-se necessario que no congresso scientifico, celebrado ultimamente em Constantinopla, um nosso compatriota illustre reivindicasse para Garcia de Orta a gloria de ter sido o primeiro a descrever o *cholera asiatico*, gloria que se attribuia a um medico hollandez, que no século xvii estudára o mesmo assumpto. Felizmente, de quando em quando, ergue-se á face da Europa uma voz autorisada, para lembrar que fomos, em remotas éras, um dos povos que mais serviços prestaram á civilisação.

### JOÃO DE BARROS

Em terra onde as boas letras raro são apreciadas, João de Barros é uma excepção, porque os prémios e a gloria a um tempo o remuneraram dos seus trabalhos, e lhe coroaram o engenho. Filho natural d'um fidalgo chamado Lopo

de Barros, nasceu em Vizeu pelo anno de 1496. Moço fidalgo educado no Paço, segundo o costume da nobreza d'essa época, foi muito acceito a el rei D. Manuel, e viveu na intimidade do principe que, depois reinou com o nome de João III. Sentindo em si disposição para a historia, começou a pensar em escrever uma historia de Portugal; mas D. Manuel preferiu que elle narrasse os feitos dos portuguezes na India. Por abreviar, não referiremos o que deturou a execução d'essa obra importante. Obtendo altos empregos publicos, servindo primeiro como capitão da fortaleza da Mina, passando depois a thesoureiro da casa da India e Mina e ultimamente feitor da mesma, os pingues honorarios nunca faltaram a João de Barros; e entretanto não descurava as letras. Escrevia pelo contrario obras em diversos generos, que revelam grande erudição, e talento brilhante. Devemos entre ellas commemorar a *Chronica do imperador Cláudio*, que compoz para experimentar a mão no estylo historico, ensaiando-se nas fabulosas narrativas dos romances de cavalleria.

Publicou emfim em 1552 a sua primeira Década, e logo em seguida a segunda e a terceira. A fama levou a noticia d'esse livro aos paizes estrangeiros, e na Italia, onde os homens de letras, ufanos de haverem sido os coriphéus da restauração classica na Europa, tratavam quasi como barbaros os outros povos, na mesma Italia João de Barros foi traduzido e admirado. Chamaram-lhe os seus contemporaneos o Livio portuguez, e não se podia fazer melhor elogio a um historiador, n'esse tempo em que os primores do grande escriptor de Paçua eram o enlevo de todos.

O estylo é o grande predicado de João de Barros. A lingua portugueza deu elle quasi a fórma definitiva: a sua locução tem cor, energia, e propriedade; não pecca pela redundancia, e a phrase é sempre pittoresca e imaginosa.

Escrevendo com todos os documentos á vista, e tendo

vivido na familiaridade de todos os homens cujas acções devia relatar, João de Barros é em geral exacto. Um defeito comtudo lhe notaremos: é escriptor essencialmente cortezão; e resente-se d'isso; pouca sympathia lhe merecem os padecimentos dos grandes homens; menosprezados pelos reis; e a ingratitude dos monarchas, as injustiças da camarália lisboense, que ladra aos heroes ausentes, não conseguem indiginal-o.

Com effeito, a vida do autor das *Décadas* corrêra bonnçosa e placida; as mercês reaes chpyiam sobre elle; quando o Brasil se dividiu em capitánias, João de Barros foi contemplado com a capitania do Maranhão. Infeliz quando tentou mandar arrotear as suas terras americanas, logo D. Sebastião acudiu a dar-lhe com que reparasse as brechas dos seus haveres, e com que podesse expirar tranquillamente, deixando seus filhos bem providos, na sua quinta de Alitem, em Pombal, a 20 d'outubro de 1570.

Foi mais venturoso o épico-historiador, do que o poeta épico dos nossos feitos.

### FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA

Filho de Gonçalo Mendes de Sá, e de sua mulher D. Philippa, nasceu este eminente poeta a 27 d'outubro de 1498 na cidade de Coimbra, cuja universidade parece haver frequentado no tempo em que ainda estava em Lisboa, antes da última transferencia. Amigo de Antonio Ferreira, foi seu auxiliar na cruzada que este empreendeu a favor da lingua portugueza, contra aquelles que entendiam que só a latina era culta, e só n'ella se podia poetar.

Sabendo de Portugal, viajou Francisco de Sá na Europa, visitando, como elle proprio diz, entre outras cidades, Milão, Veneza e Roma. O seu nobre nascimento, a alta posição dos seus (teve um irmão, Mem de Sá, governador do

Brasil) faziam-n'o pelo menos tão acceito no Paço; como a sua intelligencia e os seus dotes poeticos. Não tinha porém Francisco de Sá de Miranda a indole de cortezão, e, posto que muito estimado por el rei D. João III e pelo principe seu filho, e provido pela munificencia régia com uma commenda de Christo, desamparou Lisboa, e acolheu-se ao Minho, á sua quinta da Tapada, onde morreu no dia 15 de março de 1558.

Foi casado com uma senhora, que apenas possuia as qualidades do coração, porque não era moça, nem formosa quando elle a desposou. Chavama-se D. Briolanza d'Azevedo, e foi sempre muito estimada por seu marido, a quem deu dois filhos: Gonçalo Mendes de Sá, e Jeronymo de Sá de Azevedo.

Francisco de Sá de Miranda, poeta eminente; fórma a transição entre a velha escola portugueza, e a escola classica da Renascença. Os seus contemporaneos e os criticos posteriores censuram lhe os frequentes plebeismos, e o pouco respeito á velha elegancia romana, que elles queriam rejuvenescer, em prejuizo do inculto individualismo da poesia da idade média; mas é certo que ninguem possui, como Sá de Miranda, a melancolia pensadora e uma sentenciosa mas singela philosophia; por isso elle sobresahe nas epistolas, e, se pecca nas outras fórmas de poesia, é porque, desdenhando as leis dos generos diferentes, a sua individualidade muito pouco lyrica em todos se fazia sentir.

Se o douto Antonio Ferreira lhe não perdoava esta des affectação deschidosa, ainda menos lhe desculpava o ser escripto em castelhano os seus talvez melhores versos. Tambem Sá de Miranda escreveu duas comedias *Os Estrangeiros*, e *Válhalpandos*, que não revelam no autor um herdeiro do sceptro de Gil Vicente.

Confessando que Sá de Miranda incorreti em todos os defeitos que os criticos lhe arguem, confessámos tambem



que é esta uma das figuras mais sympathicas para nós, entre as dos nossos poetas, e que sempre com infinito gosto relêmos as suas tão boas, tão singelas, e tão desprezenciosas epistolas.

### ANTONIO FERREIRA

Filho de Martim Ferreira, escrivão da fazenda de D. Jorge duque de Coimbra, e de D. Mecia Froes Varella, nasceu Antonio Ferreira em Lisboa no anno de 1528. Frequentou a universidade de Coimbra, onde logo adquiriu grandes creditos de sabio e de poeta. O favor da corte sempre o bafejou, sendo, ainda moço, nomeado desembargador da Relação, e obtendo o fôro de fidalgo da casa real.

Em Lisboa teve a estima da fidalguia e a veneração dos homens de letras, que o consideravam mestre, e aqui morreu em 1560, sendo uma das victimas da peste que assolou a capital.

Antonio Ferreira foi em Portugal o mais fervoroso adepto do movimento classico da Renascença. A lição dos antigos era o que elle sempre recommendava, e, tendo em mais conta o estudo do que a inspiração, tressuava para seguir passo a passo os vates gregos ou latinos, tratando com desdenho todo quanto fosse espontaneo e original. Apesar d'esta preocupação constante, o seu genio poetico era notavel, e as suas obras devem ser tidas em muita conta. Foi elle quem, tanto em Portugal como em toda a peninsula hispanica, introduziu a tragedia basada nos moldes hellenicos. A sua *Castro* foi a primeira producção d'esse genero que tiveram Portugal e Hespanha, e é ainda, enquanto a nós, o grande titulo de gloria de Antonio Ferreira. Tem a simplicidade antiga, e ha-nos côros trechos d'admiravel poesia.

Frio bastante nas suas outras composições, duro na metrificacão, Ferreira é sempre grave e tem alteza de pensamento. Propugnador incansavel da lingua portugueza, contri-

buiu muito para a polir, e esse merito, que não é pequeno, bastaria para escudar o fundador da escola classica entre nós contra as arguições que se lhe podessem fazer, por não ter mantido, com egual brio, os fóros da inspiração nacional.

Tambem Antonio Ferreira escreveu duas comedias *Bristo* e *O Cioso*; mas, como se podia esperar da indole do seu talento, não manifesta n'essas duas producções veia comica notavel.

### DAMIÃO DE GOES

Nasceu em Alemquer em 1501. Camareiro e guarda-roupa de D. Manuel, foi depois embaixador de Portugal na Polonia, na Dinamarca e na Suecia. O seu talento e a sua vasta erudição fizeram-n'o querido de todos os soberanos estrangeiros com quem tratou, e de muitos homens eminentes com quem teve relações intimas. Devemos contar entre esses o celebre Erasmo, com quem viveu cinco mezes em Friburgo. Quatorze annos viajou Damião de Goes, escrevendo várias obras latinas, taes como a *Historia do 1.º e 2.º cerco de Diu*, a *Descripção de Lisboa*, e *Embaixada do Preste João*. Já se vê que não olvidava a glória da patria no turbilhão da sua vida brilhante. Fixou afinal a sua residência em Lovaina, nos Paizes Baixos, onde viveu até 1542, anno em que os francezes cercaram a cidade. Tendo tomado activa parte na defesa, foi feito prisioneiro e conduzido a França, d'onde sahiu a trôoa d'um resgate de 2:000 ducados. Mandado chamar a Portugal por el rei D. João III em 1546, foi nomeado guarda-mór da Torre do Tombo, e logo depois (o que alguns põem em duvida) chronista-mór. Em desempenho d'esse cargo, se é que teve, escreveu a *Chronica de D. Manuel* e a *Chronica do príncipe D. João*, que foi, quando rei, D. João III.

O seu vasto saber, e as relações que tivera com alguns iniciadores da reforma protestante, tornaram-n'o suspeito á

Inquisição, que o encerrou nos seus cárceres, confiscou-lhe os bens, e o mandou enfim cumprir a pena de reclusão rigorosa no convento da Batalha. Morreu ali por 1678, já livre, e dizem uns que d'uma apoplexia, outros que assassinado. «Porventura! está, accrescenta um dos seus biographos, a opinião verdadeira. Talvez os inquisidores, não se atrevendo a lançar nas fogueiras d'um auto de fé o homem a quem um papa e varios reis da Europa tinham tratado como amigo, fizeram com que o punhal de assassinos os livrasse de Damião de Goes, cujo saber e ousadia lhes podia ser fatal.»

#### D. CONSTANTINO DE BRAGANÇA

Apesar da importância immensa que tinham para Portugal as conquistas orientaes, e do prestigio evidente que a presença d'um príncipe n'essas remotas regiões daria ás nossas armas, nunca os nossos reis enviavam para a Índia, com o titulo de vice-rei, um seu filho ou um seu irmão: Bem desejou ir o infante D. Luiz, mas D. João III, sempre desconfiado de seu intelligentissimo irmão, não quiz outorgar-lhe tão extenso poder, e occasião tão azada para adquirir gloria e renome.

Durante a mocidade de D. Sebastião, teve ao menos o governo portuguez o bom senso de escolher um fidalgo da casa de Bragança, casa intimamente aparentada com a familia real, e quasi tão respeitada no reino como se já estivesse no throno, a que subiu em 1640. Fei nomeado vice-rei da Índia D. Constantino, filho do duque D. Jayme, que nascêra em 1528; fôra a França como embaixador n'uma occasião de apparato, exercia o logar de camareiro-mór, e contava trinta annos na occasião em que foi escolhido.

Foram optimos os resultados da sua administração. Tornava-se necessario na Índia não só um homem probe, mas tambem um príncipe de sangue, que, pela elevação do seu

nascimento, podesse impôr a disciplina áquella turba infrene de aventureiros. D. Constantino juntava ao prestigio da hierarchia uma verdadeira nobreza d'alma; uma distincção nativa, que fazia com que muitos fidalgos, que na India andavam espalhados, se envergonhassem de aviltar-se, como costumavam, por actos só proprios de piratas.

Durou o governo de D. Constantino desde 1558 até 1561, e assignalaram-n'o a conquista de Damão, a derrota dos indios em Cananor, a dos turcos em Ormuz, e o desbarato completo na ilha de Ceylão do rajah de Jafnapatam, á quem D. Constantino tomou a ilha de Manar onde erigiu uma fortaleza. O que destruiu apenas este governo, em que se restabeleceu a disciplina e se restaurou a moralidade, foi o fanatismo, não cruel mas inhabil, de D. Constantino, que, a pretexto de destruir uma reliquia supposta, que era objecto de um culto idolatra, feriu nas suas crenças mais intimas povos que tanto precisavamos de conciliar, e que nunca mais olvidaram tão profunda offensa:

Não obstante essa mancha, a que hinguem n'essa época se eximia, D. Constantino de Bragança pôde contar-se entre os vice-reis que verdadeiramente honraram o nome portuguez. Tanto bastou para que os intrigantes o escolhessem para alvo dos seus tiros, e pará que o governo lhe mostrasse uma desconfiança injuriosa, pois não só não o recompensou pelas suas brilhantes acções, mas nem sequer lhe restituiu o cargo de camareiro-mór, e além d'isso obrigou-o a defender-se de accusações de concussão. D. Constantino desfez as calumnias com altivez soberana, mas, depbis de casar com uma filha do marquez de Ferreira, acolheu-se á vida privada, recusou acceitar em 1571 o vice-reinado da India que D. Sebastião de novo lhe offerecia; e morreu a 14 de julho de 1575.

Será sina fatal que as virtudes civicas, a rigida prohibidade, a elevação de espirito, quer sejam as de um soldado

pobre como Duarte Pacheco, ou de um poderoso principe como D. Constantino de Bragança, hajam de encontrar sempre em Portugal a perseguição ou o despreso?

### A INFANTA D. MARIA

Filha d'el rei D. Manuel e de sua terceira esposa D. Leonor, irmã de Carlos v, distinguio-se esta princesa não só pelas suas virtudes e notavel erudição, mas pelo muito que protegeu as letras e as artes e aquelles que as cultivavam, fazendo dos seus Paços uma verdadeira academia, em que dominavam, tanto pelo prestigio da belleza, como pelo da sciencia, muitas mulheres notaveis, entre as quaes devemos contar Luiza Sigéa, e a celebre Paula Vicente, filha do fundador do nosso theatra.

N'um seculo em que tantas princessas eruditas imperavam nas côrtes de França e de Italia, a um tempo musas e poetisas, inspiradoras e inspiradas, Portugal, que então caminhava a par das outras nações, quando se lhes não avantajava, teve na infanta D. Maria uma rival das duas Margaridas de Navarra, de que se ufana a França, e de tantas princessas italianas, que mantinham acceso, nas côrtes dos pequenos Estados da formosa peninsula, o sacro fogo das letras, das sciencias e das artes.

Na sua vida particular não foi muito feliz a illustre senhora. Nascida no dia 8 de junho de 1521, logo n'esse anno perdeu sea pae, e d'ahi a pouco tempo viu-se privada dos carinhos maternas, porque a rainha D. Leonor teve de ir desposar em segundas nupcias el rei Francisco I de França, e em Portugal não se lhe consentiu que levasse consigo a pequenina infanta.

Nunca a pobre mãe conseguiu ter a seu lado a filha: quando esta chegou á idade nubente, D. Leonor ajustou-lhe successivamente varios casamentos que a fariam sahir de Por-

tugal, o primeiro com o delphim de França e o segundo com o duque d'Orleans. Ambos os noivos morreram! Estve ainda para casar com seu tio Fernando, que foi posteriormente imperador da Allemanha, e com seu primo Philippe II; mas sempre os casamentos se desmoronaram, e veiu a fallecer solteira em Lisboa no dia 10 d'outubro de 1577.

### D. LUIZ DE ATAYDE

A par dos nomes de Affonso d'Albuquerque e de D. João de Castro, deve forçosamente inscrever-se o de D. Luiz de Atayde, primeiro barão de Atougua. Quando o imperio portuguez no Oriente pendia para o occaso, quando os principes indianos julgaram que bastaria um supremo esforço para elle se desmoronar, D. Luiz d'Atayde não se amparou a India vacillante, mas restituiu-lhe até o esplendor das primitivas eras. Foi uma verdadeira reconquista. O prestigio que tinhamos ido perdendo, lenta mas incessantemente, recuperámo-lo de subito e maior do que nunca. Foi necessário mais um século de decadência, a lucta com os navegantes europeus que se arrojavam pelo caminho que lhes tinhamos aberto, e sobretudo a escravidão dos sessenta annos, para alluir esse imperio que D. Luiz de Atayde de novo edificára.

Moço ainda, servira D. Luiz de Atayde, como voluntario, ao lado do infante D. Luiz, irmão de D. João III, na expedição de Carlos V a Tunes. Adquirira alli hábitos de disciplina severa, e aprendera a guerra com os grandes generaes do famoso imperador.

Eram indispensaveis estas altas qualidades ao homem que em 1568 foi encarregado por D. Sebastião de reparar os erros do fraco e indolente D. Antão de Noronha. A India portugueza estava miseravel. A indisciplina, a soffrega cubia, a covardia até, corruptiam profundamente o nosso vasto

imperio oriental. Apenas D. Luiz de Atayde appareceu, sentiu-se logo a influencia d'essa mão energica. Tornaram a resplânder os velhos brios portuguezes; os piratas, que infestavam os mares, desappareceram varridos pelas nossas esquadras que deixaram de apodrecer nos portos, e uma disciplina severa transformou em soldados o bando de aventureiros que guarneciam as praças.

Conquistára D. Luiz d'Atayde em novembro de 1569 Onor e Bracelor, quando os principes do Malabar formaram uma alliança para expellir os portuguezes. Era a primeira vez, desde o principio da conquista, que os principes mahometanos conseguiam reunir os seus esforços, lançando no esquecimento as suas rivalidades; por isso tambem nunca tão formidavel procella ameaçara o nosso poder. Os tres mais poderosos rajahs, o de Nizam, o Hidal-khan e o Samori vieram siñar com immensos exercitos Chaul, Goa, e Chalé. Foi então que D. Luiz d'Atayde mostrou todos os recursos do seu talento. Dirigindo a defeza de Goa, nem por isso deixou a direcção geral da resistencia. Da cidade onde estava sitiado partiam soccorros a cada momento, e o seu olhar de aguia abrangia n'um relance todas as operações militares dos seus subalternos.

Durou sete mezes a lucta, e, no fim d'esse tempo, os indios, em toda a parte derrotados, viam a sua colligação desfeita e pediam a paz a D. Luiz d'Atayde, que, ao partir para a Europa carregado de loiros, podia ter a convicção de que não só salvara a India, mas deixara no espirito dos indios uma impressão de terror, que tarde se apagara.

Recebido em Lisboa em 1572 com honras quasi regias, todos julgaram que em 1578, quando se decidiu a fatal expedição d'África, el rei ao menos confiaria a sua direcção a general de tanto prestigio, e cujas victorias tinham dado brado na Europa. El rei, porém, que não queria que outrem lhe roubasse a gloria que ambicionava conquistar, e que

não ousava ao mesmo tempo affrontar a opinião publica, enviou-o de novo á India, já com o titulo de conde d'Atouguia. Aplacaram-se com a sua chegada alguns surdôs rumores de guerra, e a India curvou-se diante do seu glorioso vencedor. Mas as noticias fataes começaram a atropellar-se; primeiro a batalha de Alcacer-Quibir, depois a entrega do reino aos hespanhoes. D. Luiz d'Atayde não teve que reconhecer o novo soberano; morreu, envolvendo na morte um projecto agigantado, o de vir á Europa á testa dos seus veteranos da India, desembarcar n'um porto da França ou de Inglaterra, marchar para Lisboa, e destruir a dominação estrangeira. A amargura de não poder executar esse projecto pungia-o ainda no derradeiro instante; e quem sabe que inesperados elementos resultariam d'esse plano, quem sabe se a espada victoriosa de D. Luiz d'Atayde não restabeleceria o equilibrio destruido pela espada do duque d'Alba?

Vasto problema este, que ficou sepultado, sem solução, no tumulo do conde d'Atouguia, do vulto militar mais notavel, que, depois de Affonso d'Albuquerque, appareceu na India portugueza.

## FRANCISCO DE HOLLANDA

Portugal foi celebre durante a edade média pelos seus illuminadores, que illustravam com admiraveis miniaturas os manuscriptos primorosos que os nossos calligraphos copiavam. Um dos ultimos chronologicamente, mas ao mesmo tempo um dos mais notaveis, foi Francisco de Hollanda, filho de Antonio de Hollanda, e nasceu pelos annos de 1518.

Enviado á Italia para copiar alguns dos primores da arte d'esse paiz, conviveu familiarmente com Miguel Angelo, marquez Victoria Colonna e outros personagens celebres,



acerca dos quaes dá muito curiosas noticias n'um manuscrito de que o conde Rackzinski tira largos extractos, e que Charles Clément aproveitou para completar com particularidades ignoradas a sua biographia de Miguel Angelo.

Francisco de Hollanda deixou outras obras, todas relativas á arte da pintura, que, se não revelam um grande prosador, são escriptas comtudo n'uma linguagem fluente e n'um estylo agradável. Podemol-o accusar da pecha de vaidoso, mas é incontestavel que era homem erudito, pintor mediocre, porém exímio illuminador, que viveu na familiaridade de D. João III, e do infante D. Luiz, e que o proprio imperador Carlos v teve em grande aprêço.

Do seu talento de illuminador dá brilhante prova o livro, ou antes album, das antiguidades da Italia, que existe no Escurial, e que os escriptores hespanhoes declaram um primor d'arte.

Francisco de Hollanda morreu no dia 19 de junho de 1584.

## FERNÃO MENDES PINTO

N'um povo tão viajante como nós fomos, era impossivel que não apparecesse quem narrasse em bom estylo as suas peregrinações. Muitos narradores de viagens surgiram effectivamente, e acima de todos, Fernão Mendes Pinto, um dos mestres do genero, um dos mestres da lingua, cujas viagens rivalisam ainda hoje com as modernas obras-primas de estrangeiros peregrinadores.

Nasceu Fernão Mendes de familia pobre, na villa de Monte-Mór-o-Velho, no anno de 1509. Foi moço da camara do duque de Coimbra, e afinal quiz na Asia tentar fortuna, embarcando para a India a 11 de março de 1537. Não nos permitem os estreitos limites d'este livro narrar as viagens que elle proprio contou de tão peregrina maneira, e em que descobriu o Japão, o que lhe compensou os repetidos infor-

tunios que o saltaram. Em janeiro de 1554 ia voltar á Europa, quando, tomado de subita devoção, se decidiu a vestir a roupeta de noviço da companhia de Jesus, e n'essa qualidade voltou a viajar; mas, por motivos desconhecidos, não professou, e, voltando ao seculo e á Europa no dia 22 de setembro de 1558, sonhou com grandes recompensas, de que depressa o desilludiu a habitual indifferença dos governos portuguezes. Viveu obscuramente em Almada os ultimos annos da sua vida, até que morreu, segundo se supõe, em 1583. O seu livro só foi impresso em 1614.

«A *Peregrinação* de F. M. Pinto, diz o sr. J. F. de Castilho, é um dos livros de mais popular e aprazivel lição que jámais se escreveram em idioma algum. Percorre todos os estylos, abraça todas as situações; tem lagrimas para todos os olhos, sorrisos para todos os labios, terror para todos os espiritos, pasto para todas as imaginações, consolação para todas as dôres, allivio para todas as tribulações. Pròtheu habilissimo, sabe sempre vestir a fórma que na conjuntura se requer.»

Muito tempo foram consideradas as suas viagens um aggregado de mentiras: as modernas explorações de viajantes estrangeiros rehabilitaram a memoria do viajante portuguez, demonstrando a sua veracidade.

O seu livro foi tão apreciado, que o traduziram em muitas linguas, podendo-se vêr a noticia d'essas traducções no precioso *Diccionario bibliographico* do sr. Innocencio da Silva, t. II, pag. 289, e t. IX, pag. 221.

## CAMÕES

O grande cantor das glorias nacionaes, filho de Simão Vaz de Camões, e d'Anna de Sá de Macedo, nasceu em Lisboa em 1524.

Seguiu em Coimbra os cursos da universidade, e nas mar-

gens do Mondego se começaram a revelar também o seu engenho poetico. Voltando á côrte, dizem que sentira uma viva paixão por D. Catharina d'Atayde, e que essa paixão lhe acarretou grandes dissabores. Entrando no serviço militar, combateu em Ceuta a bordo d'uma esquadra, onde uma bala lhe apagou a luz d'um dos olhos. Passou depois á India em 1553, militou no Malabar, no Mar-Roxo e em Ormuz. Voltando a Gôa, e encontrando como governador um Francisco Barreto que deshonorava o nome portuguez, deu largas ao seu genio n'uma satyra violenta intitulada *Disparates da India*, de que lhe resultou ser desterrado para as Molucas, por onde divagou trez annos. Tornando a Gôa, foi protegido pelo vice-rei D. Constantino de Bragança, nomeado para Macão provedor dos defunctos e ausentes. Ahi, na celebre gruta que ainda hoje conserva o seu nome, é que mais adiantou o poema que constitue o seu principal titulo de gloria, e em que havia muito meditava.

Em 1561 voltou a Gôa, naufragou no caminho, salvou do naufragio os *Lusiadas*. Perseguido por odios e intrigas, foi prêso como concussionario; a custo se justificou, regressou a Portugal, padeceu ainda incommodos e trabalhos na viagem, principalmente em Moçambique, e chegou a Lisboa, que encontrou assolada pela peste, no anno de 1570.

Cançado, e ralado pelos desgostos, uma esperança o alentava: era a da publicação dos *Lusiadas*, o seu grande monumento nacional. Com effeito o poema publicou-se em 1572, e foi dedicado a D. Sebastião, que recompensou o poeta com uma pensão annual, que hoje nos parece mesquinha, mas que n'esse tempo, attendendo á differença enormissima do valor do dinheiro, não seria munificente, mas também não era tão pouço rasoavel, como actualmente se imagina.

Comtudo, em consequencia talvez dos embaraços da sua situação anterior, essa pensão, provavelmente mal paga quan-

do os cuidados e as despesas da jornada d'Africa absorveram toda a attenção do rei e dos ministros, não o salvou da miseria alliviada unicamente pelos cuidados sollicitos do João, seu dedicado escravo, e, no seio da miseria, morreu, a 10 de junho de 1580, d'edade de cincoenta e seis annos, o grande cantor das glorias portuguezas.

Se o plano dos *Lusiadas* pecca por bastantes incongruencias, se a sua metrificação nem sempre é das mais accuradas, o épico sopro que os anima, o enthusiasmo que circula no verso e na phrase, a grandesa dos pensamentos, a sublimidade das concepções, fazem esquecer essas ligeiras maçulas. É verdadeiramente uma epopéa nacional, a epopéa d'um povo, e os seus defeitos nascem unicamente da difficuldade de caber um poema, assim agigantado em tudo, no estreito recinto das regras habituaes.

Alem do seu livro, compoz Camões formosissimos versos elegiacos, bucolicos, etc., em que a sua imaginação, viva e terna, a melodia do seu verso, o inexprimivel encanto da sua melancolia, e a alteza do seu pensamento se revelam de um modo muito notavel.

Tambem experimentou forças no genero dramatico, escrevendo tres peças: *Amphytrião*, *El-rei Seleuco* e *Philodemo*, onde se encontra muitas vezes o sal da boa comedia, e se manifesta a delicadesa do seu talento.

Mas o seu titulo de gloria immortal é incontestavelmente o poema dos *Lusiadas*. Sumiu-se a nossa prosperidade, porém o monumento ficou de pé, como esses templos soberbos de Palmyra, que apontam ao viajante no deserto o lugar onde existiu um povo.

## PHEBO MONIZ

Pertencente a uma nobre familia de Portugal, filho de um fidalgo de egual nome, que acompanhou a Hespanha el rei

D. Manuel, quando, pelo seu casamento com a filha dos reis catholicos, foi jurado herdeiro de Aragão e Castella, Phebo Moniz desempenhava no paço o cargo de sumilher da cortina d'el rei D. Sebastião, quando os tragicos successos de Alcacer-Kibir levaram Portugal a dois passos do abysmo.

Em torno do solio do cardeal-rei, que tomou nas debeis mãos o sceptro portuguez, agitavam-se mil ambições, entre as quaes se erguia, como funebre ameaça, a cubiça omnipotente de Philippe II. O cardeal-rei, intimado para escolher um successor, não ousou fazel-o, tremendo dos abalos que produziria o descontentamento dos que vissem as suas esperanças frustradas: mas também não queria reconhecer o principio da soberania popular, delegando nas côrtes a prerogativa da escolha. Convocando os tres estados do reino em Lisboa nos fins de 1578, empregou todas as diligencias para que saíssem só os nomeados da sua feição. Estavam já tão aviltadas as antigas côrtes, que D. Henrique, vendo que Lisboa escolhia para seu representante do braço popular um homem que lhe desagradava, annullou a eleição, e Lisboa submetteu-se. Phebo Moniz foi o novo eleito. D. Henrique não fez objecções, o caracter politico de Phebo Moniz ainda se não pronunciára.

Mas logo Portugal percebeu, com jubilo que, no meio da geral corrupção, do desalento de uns, do servilismo de outros, a voz austera e inflexivel de Phebo era verdadeiramente a voz da patria. Tanto nas côrtes de Lisboa, como nas que se lhe seguiram de Almeirim, Phebo Moniz não cessou de invocar o direito que tinha o paiz de eleger quem o governasse; de protestar que não acceitariam as côrtes senão um rei portuguez; de desmascarar todas as intrigas e subterfugios dos hespanholados; e ousou afrontar rosto a rosto o velho e irascivel monarcha. A sua attitude desconcertou o soberano, envergonhou os traidores, deu coragem

aos tímidos, e assustou D. Christovão de Moura, o agente de Philippe II.

Era porém irresistível a torrente da corrupção; se não faltou uma voz eloquente á causa da independencia, faltou um braço que defendesse a patria. Tinhamos João das Regras, mas D. João I e o condestavel dormiam sobre os seus tumulos, lugubrememente envoltos nas suas arinaduras de pedra.

Philippe II conquistou Portugal. Quando chegou a hora da vingança, Phebo Moniz não foi esquecido. No carcere, onde morreu, expiou a sua nobre independencia e o seu ardente patriotismo.

É digno da veneração da posteridade esse homem, que, no meio do aviltamento de tantos, da desanimação de quasi todos, ousou erguer a voz e protestar contra o captivo. A sua eloquencia foi quasi a unica centelha de amor patrio que sulcou as trévas de tão vergonhoso periodo; mas, conservando-se viva debaixo das cinzas, bastou para accender ao cabo de sessenta annos o vasto incendio de 1640.

## FR. THOMÉ DE JESUS

É este varão um dos nossos mais aprimorados classicos, ainda que os assumptos em que escreveu não sejam dos que attraem os modernos leitores. A sua obra capital é de puro mysticismo, as outras de controversias religiosas.

Era fr. Thomé de Jesus filho de Fernando Alvares de Andrade, homem de alta nobresa, irmão de Diogo de Paiva de Andrade, theologo bem conhecido pelo seu muito saber. Nasceu em 1529. Estava ligado com a mais distincta nobresa de Portugal, tendo, entre muitos outros parentes illustres, o conde de Linhares casado com sua irmã.

Entrou na ordem dos Agostinhos por vocação especial, sendo muito querido e estimado pelo padre fr. Luiz de Montoya, cuja biographia escreveu, e cuja *Vida de Christo* concluiu.

Acompanhou el rei D. Sebastião a Africa, portando-se sempre com muita caridade no curar os feridos e no acudir-lhes com os promptos soccorros da religião. Porém o sangue bellicoso dos seus antepassados fervia-lhe nas veias por baixo da cogulla monastica, e na batalha d'Alcacer-Kibir, não podendo cingir a espada, empunhou um crucifixo, e andava animando os soldados, quando o prostrou uma lançada de moiro, e caiu prisioneiro dos marroquinos.

Um marabuto arabe comprou-o, e, depois de tentar convertel-o, martyrisou-o, encerrando-o n'um carcere, onde, segundo diz o seu ingenuo biographo, lhe dava *menos de comer e mais açoites*, regimen pouco substancial, que o ia fazendo passar para o outro mundo, e que deu em resultado o escrever elle, á tibia luz que se coava pelas grades da marmorra, o seu livro dos *Trabalhos de Jesus*, primoroso em linguagem, e, ainda que escripto no estylo alambicado dos prosadores mysticos, rescendendo não sei que amorosos perfumes, que nos fazem presentir Santa Theresa, e contrastam com o ascetismo feroz dos padres que escreviam em Lisboa á sinistra luz das fogueiras dos autos da fé.

De casa do marabuto foi passado a Marrocos, á instancias do embaixador de Philippe II, que viera tratar do resgate dos prisioneiros de Alcacer-Kibir. Ali esteve no carcere dos christãos, convertendo moiros, refutando algumas obras de escriptores judaicos, e não querendo ser resgatado, porque desejava consagrar-se ao conforto espiritual dos seus irmãos captivos, até que morreu a 17 de abril de 1582, pranteado por christãos e moiros, porque todos admiravam as suas virtudes e piedade.

Entre todos os nossos escriptores monasticos é este um dos mais sympathicos. Nem a influencia de Loyola, nem a dos inquisidores, haviam maculado a limpidez d'aquella alma verdadeiramente christã.

## DIOGO BERNARDES

Nasceu Diogo Bernardes depois de 1530 e antes de 1540, na villa de Ponte de Lima. Filho de Diogo Bernardes Pimenta, e irmão de Agostinho Pimenta, outro poeta notavel, que tomou o habito e passou a chamar-se fr. Agostinho da Cruz, o escriptor de quem fallamos, revelou, desde creança, grandes tendencias para a poesia. Tendo poucos meios, e desejando augmental-os, entrou na vida diplomatica, acompanhando como secretario a Madrid o embaixador Pero d'Alcova Carneiro, que o protegia. Voltando a Portugal, parece que viveu bemquisto da côrte, porque el rei D. Sebastião lhe ordenou que o acompanhasse á jornada d'África, para ser o chronista-poeta da expedição, o que revela a temeraria confiança com que o imprudente moço entrava em tão duvidosa empresa.

N'essa fatal viagem, Diogo Bernardes, não podendo embocar a tuba épica, empunhou a espada, e combateu como valente em Alcacer-Kibir, onde foi aprisionado pelos moiros.

Resgatado, juntamente com muitos outros portuguezes, por ordem de Philippe II; voltou á patria, onde se viu perseguido pela miseria, que procurou combater accitando dos hespanhoes um modesto emprego. Em Lisboa falleceu no anno de 1596, segundo alguns affirmam, porque essa data é controversa, havendo quem prefira com argumentos de algum péso, a de 1605.

Teve assim vida aventurosa o poeta menos talhado para aventuras. O seu talento, suave e mimoso, posto que não de grande alcance, fez de Diogo Bernardes um dos nossos mais primorosos bucolicos. O amor da natureza, a suavidade dos sentimentos que a contemplação dos quadros campestinos lhe inspira, tudo n'elle revela um poeta ameno, scismador, melancolico, de horisontes limitados e serenos. Das



suas outras composições poeticas são as elegias as que merecem maiores louvores, porque era esse tambem o genero que menos desquadrava ao seu talento.

### JERONYMO CORTE-REAL

Este illustre poeta, senhor do morgado de Palma, nasceu pouco mais ou menos em 1540 e falleceu em 1593.

Como Camões, Jeronymo Côrte-Real militou na India, onde foi capitão-mór de uma armada, e parece que tambem fez parte da infeliz expedição d'África. Sente-se nos seus poemas que é effectivamente homem que meneiou a espada, e sentiu rugir as tempestades, quem com tanta vivesa e colorido pinta o fragor das batalhas, e as tempestades do oceano. Feliz seria se as preoccupações do erudito não viessem entremeiar-se com as recordações do soldado e do marinheiro, e se os vôos da phantasia lh'os não cortasse desapiadadamente o maravilhoso mythologico. Este conjuncto de predicados e de defeitos reconhece-se nos seus dois poemas épicos portuguezes, *O segundo cerco de Diu* e o *Naufragio de Sepulveda*, e n'uma formosa epopéa, que escreveu em castelhano, cujo assumpto é a *Victoria de Lepanto*. A prolixidade e a incorrecção maculam tambem os seus livros: mas essas nodoas escurecem-n'as frequentemente as vivissimas descripções, e o pathetico de algumas scenas. Apesar de todos estes defeitos, é comtudo Jeronymo Côrte-Real um dos nossos poetas mais justamente celebres.

### JORGE DE MONTEMÓR

Este poeta, celebre em toda a Europa, nasceu na villa de Montemór-o-Velho, na provincia da Beira, em Portugal. Passou muito novo para Hespanha, onde foi cantor da regia capella. Trocando depois este pacifico mister pela vida

das armas, foi assassinado na Italia no dia 26 de fevereiro de 1561.

O livro, que lhe deu immorredoiã fama, é um longo romance pastoril, escripto em castelhano, e conhecido pelo nome de *Diana de Montemayor*. Era um genero noyo, em que as vivas pinturas da natureza, um estylo suave, enredos não desinteressantes nos pequenos contos de que se entretece a narrativa, se matizavam com finos conceitos e requintados problemas de metaphysica amorosa, que deliciaram primeiro as damas da côrte de Castella, e depois as da Europa inteira. Foi por muito tempo a *Diana de Montemayor* o livro predilecto dos leitores de romance, imitaram-n'o em francez, continuaram-n'o em hespanhol, e por todo o seculo xvii não fez a litteratura amena mais do que seguir o impulso dado por este desdenhoso portuguez, que despresou a lingua patria para escrever na dos nossos visinhos, mas que teve a gloria de inaugurar um genero novo, a quem por isso não cabem poucos louvores, e que portanto deu lustre e fama á terra que o viu nascer.

#### D. FR. BARTHOLOMEU DOS MARTYRES

Mais distincto pelas suas virtudes do que pelos seus talentos, este arcebispo de Braga deve, além d'isso, uma boa parte da sua celebridade ao mimoso biographo que lhe coube em sorte. O estylo suavissimo de fr. Luiz de Sousa seria um penhor seguro de immortalidade para este vulto, ainda que elle não rescendesse o incontestavel perfume das mais puras virtudes evangelicas.

Filho de Domingos Fernandes e de Maria Correia, nasceu Bartholomeu dos Martyres em Lisboa, no mez de março de 1514. Mostrando vocação para a vida ecclesiastica, professou na ordem de S. Domingos, distinguindo-se em breve pela austeridade dos seus costumes. Em 1551 foi eleito

definidor, e pouco tempo depois prior do convento de Bemfica; finalmente, vagando o arcebispado de Braga, chamou-o a rainha D. Catharina a esse elevado posto, sorprendendo, a sua humildade com tão alta recompensa das suas virtudes e da sua vida exemplar.

O zelo piedoso que elle desenvolveu no arcebispado, a sua abnegação completa, a sua caridade extrema, a austeridade da sua vida e a indulgencia do seu animo, a sua modestia inexcedivel, são predicados cujos louvores fr. Luiz de Sousa entõa largamente com a sua magica eloquencia. Quando se reuniu o concilio de Trento, foi elle um dos prelados que de Portugal partíram, e n'essa reunião magna do alto clero catholico, sempre a sua voz se fez ouvir a prol da disciplina ecclesiastica, e da reforma dos abusos que se tinham introduzido na igreja; por isso o pontifice e os prelados o ouviam e tratavam sempre com o respeito devido a virtudes que honravam, na pessoa de D. fr. Bartholomeu, o catholicismo todo.

Entregue aos deveres espirituaes, ministro d'uma religião de amor, e querendo sobre tudo para os seus diocesanos os beneficios da paz, acceitou o arcebispo talvez com demasiada promptidão o governo de Philippe II, mas isto, que n'um homem politico seria nodoa indelevel, encontra desculpa no sacerdote, que só era e sabia ser pastor das almas, e que, todo contemplativo e ascetico, mais pensava na patria celestial do que na patria terrestre.

Os cuidados episcopaes, de que elle se desempenhava com tão ardente sollicitude, eram ainda assim pesados para o seu mystico espirito, que mais se comprazia na quietação dos mosteiros; por isso, logo depois das côrtes de Thomar, pediu a Philippe II que lhe acceitasse a renuncia do arcebispado, e emfim, em fevereiro de 1582, conseguiu largar da mão o baculo, que outros, menos dignos de o empunharem, tanto cubiçam, e recolher-se ao mosteiro de Santa-

BIBLIOTECA UNIVERSITARIA DE LISBOA

Cruz de Vianna onde falleceu no dia 16 de julho de 1590, deixando na historia ecclesiastica um perfume de ardente caridade, e de apostolica modestia, que se conserva, como fina essencia em frasco cinzelado, no precioso livro do seu encantador biographo.

### D. FR. AMADOR ARRAES

Filho de Simão Arraes, e natural de Beja, este illustre varão, desde verdes annos, deu provas de raro talento. Tomou o habito de carmelita a 24 de janeiro de 1545. Os seus bellos sermões adquiriram-lhe notavel fama, que despertou no moço rei D. Sebastião desejos de o ouvir, e que fez com que este lhe concedesse as honras de prégador régio. Ainda mais affecto se lhe mostrou o cardeal-rei D. Henrique, fazendo conferir-lhe o bispado de Tripoli *in partibus infidelium*, e depois nomeando-o seu esmoler-mór. Philippe II promoveu-o a bispo de Portalegre, e no governo da sua diocese mostrou-se Amador Arraes homem verdadeiramente evangelico, e digno dos mais elevados cargos da egreja. Foi a providencia de Portalegre na peste que opprimiu o reino, e contribuiu muito com o seu dinheiro para o resgate dos prisioneiros d'Alcacer-Kibir. No anno de 1596, ancioso pelo placido viver do claustro, resignou o bispado, e recolheu-se ao collegio de Coimbra, onde morreu no dia 1 d'agosto de 1600.

Fr. Amador Arraes é considerado como um dos nossos escriptores classicos, e talvez o nosso primeiro moralista. Os seus dialogos, escriptos em purissima linguagem e vigorosissimo estylo, encerram pensamentos e maximas, que, longe de terem o scepticismo amargo de La Rochefoucauld, derramam no coração o balsamo da fé, e da placida esperança.

## DIOGO DE PAIVA D'ANDRADE

Theologo e prégador célebre, nasceu em Coimbra a 26 de julho de 1528. Foi enviado por D. Sebastião ao concilio de Trento, e ahi adquiriu uma reputação européa, e um tal prestigio, que era em sua casa que se reuniam os theologos e os prelados do concilio para decidirem as questões espinhosas. Travou com o protestante Kemnitz uma discussão acalorada ácerca da companhia de Jesus. Este combate, sustentado com vigor, e azedume tambem, segundo o costume da época, augmentou os creditos do theologo portuguez.

Voltando á patria, não foi tratado com a consideração a que lhe dava direito o muito que honrara lá por fóra o nome d'este paiz. Consagrou-se ao pulpito, e ahi mostrou quanto valia como orador sagrado. A sua eloquencia corrente, limpida na linguagem e no pensamento, não tem nem as agudezas de Vieira nem os raptos de Bossuet, mas é notavel, e digna de summo apreço.

Esses sermões foram impressos no principio do seculo xvii. Diogo de Paiva d'Andrade morreu a 1 de dezembro de 1575 de idade de 47 annos.

Pertenceu a uma familia toda illustre. Foram seus irmãos Francisco d'Andrade, o chronista de João III, e fr. Thomé de Jesus, o escriptor mystico. Foi seu sobrinho outro Diogo de Paiva d'Andrade, que nasceu em 1576, escreveu o *Exame d'antiguidades* para refutar opiniões de fr. Bernardo de Brito; o *Casamento perfeito*, obra de philosophia moral ácerca dos deveres do matrimonio, e um poema latino *Chauleidos*, para celebrar o cerco de Chaul, sustentado em 1570 por D. Francisco de Mascarenhas. Morreu em 1660.

A gloria d'este segundo Diogo de Paiva d'Andrade é mais devida á sua erudição do que ao seu talento poetico.

## DIOGO DO COUTO

Este celebre historiador nasceu em Lisboa em 1542. Familiar do infante D. Luiz, filho d'el rei D. Manuel, quando morreu o infante, partiu para a India a procurar fortuna, de idade de 14 annos. Regressou aos 22, e tornou despachado para o Oriente. Em Gôa entregou-se com ardor ao estudo, e começou a escrever algumas paginas avulsas da historia das nossas coisas da India. Correu a fama do seu talento, e chegou a Portugal quando el rei Philippe, que cingia a corôa que usurpára, pensava em fazer continuar as *Décadas* de João de Barros. Para isso nomeou então sujeito de cuja capacidade lhe faziam tantos louvores.

Sem ter o estylo atiloquo de Barros, vence-o Diogo do Couto em predicados de historiador. É imparcial, é exacto, e sobretudo não procura adular os reis que deixavam morrer os heroes da India, pungidos pela calumnia e pela intriga. Militando lá e sabendo como as coisas se passavam. Diogo do Couto narra, com a auctoridade e a indignação de um soldado, as crueldades e as prepotencias dos nossos, a sua sêde de oiro, e as injustiças e mesquinhasarias dos ministros que pretendiam de longe resolver tão importantes negocios.

Estas ultimas qualidades sentem-se ainda melhor no *Soldado pratico*, livro onde expoz as causas da nossa decadencia na India, com singular isempção.

Além d'estas obras, escreveu a vida de D. Paulo de Lima, capitão-mór da India, e outras de menos importancia. Morreu em Goa, a 10 de dezembro de 1646, de idade de 74 annos.

## GABRIEL PEREIRA DE CASTRO

Nasceu este eminente jurisconsulto e notavel poeta em Braga no dia 7 de fevereiro de 1571, e morreu em Lisboa no dia 18 de outubro de 1632. As duas obras, que justificam a sua dupla fama, são o tratado *De Manu Regia*, em que elle reivindicá a independencia da corôa contra as pretensões do pontificado, e que foi, por isso, como era de esperar, condemnada em Roma; e a *Ulysséa*, poema épico em que toma por assumpto a fabulosa fundação de Lisboa.

O tratado *De Manu Regia*, além de ser muito apreçado como obra de jurisprudencia, encerra valiosas especles para a história da legislação e da civilização portugueza; e, como tal, é com frequêcia encomiasticamente citado pelos modernos historiadores. A *Ulysséa* é poema tido em grande conta pelos estudiosos, posto que lhe falte a primeira qualidade de uma obra poetica, a inspiração rasgada e original; nem elle a poderia encontrar n'um assumpto, em que muito de proposito seguia as pisadas de Homero, trilhando a mesma senda, e abandonando por isso voluntariamente a sacra fonte do entusiasmo patriótico.

É a *Ulysséa* um poema bem metrificado, encerrando boas descripções, e de vez em quando versos cheios d'energia, conduzido segundo as regras classicas, mas que se deve collocar a enorme distancia dos *Lustadas*, que procurou imitar em não poucos logares, e ainda muito longe do *Affonso Africano*.

Exerceu Gabriel Pereira de Castro altos cargos da magistratura, sendo em ultimo lugar nomeado chaticeller-mór do reino, o que provaria que não lhe repugnava a dominação hespanhola, se não bastasse a demonstração amplamente a empilhada dedicatoria do seu poema, dirigida a Philippe IV.

## VASCO MOUSINHO E O QUEIRO

Este notavel poeta épico portuguez nasceu em Setúbal, foi formado em direito pela universidade de Coimbra, e viveu no seculo xvii durante o dominio castelhano em Portugal, como se vê pela primeira edição do seu *Affonso Africano*, e por uma composição sua allusiva á entrada de Filippe III em Lisboa, sem que nada mais conste acerca d'este vate, apesar de ser a sua epopéa de Carlo a mais notavel que possuímos, depois da grande epopéa nacional dos *Lusiadas*.

Tomando por assumpto as cavalheirescas façanhas de Affonso V na Africa, Vasco Mousinho não se deixou dominar pelo gongorismo, que principiava a ter voga em Portugal, e soube cantar com épica singeleza, mas com opulencia de estylo, o heroe que escolheira, seguindo até, com raro acerto, o maravilhoso dos velhos poemas cavalheirescos, de preferencia ao postico maravilhoso classico. Os encantamentos de Ariosto eram effectivamente os que menos destoavam com o typo de Affonso V, verdadeiro heroe de romances de cavallaria.

## PEDRO FERNANDES QUEIROZ

Duvidam muitos de que este celebre navegador seja portuguez. Viveu durante o dominio dos Filippes, commandou esquadras hespanholas, e por isso é considerado hespanhol pelos estrangeiros; mas elles mesmos se encarregam de se desmentir, porque o dão nascido em Evora, justificando assim o que o proprio nome já nos fizera pensar, isto é, que o navegador mais notavel do seculo xvii era, como os dos dois seculos anteriores, portuguez.

Foi elle, segundo a opinião de Cook, o primeiro a sentir a idéa de um continente austral; e, partindo n'essa



idés de Galvão, no Perù, a 24 de dezembro de 1605, descobriu uma boa parte da moderna Oceania, sendo o primeiro a encontrar o archipelago, a que o mesmo Cook deu a denominação de Novas Hebridas, a ilha de Taiti, e muitas outras perolas do mar do Sul.

## FRANCISCO RODRIGUES LOBO

Pouco se sabe da vida d'este suavissimo poeta, que nasceu em Leiria, talvez no ultimo terço do seculo xvi, e morreu, talvez no primeiro quartal do seculo xvii, mas de certo posteriormente a 1623, anno em que elle mesmo fez imprimir algumas das suas obras. Era filho de André Lazaro Lobo, e de Joana de Brito, Gavião. Frequentou a universidade da Coimbra, passou a maior parte da sua vida em Leiria, morrendo afogado no Tejo, n'uma viagem que fez a Lisboa.

Nenhum das nossos poetas bucolicos pôde rivalisar com este em amenidade de estylo e em vivo sentimento da natureza. A *Primavera*, especie de romance no genero da *Diana de Montemayor*, encerra varias admiraveis, que parecem rescender os aromas e exhalar as melodias da predilecta estação do vale. Ha uma frescura inexcedivel nas suas descrições, e tanta doçura no seu estylo, que enlevam ainda o leitor do seculo actual, por muito que se enfada com as longas dissertações de metaphysica amorosa, que, segundo o gosto do tempo, recheiam tanto a *Primavera*, como os livros que lhe são sequencia, a *Pastor peregrino*, e o *Desenganado*.

O outro notavel livro de Rodrigues Lobo é o que se intitula *Côrtes na aldeia*, modelo de boa prosa portugueza. Ainda que nos pareçam hoje um tanto triviaes os objectos que occupam a attenção dos heros d'este livro, que dialogam por noites de inverno, em pratica desenfadada, não deixamos de apreciar a siseudez de muitas reflexões, a gra-

vidade do estylo, e sobretudo os raras primores da lingua-gem. Não foi tão feliz Rodrigues Lobo embocando a tuba épica, e o seu *Condestabre* não merece logar muito importante na vastissima lista das nossas epopéas; mas o que podemos dizer affoitamente, é que Rodrigues Lobo é o mais suave dos nossos poetas; parece que foi a propria primavera, a doce musa que lhe habeo a lyra e lhe perfumou o estro.

### FR. LUIZ DE SOUSA

Este eminente escriptor, cujo nome profano era Manuel de Sousa Coutinho, nasceu em Santarem no anno de 1555. Concluidos os seus estudos, ou se alistou nas esquadras portuguezas, ou nas da ordem de Malta, o que não está bem averiguado, mas o certo é que foi captivo dos corsarios barbarescos, e conduzido a Argel em 1575 ou 1576. Ali tratou conhecimento com Miguel de Cervantes, o grande escriptor hespanhol.

Resgatado em 1577, voltou á patria, e parece que seguiu ainda a carreira das armas, até que entre 1584 e 1586 casou com D. Magdalena de Vilhena, supposta viuva de D. João de Portugal, que se julgára morto na batalha d'Alcacer-Kibir, ou nos carceres de Fez. Uma catastrophe inesperada quebrou esta união: em 1613 separaram-se, de mutuo accordo, para entrarem no claustro, D. Magdalena no mosteiro do Sacramento de Lisboa, e Manuel de Sousa Coutinho no convento dominicano de Bemfica, onde professou a 8 de setembro de 1614, tomando o nome, hoje immortal, de fr. Luiz de Sousa.

Qual foi o motivo d'este inesperado desenlace? Foi, como narra fr. Antonio da Encarnação, a subita chegada do primeiro marido de D. Magdalena, que todos pensavam morto, e que de subite resurgiu? Não ha dados positivos para que tal se affirme; seguramente a arte não carece d'escrupulosa

authenticidade, e a isso devemos o admiravel drama de Fr. Luiz de Sousa, escripto por Almeida Garrett, e que, occupando no theatro portuguez incontestavelmente o primeiro lugar, póde ser considerado como um dos mais bellos da litteratura européa no seculo XIX.

Ou fosse a desgraça que, suavizada pelos magicos influxos do claustrio, se lhe resolvesse em adoravel melancolia e em mimosa doçura de pensamentos, ou fosse natural languencia de seu espirito, é certo que nunca a linguagem portugueza ostentou mais ineffavel encanto do que nos livros de fr. Luiz de Sousa. Ha n'elles uma placidez que enleva, um deslizar sereno de phrases que nos affaga brandamente, um perfume de mysticismo que nos extasia. Dir-se-hia um rio manso e transparente, que vae correndo entre margens viscosas e melancolicas arvoredos deirados pelos ultimos reflexos do outono.

O encanto do estylo, a vernaculidade da linguagem, a limpidez do pensamento, são tudo em fr. Luiz de Sousa. É um doce poeta e não um historiadôr. Foi comtudo historio-grapho que escreveu, mas a lenda constantemente se entrelaça com a narrativa dos factos veridicos.

As suas obras mais apreciaveis são a *Historia de S. Domingos*, a *Vida do archiepo de Braga D. Fr. Bartholomeus dos Martyres*, e os *Annaes de D. João III.*

Morreu em Bemfica no mez de maio de 1632.

### FR. ANTONIO BRANDÃO

Entre os antigos chronicistas que, em linguagem mais ou menos pura, com estylo mais ou menos eloquente, escreveram a nossa historia, avulta fr. Antonio Brandão, monge de Cister, pela boa critica, pelo amor da verdade e pela exatidão das investigações. Tudo isto, já se vê, e dizemos relativamente aos tempos em que escreveu, e em que a enco-

tição não era decerto o alvo a que habitualmente aspiravam os historiadores.

Nasceu fr. Antonio Brandão em Alcobaça no dia 25 d'abril de 1584; formou-se em theologia na universidade de Coimbra, tendo professado na sua ordem a 27 d'octubro de 1599, exercer o cargo de abba de ds Desterr, e foi electo geral de Cister em Portugal; a 4 de maio de 1636. Morreu no mosteiro d'Alcobaça no dia 27 de novembro de 1637.

A obra vasta da *Monarchia Lusitana* começada debaixo de tão ruins auspícios por fr. Bernardo de Brito, foi continuada por fr. Antonio Brandão, pertencendo-lhe, n'essa historia de tão diverso merecimento; a terceira e a quarta parte, que abrangem os governos do conde D. Henrique e dos cinco primeiros reis de Portugal; Philippe III nomeara-o Chronista-mór do reino a 19 de maio de 1636.

O que attesta indubitavelmente o altissimo talento d'Antonio Brandão, é o respeito com que o hossa eminentemente contemporaneo, o sr. Alexandre Herculano, sempre fallando esse grande vulto, que foi o seu antecessor na difficil tarefa de restituir o verdadeiro character aos factos adterridos da nossa historia. A época, estudada por fr. Antonio Brandão, se não ficou de todo desbravada de tradições apocryphas, recebeu de certo muita luz da sã e diligente investigação do monge cisterciense.

#### D. BERNARDA FERREIRA DE LACERDA

QADIANA CIMOTIA RF

Nasceu esta illustre poetisa na cidade do Porto no anno de 1805. Era filha d'ignacio Ferreira Lemos, chanceler-mór do reino, e de D. Paula de Sá Pereira. Logo de verdes annos mostrou natural talento e um desejo d'aprender, formando-se, com o decurso do tempo, numa sã e erudita sima, conhecendo as linguas latina, espanhola e italiana, como o seu materno idioma. A fama da sua sabedoria era

tão ampla, que, vindo D. Philippe III a Portugal, convidou-a para mostra dos infantes seus filhos, mas D. Bernarda, verdadeira portugueza, regeitou a offerta. Poetisa notavel, ainda que não extinta da memória do culteranismo, compoz principalmente em castelhano, merecendo os applausos dos mais illustres poetas das Hespanhas, entre outros do célebre Lope de Vega. Os seus mais celebrados livros são a *Espanha Libertada*, e as *Soledades do Bussaco*.

Foi casada com um fidalgo chamado Fernão Correia de Sousa. Quando sobrevello a heroica restauração de 1640, não ficou muda a lyra da illustre poetisa portugueza, e em várias composições sandou a subida ao throno do rei nacional D. João IV. Pouco sobreviven á proclamação da nossa independência, fallecendo em Lisboa no dia 1.º d'outubro de 1644.

Foi tão apreciada entre os seus contemporaneos D. Bernarda Ferreira de Lacerda pelos seus dotes intellectuaes, como pelos raros dons de belleza e de virtudes que a adornaram. E tambem commemorada como primorosa nas artes de desenho.

### JACINTO FREIRE DE ANDRADE

Este escriptor illustre, cuja brilhante prosa, e presentada á admiração das gerações desde os bancos das escolas, tornou familiar a todos os portuguezes, ainda os menos leidos, nasceu em Beja em 1697. Destinado por seus paes ao estado ecclesiastico, tomou ordens, formou-se na universidade, e passou depois a Madrid, gera na epocha do nefasto dominio hespanho, onde foi muito bem recebido, graças ao seu visível talento e ao seu ameno trato, que obteve o despacho de 1740, e os seus requerimentos, sendo agraciado com a prelazia de Santa Maria dos Chãos do bispado de Vizeu.

Quando porém o conde duques de Olivares, ego pelo orgulho, e resovido a extinguir os últimos fôros da nação portugueza, entrou no caminho das violencias contra a nossa patria, Jacinto Freire não disfarçou a sua reprobacão, e, indigitado por isso ás iras do governo, passou occultamente para Portugal, e conservou-se obscuro e olvidado na sua abbadia, até que rebentou a feliz revolação de 1. de dezembro de 1640.

A perseguição, que o governo hespanhol lhe movêra, era um título para o valimento de D. João IV. Effectivamente destructou esse valimento, gosando ao mesmo tempo os suaves triumphos que lhe proporcionava em todas as salas o seu talento poetico, a facilidade em engenhar conceitos requintados, e a sua amena disposiçã, até que, tendo desagradado a el rei pelo facto de recusar o emprego de preceptor do príncipe D. Affonso, e por algumas outras veleidades opposicionistas, achou prudente refugiar-se no seu opulento retiro de Santa Maria das Chans, d'onde o chamou de novo a Lisboa a fascinação que sempre n'elle exerciam os grandes centros populosos. Em Lisboa morreu, afastado do paço, no dia 16 de março de 1657.

Teve no seu tempo uma grande fama de poeta, que hoje desapareceu completamente na vasta sômbra projectada pela sua obra immortal, a *Vida de D. João de Castro*. Se o estylo d'este livro é frequentemente affectado e turgido, se os factos são expostos não com a singela verdade do narrador sincero, mas com a pompa rhetorica do escriptor que sacrifica tudo aos grandes affectos, se finalmente as feições do seu heroe são antes pintadas pelos moldes classicos de Plutarcho, do que tiradas do natural, todos esses defeitos ficam largamente compensados pela vivacidade pittoresca do estylo, pela harmonia encantadora da linguagem, e sobretudo por uma certa magestade altisonante, que diz bem com a grandeza do assumpto, que dá uma cor épica a essa

narrativa sublime, que enleva os corações e arrebatava os espiritos. Dir-se-lhe-ia que Jacinto Figueira de Andrade, para contar dignamente façanhas tão singulares, poz sobre o rosto, a fim de engrossar a voz, a mascara de bronze, sem a qual os actores gregos não ousavam reproduzir as creações sobrehumanas dos grandes vultos da tragedia antiga.

### JOÃO PINTO RIBEIRO

O nome d'este homem, simples magistrado e doutor pela universidade de Coimbra, não se pôde desligar da gloriosa revolução de 1640. Nasceu, dizem uns, em Lisboa, outros em Amarante. Patriótico, activo e energico, homem de maduro pensar e d'alma inquebrantavel, foi elle que transformou o descontentamento geral do reino em séria aspiração para a liberdade; foi elle que atou os fios da conjuração dos fidalgos; elle que deu um chefe á revolução, vencendo as hesitações do duque de Bragança, sendo o intermediario desatendido entre Lisboa e Villa-Viçosa, apacando as discordias, confortando os tibios, resolvendo as difficuldades. Quando a revolução rebentou, unanime e victoriosa, não dormiu João Pinto Ribeiro sobre os seus lençols, mas, pegando na penna, defendeu eloquentemente a justiça do movimento, para o qual, mais do que ninguém, contribuiu. Pouco sobreviveu comtudo ao triumpho: morreu em Lisboa, a 11 d'agosto de 1649, recompensado por D. João IV. com os cargos de desembargador, contador-mór da fazenda, e guarda-mór da Torre do Tombo. Felizmente não deu tempo a elle, para ser ingrato, e a sua morte salvou a coroa portugueza de mais essa mácula.

Mas foi o applauso da posteridade que recompensou amplamente João Pinto Ribeiro. Memorámos com reconhecimento e elogio os nomes dos quarenta fidalgos, cujas espadas hercicas despedaçaram n'uma hora os gailhões de ses

setenta annos, mas venerámos, acima de todos, o nome do doutor, do filho do povo, que foi o pensamento, a energia, a alma da restauração.

## MATHIAS DE ALBUQUERQUE

Mathias de Albuquerque, nomeado conde de Alegrete em recompensa da victoria de Motuza, teve a honra insigne de ganhar a primeira batalha que se pejeou na guerra da restauração de 1640. Nascido no Brasil, na segunda metade do seculo xvi, era governador de Pernambuco quando os holandezes principiaram a cobçar as nossas colonias brasileiras. Auctorisava-os a conquistal-as e pertencarem ellas, da mesma fórma que Portugal, á vasta monarchia hespanhola, que trazia guerra com a juvenil republica. A primeira cidade que tomaram foi a Bahia, e ali aprisionavam o governador do Brasil Diogo de Mendonça Furtado. Recebendo da Europa a nomeação de governador interino da colonia, Mathias de Albuquerque expediu com actividade reforços aos bahianos, que, dirigidos pelo bispo D. Marcos Teixeira, prolongavam no Recôncavo a resistencia aos hollandazes, e concorrerão poderosamente para que se reconquistasse a capital. Em 1630 houve a Pernambuco a sorte infeliz de cada batalha contra a superioridade do numero e herdismo de Mathias de Albuquerque, e a dedicação dos poucos hollandazes, que o ajudavam, na defesa. Pernambuco succumbiu. Mathias de Albuquerque, com soccorros da Europa, manteve se comtudo nos arredores da cidade, inquietando os hollandazes com uma pequena guerra sem tréguas. Apesar d'isso o governo hespanhol mandou-o recolher a procelas das mãos, e encerrou-o no castello de St. Jorge. Punia-se commo crime o infortunio, e chamava-se impericia do general, o que fora apenas desleixo do governo. Abriu-lhe as portas do castello a revolução de 1640. Saio frente do virrei



ca; e logo principiou, por ordem de D. João IV, a organisar activamente a defesa no Alentejo.

Não estavam terminados comtudo os seus infortunios. As suspeitas de D. João IV, quando se descobriu a conjuração anti-patriótica do marquez de Villa Real e do arcebispo de Braga, abrangeram os vultos mais intimaciados; e Mathias de Albuquerque, apesar do absurdo de uma accusação que indignava como complice dos hespanhoes quem fora victorisa d'elles, não escapou a ser preso. A sua innocencia tornou-se evidente; e Mathias de Albuquerque, pouco tempo depois, retomou o commando do exercito do Alentejo. Em 1644 ganhou contra o barão de Mollingen, em terras hespanholas, a brilhante victoria de Montijo, que teve uma influencia incalculavel, porque deu aos portuguezes confiança em si mesmos; e foi a bellica sancção do movimento de 1 de dezembro.

Em 1646 travou nova batalha em Telem contra o mesmo barão de Mollingen, mas não lhe sorriu tao prospera fortuna. Intrigas e discordias dos seus subordinados tiraram-lhe das mãos a victoria, e, posto que não fosse derrotado, teve comtudo que retirar, atravessando em boa ordem o Gradalhão. O desgosto, que isto lhe causou, e a indifferença, com que o rei o tratara, obrigaram-no a largar o commando, e apressaram talvez a sua morte, que velu a realisar-se no principio de 1647. Fallecia longe dos campos de batalha, privado do bastão do commando; o homem que primeiro cingira com a aureola da victoria a resurgida bandeira de Portugal.

## D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO

Nasceu este celebre escriptor em Lisboa a 27 de novembro de 1694. Era filho d'um illustre fidalgo, e appareceu pelo mundo materno com a casa de Bragança.

Seguindo a carreira das armas, militou no Brasil na esquadra de D. Manuel de Menezes, que para esse paiz se dirigiu em 1627. Em 1637 foi um dos que mais contribuíram para aplacar a sublevação d'Evora, movimento insurreccional ainda prematuro contra os hespanhoses. Em 1639 militou, como mestre de campo, na esquadra de D. Antonio Oquendo, que anda cruzando na Mancha; passa a fazer a guerra em Catalunha, e ahí é preso quando rebenta em Portugal a revolução de 1640. Solto pouco depois, passa á Hollanda, e d'ahi á sua patria a offerer os seus serviços a D. João IV. Presta-os, e grandes, tanto militares, como administrativos, mas attrae pela sua superioridade o odio de ministros e cortezaões, que acham meio de o implicarem n'um processo absurdo, de que resultou uma longa prisão, da qual saiu (diz-se) a repetidas instancias de Luiz XIII, de Franca, que muito o estimava e protegia.

Depois de solto, entregou-se exclusivamente ás letras, de que foi um dos mais eximios cultores no seu tempo, e engrançou assim na historia litteraria do seu paiz um dos logares mais eminentes. Morreu em Lisboa no anno de 1666, d'idade de 55 annos.

Autor fecundissimo, prima pelo gesto chistoso e delicado do seu espirito finamente observador, e por um estylo elegante e como que despretencioso, apesar dos influxos da moda do seu tempo. São estas as qualidades notaveis da sua *Carta de guia de casados*, verdadeiro folhetim do seculo xvii. Ainda lhe sobrelevam em merecimento os *Apologos dialogaes*, onde ha a um tempo tanto bom gesto litterario, e tanto primor d'estylo, tanta graça e tanta erudição.

Escrevendo historia, ninguém teve, mais do que elle, o estylo grave que ao historiadór compete. É um modelo n'este genero o capitulo das *Alterações d'Evora*, nas *Epigramas*, e a *Historia de los movimientos y separacion de Cataluña* é tão considerada entre os nossos vizinhos, que

figura ella no *Tesoro de Historiadores españoles* das edições de Baudry e de Ribadeneyra, como uma das obras mais selectas que n'esse genero a lingua castelhana possue.

Tambem como poeta se distinguu D. Francisco Manuel, e o seu entremez do *Fidalgo aprendiz* é realmente chistoso e original. Emfim, escriptor fecundissimo, prosador inimitavel, D. Francisco Manuel de Mello é uma das mais potentes individualidades da nossa litteratura.

### CONDE DE SQUIRE

Este general notavel e habilissimo diplomata, foi um dos quarenta fidalgos que libertaram Portugal do jugo de Castella no celebre dia 1 de dezembro. Conhecido então ainda pelo seu nome de D. João da Costa, a sua natural prudencia levou-o a fazer sentir aos conjurados as muitas probabilidades que tinha contra si a insurreição, sem que por isso se esquivasse a participar dos perigos, e a contribuir com intrepidez para lhe assegurar o exito. Desprendido de todas as preocupações de cortesão, fallou alto e claro a D. João IV, dirigindo-lhe um memorial em que expunha as suas opiniões acerca das coisas do governo, censurando-lhe com inteireza nobilissima o que no seu procedimento pessoal achava menos digno de honra. Foi por mais de uma vez general de artilheria no exercito do Alemtejo: ali tambem commandou em chefe por pouco tempo, mas tanto a pouca sympathia, que por elle mostrava D. João IV, como um duello, que teve em Elvas com o camareiro mór, afastaram-n'o dos logares mais elevados, até que o soberano se lembrou d'elle para o governo da provincia de Trás-os-Montes. Depois da morte de D. João IV, e sendo já conde de Soure recebeu o commando supremo do exercito do Alemtejo, quando se iam abrir grandes operações militares. Intrigas cortesãs o levaram a demittir-se antes de tomar posse, e a sua subs-

litigação pelo conde de S. Lourenço não foi venturosa para as nossas armas.

Nomeado embaixador a França em 1659, numa época bem critica, tanto embarçou os planos de Mazarião, que tentou, como conseguiu, abandonar-nos traiçoeiramente na paz dos Pyrenéos, que o astuto ministro, apesar de a impacientarem a firmeza, a perspicacia e o talento diplomatico do embaixador portuguez, não pôde eximir, se a designar-o ao cardeal de Retz como um homem notavel. Perdida a esperanza de conseguir vantagens patentes para Portugal, em negociações occultas com os principaes fidalgos da corte franceza lançou as bases de uma futura aliança, e conseguiu trazer para o nosso exercito muitos officiaes e soldados, e o distincto general conde Frederico de Schomberg. É justo que digamos que muito o auxiliou n'estas diligencias o seu talentoso secretario de embaixada, Duarte Ribeiro de Macedo.

Tendo voltado a Lisboa, soffreu, no tempo das discordias entre D. Affonso VI e seu irmão, um desterro para Loulé, que lhe foi indigido pelo conde de Castello Melhor. Em 1664 chamaram-n'o de novo á capital onde morreu, pouco tempo depois da sua chegada, tendo nascido em 1607.

Foi este um dos homens dignos, habéis, energicos e austeros, que souberam honrar Portugal com os seus talentos e virtudes, e com o seu valor lhe restituiram a independencia.

#### MARQUEZ DE MARIALVA

D. Antonio Luiz de Menezes, filho de D. Pedro de Menezes 2.º conde de Cantanhede, e de D. Constança de Gusmão, foi um dos generaes mais notaveis que pelas suas victorias, firmaram a independencia de Portugal depois da gloriosa revolução de 1 de dezembro de 1640. Nomeado coronel pelos governadores do reino no mesmo dia 1 de de-

zembro, desenvolveu immensa actividade e zêlo na defesa de Portugal, ora levantando a sua custa regimentos, ora dando o exemplo da dedicação e do desinteresse. Nomeado commandante das tropas que deviam socorrer a cidade de Elvas, cercada pelo general castelhano, D. Luiz Mendes de Hare, em dezembro de 1658, apesar de ter um exercito muito inferior ao do inimigo, ousou atacal-o nos seus entrancheiramentos, e assim ganhou a memoravel victoria de 4 de janeiro de 1659, conhecida nos nossos fastos pelo nome de batalha das Linhas d'Elvas. Era já conde de Cantanheda, foi recompensado com o titulo de marquez de Marialva. N'uma segunda campanha colheu grandes vantagens sobre os castelhanos, então commandados pelo segundo, D. João d'Áustria, filho bastardo de Philippe IV. Em 1665, cercada Villa-Viçosa, o marquez de Caracena, general em chefe das tropas castelhanas, o marquez de Marialva correu em socorro da villa, e, encontrando-se com o inimigo em Montes Claros, ganhou a celebre victoria conhecida por esse nome no dia 17 de junho d'esse anno. Esta gloriosa batalha contribuia muito para que a independencia portugueza fosse emfim reconhecida pelos hespanhoes em 1668, sendo o marquez de Marialva um dos plenipotenciarios que ajustaram as pazes entre as duas corôas da Península. Exerceu os cargos de conselheiro d'estado e de guerra, vedor da fazenda real, ministro do despacho, governador das armas de Lisboa, Cascaes, Setubal, e Extremadura, e capitão general da provincia do Alemtejo. Morreu no dia 16 d'agosto de 1675, estimado pelo soberano, venerado pela historia como um dos herôes da nossa independencia, e legando ao futuro o rarissimo exemplo d'um homem de merecimento em Portugal, e premiado pelos seus monarchas.

## CONDE DE CASTELLO MELHOR

Quando rebentou a heroica revolução de 1640, o governo hespanhol procurára desviar, tanto quanto podera, de Portugal a flor da nossa nobreza; mandára uns para as diversas fronteiras de França, onde andava accesa a guerra que trazia com essa potência; e enviára outros para diversos pontos da monarchia vastissima de Philippe IV. Em Carthagená das Indias, na America hespanhola, estavam servindo alguns fidalgos, entre os quaes se distinguia João Rodrigues de Vasconcellos e Sousa, conde de Castello Melhor. Assim que chegou a noticia da independencia portugueza, começaram esses fidalgos a planear a sua fuga para a Europa, mas os hespanhoes vigilantes descobriram a conspiração e castigaram os conspiradores. O conde de Castello Melhor teve que padecer bastantes amarguras; esteve preso, mas não desistindo nunca de vir servir a patria, conseguiu fugir a bordo de um navio hollandez, e chegou a Lisboa onde foi acolhido por D. João IV com as honras que merecia tão extraordinaria dedicação.

Nomeado general das armas no Minho, tomou Salvaterra aos hespanhoes, distinguio-se muito n'essa provincia, governando tambem, mas durante pouco tempo, as armas na provincia do Alemtejo, até que em 1658, quando, depois da morte de D. João IV, os hespanhoes nos fizeram de subito a guerra com muito maior calor do que até ahí, governando de novo as armas na provincia do Minho, e não podendo evitar uma serie de desastres, teve com isso uma dôr tão profunda que falleceu.

O filho mais velho d'este homem distincto era Luiz de Vasconcellos e Sousa, fidalgo ainda moço, intelligente e ambicioso, que servia o cargo de gentil-homem da camara de Affonso VI, d'esse triste soberano, cujos defeitos são apa-

gados na historia pelos seus infortunios. Sobre o seu fraco espirito conseguiu o conde de Castello Melhor exercer uma grande influencia, incitou-o a tomar o governo que a rainha mãe, D. Luiza de Gusmão, regente em seu nome, ainda conservava; e elle, tomando o titulo modesto de escrivão da puridade, foi um primeiro ministro omnipotente.

Deveu-lhe Portugal a sua independencia; a sua actividade energica e habil creou recursos inesperados, formou exercitos disciplinados e bem pagos, interessou pela nossa causa as potencias da Europa, livrou Portugal do abysmo. Apesar da brilhante victoria das linhas de Elvas, ganha em 1659, estavamos n'essa epocha em triste posição. A paz dos Pyrenéos em 1660 permittira aos hespanhoes arrojarem contra nós as suas phalanges aguerridas, e commandadas por habéis generaes. Em 1661 tinhamos perdido Arronches e Alconchel, em 1662 perdemos Ouguella, Monforte, Crato, Borba, Juromenha e outras povoações da provincia transtagnana; em 1663 D. João de Austria tomára-nos Evora, aprisionára a guarnição que se compunha de sete mil homens, enviára tropas a Alcacer do Sal, e espalhára um panico em Lisboa, aterrada ao saber os hespanhoes tão perto. Á voz do conde de Castello Melhor surge por encanto um exercito, o conde de Villa Flor ganha a victoria do Ameixial, retoma-se Evora, e D. João de Austria vê murcharem-lhe em Portugal os loiros de Napoles e da Catalunha. Em 1664 o conde de Castello Melhor realisou um verdadeiro prodigio, foi juntar no Alemtejo um exercito de vinte e quatro mil homens; á frente de uma porção d'essas tropas ganhou o marquez de Marialva a brilhante victoria de Montes Claros, que definitivamente assegurou a nossa independencia.

Igualmente feliz na diplomacia, o conde de Castello Melhor teve a habilidade de fazer com que a França implorasse d'elle o que todos os ministros portuguezes desde 1640 debalde tinham procurado realizar, a conclusão d'uma

liga offensiva e defensiva. Respeitavam-n'o como um diplomata finissimo todos os ministros estrangeiros, e, se elle se conservasse mais tempo no poder, a Hespanha ver-se-hia obrigada não só a reconhecer a nossa independencia, mas a sujeitar-se ás condições que lhe quizessemos dictar.

Infelizmente ruins intrigas, tecidas pelo infante D. Pedro e pela rainha D. Maria Francisca de Saboya, mulher de D. Affonso VI, cuja ambiciosa complicitade é um dos escandalos e uma das maculas da historia portugueza, lograram derrubar do poder em 1667 o habil ministro, que soubera tornar glorioso o reinado do seu monarcha.

O conde de Castello Melhor retirou-se para o convento da Arrabida, e depois para o exilio, vagueando por Inglaterra, Italia e França, sem que D. Pedro II quizesse durante muitos annos olvidar a inimizade que os dividira. Os portuguezes é que recordavam com saudade o governo d'esse ministro a quem deviam a independencia; porque, se a espada dos generaes ganhou renhidas batalhas, o conde de Castello Melhor pôde-se dizer que foi, como o celebre Carnot, o organisador da victoria.

A final, cedendo D. Pedro ás rogativas e recommendações de soberanos estrangeiros, concedeu-lhe a permissão de voltar á patria em 1686 indo residir para a villá de Pombal com a sua familia. Passado tempo permittiu-se-lhe a volta para Lisboa, onde viveu retirado o resto dos seus dias, fallecendo cego no anno de 1720.

### ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO

Nasceu na cidade do Porto a 15 d'outubro de 1606, e foi filho de Gonçalo de Sousa de Macedo, contador-mór do reino, e de D. Margarida Moreira.

Veio muito novo para Lisboa, e d'aqui se foi formar em direito na universidade de Coimbra. Escreveu aos 22 annos



em lingua castelhana as *Flores de Hespanha, excellencias de Portugal*, livro onde, por baixo de estrangeiras vestes, se sente palpitar o coração d'um patriota.

Desembargador d'aggravos na casa da supplicação, Macedo, quando rebentou a revolução de 1640, acolheu-a com entusiasmo, e em 1641 foi nomeado secretario da embaixada portugueza em Londres. A sua penna erudita e elegante defendeu perante a Europa a causa da independencia portugueza, ora em latim, ora em castelhano. A recompensa d'isso foi a embaixada da Hollanda, para que foi escolhido em 1651.

Voltando ao reino, D. Affonso VI nomeou-o secretario d'Estado. Não tomou parte na revolução de côrte, que deu primeiro a regencia depois a corôa a D. Pedro II. Incorrendo no desgredo d'este principe, como um dos mais devotados servidores de seu irmão, foi exonerado dos cargos, e morreu em Lisboa, retirado da politica, no dia 1 de novembro de 1682, contando 76 annos d'idade.

A sua penna em todos os assumptos se ensaiou, e, se nem como historiador o podemos considerar profundo, nem como poeta nos parece que possamos conceder-lhe mais do que as honras de elegante versificador, como se pôde ver na *Ulyssipo*, em que elle cantou, depois de Gabriel Pereira de Castro, a fabulosa fundação de Lisboa, devemos comtudo dizer que os seus escriptos politicos teem verdadeira importancia, e que, tanto em prosa como em poesia, é o seu estylo um dos mais claros e elegantes de que se pôde gloriar no seculo xvii o idioma portuguez.

## JOÃO FERNANDES VIEIRA

Gemiam as nossas colonias debaixo do jugo hespanhol, que, além dos males proprios da usurpação, lhes acarretára outros provenientes dos inimigos da Hespanha, que

aproveitavam o ensejo para se enriquecerem com os fructos das nossas conquistas. O Brasil foi que principalmente padeceru com as repetidas invasões dos hollandezes, que afinal se assenhorearam de Pernambuco e provincias adjacentes, fortificando-se ali. Rebenta em Portugal a revolução de 1 de dezembro de 1640, e corre um frémito pelas veias de todos os homens verdadeiramente patriotas; mas o reino sublevado precisa da amizade da Hollanda, e não pôde por conseguinte favorecer a insurreição pernambucana. Embora! Um homem surge que a tudo se affoita, e, completamente desajudado, ergue o brado da revolta, combate, vence, e afinal, auxiliado pela metropole, expulsa os hollandezes de Pernambuco. Este homem é João Fernandes Vieira.

Nascêra esse heroico portuguez na ilha da Madeira em 1613; fôra muito novo ao Brasil procurar fortuna; adolescente ainda, distinguira-se por sublimes rasgos de bravura na infeliz defesa de Pernambuco. Depois casára, e vivia rico e respeitado por todos, quando a sua alma patriótica despertou ao grito da independencia, que Lisboa soltára no dia 1 de dezembro. Desdenhando a tranquillidade e os bens da fortuna, trava elle a conspiração. A sua cabeça é posta a preço pelos hollandezes: refugia-se nos mattos, junta um pequeno exercito e ganha a batalha de Tabocas. Auxiliado por um preto, Henrique Dias, pelo indio Potyguarassú, mais conhecido pelo nome de D. Antonio Philippe Camarão, e por André Vidal de Negreiros, vae tomando pouco a pouco aos hollandezes todas as fortalezas. Chega afinal de Lisboa Francisco Barreto para dirigir a insurreição, já apoiada pela metropole, Vieira, com abnegação notavel, entrega-lhe o commando, e, depois de prolongadas campanhas, em que sempre o heroico madeirense se distinguiu, os hollandezes capitulam e desamparam o Brasil, no dia 26 de janeiro de 1654.

Vem então a Portugal João Fernandes Vieira receber, co-

mo elle dizia, o prémio da sua desobediencia. É effectivamente acolhido com grande enthusiasmo, e nomeado governador d'Angola, cargo que desempenhou com energia, zêlo e acêrto até ao anno de 1661, em que regressou a Portugal. Sabemos que vivia ainda em 1676, mas ignorámos o anno da sua morte! Sempre o descuido portuguez se ha de relevar d'algum modo. Não faltaram a João Fernandes Vieira, nem as recompensas nem a consideração: foi alcaide mór de Pinhel, commendador de Christo, e membro do conselho de guerra; chamava-lhe D. Pedro II «o heroe do seu tempo,» e o papa Innocencio X «o restaurador da Igreja americana»; mas tão depressa passou de moda em Portugal o *Catrioto Lusitano*, como lhe chamava o seu gongorico biographo fr. Raphael de Jesus, que nenhum dos minuciosos chronistas do seculo XVII se lembrou de commemorar o anno em que falleceu o celeberrimo libertador da America Portugueza!

### CONDE DA ERICEIRA

D. Luiz de Menezes, terceiro conde da Ericeira, foi notavel por mais d'um titulo, como general, como escriptor, e como estadista. Uma rapida noticia da sua vida resumirá, do modo mais conveniente, os louvores que devemos tributar a esta brilhante individualidade.

Nasceu em Lisboa a 22 de julho de 1632, foi, em creança, familiar do principe D. Theodosio, a quem sempre se mostrou vivamente afeiçãoado. Quando teve idade de pegar em armas, partiu para a fronteira do Alemtejo, como capitão de cavallos. Distinguiu-se muito á frente do seu esquadão na pouco afortunada campanha de Badajoz em 1658, e na mais feliz campanha do anno seguinte, que terminou com a brilhante victoria das Linhas d'Elvas. Fez as campanhas seguintes, já á frente d'um regimento, até que em 1663 foi nomeado general d'artilharia no exercito de que era com-

mandante em chefe o conde de Villa-Flor, e n'essa qualidade contribuiu poderosamente para o exito da batalha de Ameixial, assim como depois em 1665 prestou relevantes serviços á sua patria, dirigindo os canhões de modo que em grande parte lhe deveram o marquez de Marialva e o conde de Schomberg a famosa victoria de Montes-Claros. Tanto mais se deve apreciar o merecimento de D. Luiz de Menezes, quanto n'essa epocha a artilharia, em consequencia da sua pouca mobilidade, servia habitualmente mais de embaraço do que de auxilio para os exercitos.

Nas lamentaveis e vergonhosas discordias que rebentaram entre D. Afonso VI e seu irmão D. Pedro, tomou o conde da Ericeira o partido do infante; este não olvidou os seus serviços, e remunerou-o dando-lhe o cargo de veador da fazenda, que D. Luiz aliás desempenhou com proficiencia notavel, merecendo que alguns escriptores lhe chamassem Colbert portuguez. No dia 26 de maio de 1690 suicidou-se, atirando consigo d'uma janella abaixo, tendo de idade cincoenta e oito annos. Se não houvesse tomado esta funesta resolução, poderia talvez ter impedido o seu soberano de assignar esse fatal tratado de Methuen, que transformou Portugal, por muito tempo, n'uma verdadeira colonia ingleza.

Aos louros de general e de estadista juntou o conde da Ericeira a gloria de historiador, contando em boa linguagem e estylo facil os successos politicos e militares da restauração portugueza, em cujo ultimo periodo elle desempenhára por vezes um tão brilhante papel. Esse é o assumpto da sua celebre *Historia do Portugal Restaurado*, livro que ainda hoje é a fonte onde podemos beber o conhecimento de muitos factos tão honrosos para Portugal.

Não foi este o unico escriptor que honrou o titulo de conde da Ericeira. Seu irmão, D. Fernando de Menezes, de quem o nosso biographado herdou a casa, escreveu além da *Vida d'el rei D. João I* e de outras obras, uma estimada

*Historia de Tanger*, tendo sido o penultimo governador d'essa praça africana tão illustrada pelos nossos feitos. Seu filho D. Francisco Xavier de Menezes, o conceituoso cortezão de D. João V, foi poeta muito apreciado no seu tempo, amigo e correspondente de Boileau, cuja *Arte poetica* traduziu, e auctor d'uma *Henriqueida* que se junta, sem grande esplendor, á longa lista das epopéas portuguezas. Os condes da Eriçeira, que possuiram uma das mais selectas bibliothecas do seu tempo, julgavam honrar e não deslustrar o seu braço, pondo a penna d'escrictor ao lado do seu elmo heraldisco.

### PADRE ANTONIO VIEIRA

Nunca a nossa lingua souu mais bella, opulenta, energica e magestosa do que na boca d'este eminente orador. Para elle o pulpito foi muitas vezes tribuna: as suas orações não excitavam unicamente sentimento religioso, mas quantas vezes enthusiasmavam, quantas vezes tambem verberavam affoitamente a corrupção da cõrte e os escandalos do governo! Era um poeta e um pensador, o homem que nos seus sermões sabia casar com um lyrismo inexcedível de phrase a altesa do pensamento philosophico, o homem, que, fazendo vibrar essa lyra de mil cordas que tinha na voz, ora arrancava lagrimas ao auditorio, ora lhe fazia correr nas veias o frémito do patriotismo, da ira sagrada, do nobre enthusiasmo, aquelle que tinha presos da sua palavra colorida, em que se traduziam sublimes idéas, a cõrte e o povo, os reis e os pontifices, os nobres e os plebeus, os ignorantes e os sabios.

Os recursos da lingua portugueza ninguem como elle os conheceu; a poesia da phrase ninguem a teve em mais alto grão. Se os conceitos e os trocadilhos bastantes vezes lhe maculavam a limpidez do discurso, isso que vale em presença dos jorros de caudal e torrentosa eloquencia, que tão frequentemente lhe manavam dos labios!

Antonio Vieira, uma das grandes glórias de Portugal, nasceu em Lisboa a 6 de fevereiro de 1608. Era filho de Christovam Vieira Ravasco, e de D. Maria d'Azevedo. Passou, ainda em creança, para o Brasil, e ahí frequentou as aulas dos jesuitas, dando prematuras provas do seu ingenho. Entrou muito novo para a Companhia, de que já o encontrámos fazendo parte em 1623. No Brasil principiou a sua reputação oratoria, para a qual não devia concorrer pouco o célebre sermão prégado na Bahia contra os Hollandezes, um dos mais bellos trechos que conhecemos de eloquencia patriótica.

Quando o governador do Brasil, D. Jorge de Mascarenhas, adheriu á revolução de 1640, foi Antonio Vieira um dos emissarios enviados por elle á côrte a darem parte de tão fausto successo ao novo rei de Portugal. Prégando na capella da côrte, excitou um enthusiasmo, que devia contribuir bastante, juntamente com o prestigio da Companhia de Jesus, para a influencia que Antonio Vieira logo teve no animo de D. João IV, o qual não tardou a confiar-lhe as mais importantes missões diplomaticas.

Em serviço do governo, foi Antonio Vieira como plenipotenciario, em 1646 a Pariz, em 1647 a Amsterdam, e em 1650 a Roma. Nesses encargos mostrou grande vocação para a politica, e sempre, d'ahi em diante, exerceu Antonio Vieira uma grande influencia no governo, posto que se tornasse suspeito á Inquisição, com a qual veiu a ter serias discordias, chegando a ser por ella preso e processado.

Em 1652 passou ao Maranhão para ahí fundar missões jesuiticas; mas em 1661 o povo revoltou-se contra a Companhia, e prendeu Antonio Vieira, que, logrando evadir-se, veiu queixar-se a Lisboa, onde as suas reclamações foram attendidas. Pouco depois voltou ao Maranhão com plenos poderes para punir os revoltosos.

Mas em 1663 mudára a côrte de parecer, e Antonio Viei-

ra foi mandado sahir do Maranhão. Isso contribuiu talvez para que o eminente orador se lançasse no partido dos descontentes, sendo um dos promotores da deposição de D. Afonso VI. Em 1669 depois de sentenciado pela Inquisição, obteve a permissão de ir a Roma, onde foi bem acolhido pelo papa, que por um breve ó isentou para sempre da jurisdicção do Santo Officio. Alli prégou excellentes sermões, em presença da rainha Christina da Suecia, rainha abdicataria e protestante convertida ao catholicismo. D'então por diante deixou as occupações activas, e entregou-se exclusivamente ás litterarias e á publicação das suas obras. Os ultimos annos da sua existencia passou-os na Bahia, onde falleceu no dia 18 de Julho de 1697.

Os seus *Sermões* e as suas *Cartas*, alem d'outras obras notaveis que publicou, dão-lhe um dos primeiros logares entre os classicos portuguezes, e, se haverá quem o vença em limpidez de linguagem. ninguem o excede na energia da locução, e na propriedade dos termos. Soube afinar admiravelmente o idioma portuguez, instrumento maravilhoso em que elle fez vibrar melodias immortaes.

### MANUEL ALVARES PÊGAS

Não foi menos fertil em jurisconsultos do que em cultores de todos os outros ramos de conhecimentos humanos esta boa terra de Portugal. A par dos mestres da velha jurisprudencia, que por muito tempo foram citados nas escholas como auctoridades supremas, campeia o vulto de Manuel Alvares Pêgas, que nasceu em Estremoz no dia 4 de dezembro de 1635, e morreu em Lisboa no dia 12 de novembro de 1696, tendo sido advogado da casa da supplicação, procurador de varias mitras, e da bulla da cruzada.

Além de muitas allegações que escreveu em processos particulares, publicou Manuel Alvares Pêgas as duas vastas obras

que lhe deram immensa fama, e que são os *Commentarios ás ordenações do reino*, e as *Resoluções forenses*. A primeira principalmente foi em Portugal, por muito tempo, auctoridade sem replica, e ainda hoje é consultada com respeito, apesar dos progressos da jurisprudencia e da philosophia do direito haverem tornado um pouco obsoleto o seu modo de encarar as questões. Nem por isso deixa Alvares Pêgas de ser uma das glorias do fóro portuguez.

Além d'isso Pêgas é tido como classico, e deverá ser consultado sempre pelos que desejarem empregar o vocabulario juridico vernaculo, desprezando o systema, que hoje se emprega com deploravel frequencia, de transformar a linguagem scientifica portugueza n'um apontoado de gallicismos.

### CLAUDIO COELHO

Este pintor é uma das glorias portuguezas, que a Hespanha nos arrebatou. Nasceu em Madrid, mas de paes portuguezes. Os seus quadros, que hoje ainda se admiram no Escorial, valeram-lhe o ser considerado como o primeiro pintor de Hespanha na sua epocha. Seu pae era bronzeador, e chamava-se Faustino Coelho; o seu mestre foi Ricci, pintor da côrte de Philippe IV. Morreu em 1693.

Antes d'elle houvera tambem outro pintor portuguez, com o mesmo appellido, que na Hespanha grangeou notavel reputação. Foi Affonso Sanches Coelho, retratista a quem Philippe II chamava, segundo se diz, o *Ticiano portuguez*. Nada comprova porem que lhe fosse dada tão honrosa denominação por um soberano, que, apesar do seu caracter sombrio, era fino apreciador de bellas artes.

Em todo o caso, foi pintor de merito. É necessario que reivindicuemos estas glorias, que são nossas, que a Hespanha nos furta, e que a Europa descuidosamente lhe attribue.



## PADRE MANUEL BERNARDES

Nasceu este nosso celebrado classico em Lisboa a 20 de agosto de 1644.

Frequentando em Coimbra as aulas da universidade, e applicando-se ao estudo de diversas faculdades, tendo logo tomado ordens sacras, a fama do seu talento e saber espalhou-se a ponto de o escolher o bispo de Viseu para seu confessor.

Manuel Bernardes preferiu comtudo a tão honroso cargo recolher-se á congregação do Oratorio, fadada para abrigar no seu estudioso retiro genios como o d'elle, meditativos e graves.

Ali lhe correu a vida placida até que a morte o salteou, precedida alguns annos pelas mais angustiosas dôres que podem pungir um homem de talento, o enfraquecimento das faculdades intellectuaes. A 17 d'agosto de 1710 a sua alma livrou-se emfim do carcere corporeo, que, nos ultimos tempos do sua vida, lhe fôra tão penosa masmorra.

Escriptor mystico, a doçura do seu estylo captiva e encanta; classico primoroso, mereceu que Antonio Vieira não julgasse em perigo o idioma portuguez, enquanto visesse para lhe zelar a pureza, o padre Manuel Bernardes.

Na *Nova Floresta*, nas *Meditações sobre os Novissimos do Homem*, na *Luz e Calor* sabe entretecer, na teia do pensamento religioso, delicioso matiz, ora historico, ora anecdotico, a que dá sempre realce o seu estylo vivo e pittoresco, animado ás vezes com um geito chistoso, que amenisa as piedosas narrativas.

## FR. D. ANTONIO MANUEL DE VILHENA

Terceiro filho do conde de Villa-Flôr, D. Sancho Manuel, o vencedor do Ameixial, nasceu D. Antonio Manuel de Vi-

lhena em Lisboa a 28 de maio de 1663. Tomando a cruz de Malta muito novo, partiu logo para essa ilha do Mediterraneo, afim de servir activamente a ordem de que fazia parte. Esteve na expedição de Tripoli em 1680, e foi em 1684 como capitão d'um navio, na esquadra malteza que tomou differentes praças na Moréa. Distinguiram-n'o sempre os seus chefes: e, depois de subir rapidamente os differentes postos da milicia e graus da ordem de S. João de Jerusalem, foi em 1703 nomeado chancellor, depois balio d'Acre, procurador do thesoiro, e finalmente foi eleito grão-mestre, em 1722, por unanimidade de votos.

N'esse elevado posto desenvolveu as suas altas qualidades militares e administrativas. Defendeu a ilha contra um ataque de turcos, mandou bombardear Tripoli em 1728, as suas esquadras dominaram o Mediterraneo e afugentaram os infieis. A sua gloria subio a ponto de lhe enviar Benedicto XIII o estoque de prata e o gorro de veludo, com que os papas premeiam os serviços prestados á christandade, honra que nenhum grão-mestre recebêra antes d'elle, e que a bem poucos reis tem sido concedida.

Em Malta deixou solidos testemunhos da sua gloria, edificando um forte a que deu o nome de forte Manuel, e um novo bairro que teve a denominação de burgo Vilhena. Honrado com a estima de todos os monarchas, e principalmente de Luiz XIV, mostrou sempre a maior consideração pelo soberano do paiz onde nascêra. Morreu a 12 de dezembro de 1736, com 73 annos d'idade.

Este varão forte, honrando a patria e a ordem de que foi chefe, resplandece na historia como um protesto vivo contra essas duas decadencias, a de Portugal e a dos cavaalleiros hospitalarios.

## MARQUEZ DAS MINAS

Entre os eminentes generaes europeus, que illustraram com os seus feitos a guerra da successão de Hespanha, nos principios do seculo xviii, avulta o nome portuguez do marquez das Minas, ainda que os escriptores estrangeiros, como sempre desdenhosos das nossas glorias, substituam ao seu nome o do inglez lord Galloway, que não foi de certo quem praticou maiores façanhas nos campos de batalha da Hespanha, e quem fez pender por algum tempo para o lado do archiduque Carlos a sorte das armas, que a final devia dar a Philippe V a victoria e a corôa.

D. Antonio Luiz de Sousa, segundo marquez das Minas, quarto conde do Prado, e setimo senhor de Beringel, nasceu a 6 de abril de 1644. Quando rebentou a guerra da successão de Hespanha, em que D. Pedro II de Portugal tomou o partido do archiduque Carlos, o marquez das Minas, á testa do exercito alliado portuguez, inglez e hollandez, entrou por Castella, e, depois de tomar varias praças fortes e povoações abertas, entrou em Madrid, onde proclamou a soberania de Carlos III, compellindo á retirada o duque de Berwick ousado campeão de Philippe V. Senhor da capital de Hespanha, o marquez das Minas insistiu com o pretendente austriaco para que viesse colher o fructo dos seus feitos de armas.

Alem de outras causas, a indecisão do archiduque fez com que a fortuna lhe voltasse as costas, coroando em Almanza as armas de Philippe V, e dando á luta um resultado bem differente do que se poderia esperar da abertura da campanha pelo general portuguez. Mas a derrota não pôde murchar os loiros do marquez das Minas; devemos considerá-lo como um dos generaes que maior lustre deram ás armas lusitanas.

Falleceu em Lisboa a 25 de dezembro de 1722, com perto de 78 annos de idade.

## DIOGO DE MENDONÇA CORTE-REAL

Filho de Diogo de Mendonça Corte-Real, e de D. Jeronyma de Lacerda, nasceu o eminente diplomata, de quem vamos fallar, em Tavira no dia 17 de junho de 1658. Formou-se em leis na universidade de Coimbra, e foi logo nomeado corregedor da comarca do Porto. Não tardou a espalhar-se a fama da sua integridade e do seu engenho, e em 1691 escolheu-o D. Pedro II para enviado extraordinario na Hollanda. Levando a bom fim uma difficil negociação, mereceu ser nomeado em 1693 embaixador em Hespanha, onde residiu até romper em 1703 a guerra da successão. D. Pedro II fê-lo seu secretario das mercês, desempenhando juntamente com esse cargo o de secretario da guerra. D. João V, subindo ao throno, conservou-o no ministerio, onde persistiu até fallecer, prestando importantes serviços como secretario de estado, e conseguindo, nas difficeis negociações d'essa epocha, salvar Portugal da má situação em que o pozera a sua desastrosa ingerencia na guerra de Hespanha, esquivando-se como pôde ao embate das politicas diversas, e safando o seu paiz dos escolhos, com algumas avarias, mas ao menos sem perdas gravissimas.

Homem instruido e lhano, com uma rara viveza de espirito, com o sorriso sempre nos labios, com uma compostura sempre serena, sustentando ligeiramente o difficil encargo dos negocios, Diogo de Mendonça, que tambem foi membro da academia real da historia, é entre nós o typo mais perfeito d'esses diplomatas do seculo xviii, que tinham de destrinçar as mais difficeis negociações entre as frivolidades de um toucador e os escrupulos de um confessorario.

Morreu Diogo de Mendonça, pranteado por todos, em Bemfica, no dia 5 de maio de 1736, deixando um filho do mesmo nome, que tendo tambem, como o pae, exercido elevados cargos, foi menos feliz do que elle. vindo a morrer desterrado nas Berlengas, no tempo de D. José I, por intrigas da côrte não bem averiguadas.

### ALEXANDRE DE GUSMÃO

Filho do cirurgião-mor do presidio de Santos, Francisco Lourenço de Gusmão, este celebre diplomata, cujos onze irmãos se illustraram todos em differentes ramos dos conhecimentos humanos, nasceu na villa de Santos no Brasil, em 1695. Estudou com os jesuitas, e de idade de 15 annos passou a Lisboa, onde, protegido por seu irmão Bartholomeu Lourenço, que já gosava de muitos creditos, pôde entrar na diplomacia, acompanhando o conde da Ribeira Grande em 1714 na sua embaixada á côrte de França.

Voltando a Portugal em 1720, com grande copia de conhecimentos adquiridos em Paris, foi empregado por D. João V na secretaria de estado. Em 1723 foi como negociador a Roma, para obter algumas d'aquellas pequeninas mercês que o frívolo e beato soberano andava sempre supplicando da côrte pontificia. N'essas negociações, indignas do seu talento, se empregou Alexandre de Gusmão, conseguindo, ainda assim, tudo quanto queria, e conquistando além d'isso a estima do Vaticano.

Voltando em 1730 a Portugal, foi encarregado da direcção dos negocios externos. Eram elle e D. Luiz da Cunha os dois unicos homens de vistas largas que existiam, depois da morte de Diogo de Mendonça, n'essa côrte em que o beaterio predominava, e em que os aspectos sérios da politica nunca foram comprehendidos. Alexandre de Gusmão comtudo ligou o seu nome a actos importantes e proficuos

para o paiz e para a dignidade da corôa, taes como a reivindicção para o monarcha do direito de apresentar os bispos eleitos á santa sé para esta os confirmar, em vez de supplicar a sua confirmação, e o tratado dos limites sul-americanos entre Portugal e Hespanha.

Nomeado em 1742 ministro do conselho ultramarino, devem-se-lhe muitas resoluções acertadas com respeito ás colonias, assim como á sua iniciativa, aos seus conselhos e á sua alta intelligencia administrativa, podemos attribuir algumas sabias providencias que illuminam as trevas do reinado fradesco de D. João V, e que em germen contem uma grande parte das reformas do marquez de Pombal.

O fim da sua vida foi assignalado por infortunios pungentes. Morrendo D. João V em 1750, não foi Alexandre de Gusmão bem accedido ao governo de D. José; n'um incendio que lhe devorou a casa e os bens, teve a dôr immensa de perder dois filhos.

Morreu em 1754, de idade de 58 annos.

Alem de notavel diplomata e de ministro eminente, foi tambem Alexandre de Gusmão poeta de merecimento.

## ANTONIO NUNES RIBEIRO SANCHES

Este medico sapientissimo, que illustrou o nome de Portugal nos paizes estrangeiros, nasceu em Penamacor a 7 de março de 1693. Era filho de Simão Nunes e de Anna Nunes Ribeiro.

Frequentou a faculdade de medicina em Coimbra, porém teve de ausentar-se do reino, para fugir aos rigores da Inquisição, que o perseguia e á sua familia. Tomou o grau de doutor em Salamanca, e percorreu depois a Europa, estudando sempre com affinco. Ouviu em Londres as lições de Douglas, em Leyde as de Boerhaave, e tanto este illustre sabio o distinguio, que, ao pedir-lhe a imperatriz Anna da Rus-

sia que lhe enviasse tres medicos notaveis, foi o nosso compatriota um dos que lhe indicou o eminente sabio hollandez.

Na Russia foi muito considerado, sendo primeiro nomeado medico de Moscow, depois membro da chancellaria da medicina, e physico-mór do exercito. Fez n'esta qualidade as campanhas de 1736 e 1737 com o celebre general Munich. Recebeu enfim o cargo de primeiro medico da imperatriz. As agitações politicas da cõrte da Russia intimidaram-n'o, e preferiu a todas as dignidades, que choviam incessantemente sobre elle em S. Petersburgo, uma vida retirada em Paris, onde chegou a passar privações; mas a cõrte da Russia lembrou-se dos grandes serviços do medico portuguez, e concedeu-lhe uma pensão de mil rublos. Assim viveu até ao dia 14 de outubro de 1783, em que succumbiu a umas febres intermitentes.

Alem de medico douto, foi Antonio Nunes eminente naturalista, e communicou muitas das suas observações a Buffon, que as inseriu no seu notavel livro, fazendo grandes elogios ao sabio de quem as obtivera. Escreveu tambem obras importantes, que mereceram o applauso dos estrangeiros. Quando saiu da Russia, parece que, se não voltou a Portugal, foi com receio da inquisição. O celebre Vicq d'Azyr pronunciou o elogio d'este nosso compatriota, elogio que foi traduzido por Filinto Elysio, que tambem conhecia as amarguras do proscripto, e que não tivera na patria mais carinhosa mãe.

## DIOGO BARBOSA MACHADO

N'um paiz tão desdenhoso das suas proprias glorias, merece louvor subido o homem que toda a sua vida consagrou á criação de um verdadeiro monumento, onde se guarda a memoria dos escriptores que opulentaram a litteratura por-

tugueza. Foi a nossa patria mais feliz no ramo litterario do que em todos os outros, porque ao menos encontrou homens como Diogo Barbosa Machado, e recentemente o sr. Innocencio Francisco da Silva, que se entregaram com ardor á investigação dos seus fastos, e archivaram, em livros de tanto valor como a *Bibliotheca Lusitana* e o *Diccionario Bibliographico*, as memorias da nossa litteratura.

Diogo Barbosa Machado nasceu em Lisboa no dia 31 de março de 1682, e aqui morreu tambem, de idade de 90 annos, no dia 9 de agosto de 1772. Era filho segundo do capitão João Barbosa Machado, e de D. Catharina Barbosa; teve dois irmãos, que ambos se distinguiram nas letras, um D. José Barbosa, outro Ignacio de Barbosa Machado.

Quando se fundou a academia real da historia, foi o erudito bibliophilo um dos primeiros cincoenta socios, e n'essa qualidade escreveu as memorias do reinado de D. Sebastião, como o seu collega José Soares da Silva escreveu as de D. João I. Mas a sua obra verdadeiramente immortal é a *Bibliotheca Lusitana*, livro de uma utilidade indisputavel, que estrangeiros e nacionaes consultam com proveito. Acerca d'esse livro, diz o sr. Innocencio, juiz competentissimo, porque percorreu as mesmas sendas e luctou com as mesmas difficuldades: «... Apesar de suas tantas vezes apregoadas inexactidões, e das faltas e imperfeições inseparaveis das obras humanas, resgata amplissimamente quaesquer defeitos pela vastidão do assumpto, pela trabalhosa e variada erudição que n'elle reina, e pela sua innegavel utilidade, assegurando a seu auctor uma gloria immarcessivel.»

Diogo Barbosa Machado foi abbade de Santo Adrião de Sever, na diocese do Porto.

## D. MANUEL CAETANO DE SOUSA

Não podendo dar noticia de todos os varões prestantes,



que honraram as letras patrias com as magnificas obras a que deu origem a Academia Real d'Historia, fallaremos no homem illustre que teve a idéa da sua fundação, e que foi tambem um dos mais conspicuos sabios do seu tempo. D. Manuel Caetano de Sousa nasceu em Lisboa a 25 de dezembro de 1638, sendo filho bastardo de D. Francisco de Sousa. Em 1675 vestiu a roupeta de theatino, isto é, de clérigo regular da instituição de S. Caetano. A sua vasta erudição, a sua eloquencia, que hoje nos parece defeituosa, mas que estava no gosto do seu tempo, atraíram-lhe a estima da côrte e o respeito geral. D. João V favoreceu-o sempre, e tratou-o com particular distincção. Na Italia, aonde foi assistir ao capitulo geral da sua ordem, recebeu inequivocas provas d'apreço, sendo-lhe outorgado o diploma de membro da Arcadia romana. Voltou ao reino em 1703. Socio da Academia portugueza, que se reunia em casa do conde da Ericeira, intentou fundar sociedade mais valiosa, e submetteu a el-rei o plano da Academia Real da Historia, que foi approved por D. João V, e posto em execução, sendo D. Manuel Caetano de Sousa um dos primeiros directores da nova sociedade. Os serviços por ella prestados á historia portugueza são por todos reconhecidos. D. Antonio Caetano de Sousa, com a publicação da sua vasta e noticiosa *Historia Genealogica da Casa Real*, Soares da Silva com a publicação das *Memorias de D. João I*, e muitos outros sabios academicos, que se applicaram a serios estudos n'um tempo em que as frivolidades imperavam, são dignos d'eterno applauso, e mais que todos o homem illustre, que tomou a iniciativa d'esta importante empresa, e não quiz para si outra gloria, pois que a maior parte dos seus escriptos não a entregou elle ao prélo, custeando aliás muitas vezes com os seus dinheiros a publicação de livros cujos auctores não podiam com as despesas da impressão.

Falleceu este varão benemerito, estimado pelo rei e pela

côrte, pelos homens de letras, e pelos seus collegas que tres vezes o elegeram seu prelado, no dia 18 de novembro de 1734. Todo abnegação e modestia, rejeitou a mitra do Funchal, e vestiu sempre até ao fim da vida a pobre roupeta de clérigo regular.

## D. LUIZ DA CUNHA

Celebre diplomata do tempo de D. João V, era filho de D. Antonio Alvares da Cunha, senhor da Taboá e guardamór da Torre do Tombo, parente de D. Antonio Manuel de Vilhena, e sobrinho de D. Sancho Manuel conde de Villa-Flôr. A tão illustre parentella deu o seu talento novo realca.

Nasceu em Lisboa a 23 de janeiro de 1662, foi nomeado desembargador da relação do Porto em 1666, tendo-se previamente formado em leis na universidade de Coimbra; passou depois para a relação de Lisboa, e em 1696 foi nomeado embaixador na côrte de Londres. Foi então que se revelou a sua grande vocação diplomatica.

Plenipotenciario no congresso d'Utrecht em 1712, embaixador de novo em Londres, depois em Madrid outra vez, e novamente em Pariz, onde falleceu a 8 de outubro de 1749, d'idade de 87 annos, D. Luiz da Cunha conseguiu sempre grandes triumphos diplomaticos, principalmente em 1735, quando soube, sem quebra da nossa dignidade, evitar com a Hespanha uma guerra desastrosa.

Deixou algumas obras manuscriptas, entre as quaes avultam preciosas *Memorias*, que ainda não foram impressas, e onde se encontram revelações importantes sobre a historia politica do seu tempo. Era homem de grandes planos e de vastas idéas; viveu infelizmente n'uma época e n'um paiz em que tudo era mesquinho, e em que eram tachados d'heresias os seus arrojados, de perigosos estrangeirismos os seus projectos. Se nascera annos depois, e servisse debaixo das

ordens do marquez de Pombal, que grande auxiliar não seria para os portentosos emprehendimentos do nosso grande ministro!

### ANTONIO JOSÉ DA SILVA

Uma desgraça horrivel den lastimosa immortalidade ao nome d'este poeta, immortalidade que não grangearia talvez pelo seu talento comico.

Nasceu no Rio de Janeiro em 1705, d'uma familia hebraica. Passando a Lisboa, conquistou uma grande reputação com as suas operas e comedias populares, abundantes de chist e muitas vezes grosseiro, faltas de regularidade, mas onde, a par de muita pilheria e de muito movimento de scena, se encontram frequentes vezes idéas engenhosas, fecundas em effeitos comicos, e onde tambem como que se entre-advinham verdadeiros dotes d'observação.

Victima d'uma intriga infame, foi duas vezes prêso nos carceres do santo officio, e, da segunda vez apesar das tentativas dos seus protectores, entre os quaes se contava D. Francisco Xavier de Menezes, conde da Ericeira, foi queimado publicamente no auto de fé de 18 d'outubro de 1739, accusado de perseverar nas crenças hebraicas de seus paes, o que elle todavia insistiu em negar até o fim, sendo condemnado como *negativo*, segundo as qualificações inquisitorias. Contava 34 annos.

Se tivesse mais larga vida, e se, em vez do odio de um governo fanatico, encontrasse, como Molière, a protecção esclarecida de um soberano como Luiz XIV, Antonio José, que tanto primou na farça, elevar-se-hia talvez a colher os loiros perduraveis da alta comedia.

As suas producções mais celebres são a *Vida de D. Quixote*, que tanto fazia rir Bocage, a *Vida de Esopo*, cheia de bons ditos, o *Labyrintho de Creta*, os *Encantos de Medea*, e principalmente as *Guerras do alecrim e da mangerona*.

que tem enredo gracioso, scenas alegres, e onde há o typo de Lancerote, que rivalisa com o Gêronte de Molière, e o de Semicupio, que nada fica a dever ao Scapin das farças do grande escriptor francez.

## JACOB RODRIGUES PEREIRA

Mais um homem illustre, a quem a patria renegou. Filho d'Abrahão Rodrigues Pereira, e de sua mulher Abigail Riboa Rodrigues, nasceu este homem benemerito no dia 11 de abril de 1715. A estúpida perseguição dos judeus em Portugal arrojou-o para França, como arrojava para toda a Europa tantos membros d'essa raça intelligente. Aos 19 annos já Rodrigues Pereira se occupava do estudo das questões relativas ao ensino dos surdos-mudos, considerandos ainda n'essa época uns verdadeiros párias, porque pouco resultado davam as tentativas de se lhes communicar a instrucção. Jacob Rodrigues Pereira applicou se com infatigavel disvello a esta empresa, e, inventando o alfabeto manual, pôde soltar, como Archimedes, e mais do que Archimedes, um triumphal *eureka!* Estava descoberto o instrumento regenerador d'esses proscriptos da civilisação; o padre de L'Épée não fez depois senão aperfeicçal-o.

Em França os resultados do seu methodo foram acolhidos com espanto e admiração; choveram as recompensas sobre o portuguez illustre, que a patria repellira do seio; os reis de França, da Polónia, Dinamarca e Suecia distinguiram-no com mercês e applausos, as academias elegiam-no seu consocio, os sabios mais notaveis, La Condamine, Buffon, Diderot, d'Alembert, Rousseau, não se fartavam de o elogiar, e em Portugal esperava-o a fogueira d'um auto de fé, se elle ousasse regressar á patria!

A actividade de Jacob Rodrigues Pereira exerceu-se em muitos outros ramos dos conhecimentos humanos; mas o

seu grande título de gloria é a resurreição intellectual dos surdos-mudos. Morreu a 15 de setembro de 1780, deixando familia que não ficou obscura. São seus descendentes directos os célebres irmãos Pereires, tão conhecidos no mundo argentario e politico da Europa.

A França ainda hoje venera a memoria d'este homem, entre nós quasi olvidada. Que despresadores de glorias que nós somos! Expulsando de Portugal a raça hebraica, voluntariamente nos despojavamos d'illustrações taes como Spinosa, por exemplo, célebre philosopho que nasceu hollandez, mas que descendia quando menos de familia portugueza, se é que elle proprio não foi nascido no Porto, como alguns teem affirmado.

### SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA

A vida do historiador da *America Portuguesa* correu toda placida e sem nuvens, e o seu estylo sereno e limpo parece resentir-se da tranquillidade da sua existencia.

Nasceu a 3 de maio de 1660 na cidade da Bahia, estudou no collegio dos Jesuitas d'essa cidade, veiu a Coimbra formar-se em canones, regressou á patria, e, graças á sua opulencia, foi nomeado coronel do terço d'infanteria d'ordenanças. Casou com uma senhora chamada D. Brites d'Almeida, e recolheu-se a uma fazenda que possuia nas margens do Paraguassú.

Ahi viveu feliz e tranquillo, rodeado de filhos, e começou a escrever a *Historia da America Portuguesa*, que finalisou em 1728 e publicou em 1730, grangeando logo muitos applausos. Para a escrever conscienciosamente, estivera na Bahia, no Rio de Janeiro, em S. Vicente, e viera a Lisboa consultar bibliothecas e revolver archivos.

A publicação da *Historia da America Portuguesa* alcançou-lhe o diploma de socio da Academia Real da Historia,

e o de fidalgo da casa real, que D. João V lhe outorgára.

Retirou-se então para a Bahia, onde findou os seus dias, em paz como vivêra, no anno de 1738.

Escripto n'uma época de gongorismo e affectação, o livro de Rocha Pitta nem sempre escapa aos defeitos do seu tempo, mas, a maior parte das vezes, o estylo sempre brilhante, não cae no exaggero. O livro encerra formosas paginas, principalmente descriptivas. Escripto com muita consciencia emquanto a investigações, não se exime á pecha da credence milagreira, que infelizmente gafa mais ou menos todos os historiadores portuguezes até ao começo do presente seculo.

### MANUEL DA MAIA

O aqueducto das Aguas Livres, pela utilidade e pela magnitude do monumento, serve de desculpa ás loucas prodigalidades de D. João V, que o mandou construir n'um dia de lucidez. Essa obra magnifica, uma das mais notaveis da Europa no seu genero, e que se distingue a um tempo pela elegancia e pela solidez da construcção, dá honra ao soberano que a emprehendeu, e ao architecto que a levantou.

Esse architecto foi o brígadeiro Manuel da Maia, engenheiro distincto, mestre de mathematica do principe do Brasil, guarda-mór da Torre do Tombo, e socio da academia de historia.

Em 1756 foi encarregado por el-rei D. José d'apresentar um plano para a reedificação de Lisboa, derribada pelo terramoto do anno anterior. Falleceu a 17 de setembro de 1768.

A construcção do aqueducto durou 20 annos. Revela em Manuel da Maia talento não vulgar, e podêmos affoitamente collocar-o entre os primeiros architectos da Europa no seu tempo.

## VIEIRA LUSITANO

Teve uma vida aventureosa este notavel pintor, que nasceu em Lisboa no dia 4 d'outubro de 1699, e cujo verdadeiro nome era Francisco de Mattos Vieira. Os seus amores com a senhora que veiu a desposar constituem um verdadeiro romance, que o proprio artista contou n'um longo poema em toantes.

Protegido pelo marquez de Fontes, embaixador em Roma, Francisco Vieira acompanhou-o á capital do mundo christão, e ahí esteve sete annos estudando. Ainda voltou a Roma outra vez, esteve tambem em Sevilha, e no intervallo encheu de quadros seus as egrejas de Lisboa, muitos dos quaes infelizmente desapareceram no terramoto de 1755, e no incendio que se lhe seguiu. Pelos que sobreviveram se póde comtudo avaliar o grande talento d'este pintor, talvez academico em demasia, mas incontestavelmente notavel.

Além de ser bom pintor, era tambem Vieira optimo gravador, e architecto perito. Como poeta não lhe podemos fazer eguaes elogios.

Depois d'uma larga vida, cheia de gloria, até porque elle não se descuidava de tecer os seus elogios, como fez no livro da historia dos seus amores, que intitidou *Pintor insigne e leal amante*, depois d'uma larga vida de noventa e quatro annos, morreu Francisco de Mattos Vieira em 1783.

## MARQUEZ DE POMBAL

Entre os homens verdadeiramente grandes de que a nossa patria se ufana, avulta o celebre ministro d'el-rei D. José, que, encontrando Portugal n'uma espantosa decadencia, soube restituir-lhe energia, vida e prosperidade, e collocal-o

finalmente a par das outras nações, que tanto o haviam distanciado no estadio da civilisação, durante os calamitosos reinados dos primeiros soberanos da dynastia de Bragança.

Não ignorámos que, entre os incriveis absurdos da administração d'el-rei D. João V, tambem se tomaram providencias justas onde se encontra o germen de muitas medidas salutaes, que fizeram posteriormente a gloria do marquez de Pombal, mas concentrando na sua mão vigorosa as rédeas do governo, soube imprimir energica unidade ás reformas do paiz, e operou o que verdadeiramente se póde chamar uma resurreição.

Filho do capitão de cavallaria Manuel Carvalho d'Athayde, nasceu Sebastião José de Carvalho e Mello em Lisboa no dia 13 de maio de 1699. Encetou a carreira militar, mas desamparou-a, trocando-a pela diplomatica, em que teve boas estreias, porque foi de subito, dizem que por influencias do cardeal da Motta, nomeado ministro em Londres. Tinha comtudo mais de 30 annos quando obteve este cargo, passando depois a desempenhar eguaes funcções em Vienna d'Austria, onde desposou uma nobre senhora, da familia do marchal Daun, celebre adversario e algumas vezes vencedor de Frederico o Grande da Prussia.

Voltando pouco depois a Portugal, permaneceu no olvido até 1750, em que morreu D. João V. A rainha D. Marianna d'Austria, que o protegera sempre, obteve-lhe o logar de secretario dos negocios estrangeiros d'el-rei D. José. Assim que entrou no conselho, aquelle talento vastissimo revelou-se com irresistivel preponderancia, e logo exerceu uma influencia completa no gabinete e no espirito d'el-rei.

Nomeado pouco depois primeiro ministro, a sua administração assignala-se por grandes e radicaes reformas, que despertam a nação, que elevam a classe média, que subjugam a nobresa, que destroem o jesuitismo, que cerceiam a funesta autoridade da Inquisição. O terramoto de 1755



arrasa Lisboa: surge, á voz de Carvalho, das suas cinzas a capital mais formosa que outr'ora. Os jesuitas fazem opposição ao governo: são expulsos do Paço, do ensino publico, finalmente do reino, e a energia do ministro portuguez, despertando a energia dos ministros das outras nações, promove a abolição da ordem pelo papa Ganganelli. A nobresa conspira contra el-rei: Carvalho doma-a e pune-a com pavoroso rigor. Sebastião de Carvalho é terrivel e cruel, mas ninguem se exime aos defeitos em que degeneram muitas vezes; pelo excesso, as qualidades louvaveis. A energia transforma-se em crueldade, a força de vontade muda-se em despotismo.

Nomeado conde d'Oeiras depois da conspiração dos fidalgos, foi elevado a marquez de Pombal em 1770. A 24 de fevereiro de 1777 morreu el-rei D. José, e feneceu o governo do marquez. Todos os odios, concitados pela sua administração forte, mas cruel, se levantaram contra elle, e a rainha D. Maria I logo o demittiu exilando-o para a quinta de Pombal, e allegando que, se o não punia mais severamente, era por consideração pela memoria de el-rei seu pãe. Na villa de Pombal, morreu esse grande homem, no dia 5 de maio de 1782.

A prohibição da exportação do numerario, medida justa segundo as idéas economicas do tempo, a lei que diminuiu o poder da Inquisição, a reunião á corôa dos prazos alienados, a reorganisação do exercito, a resurreição da marinha, as medidas para a povoação das colohias, a formação das companhias commerciaes da Índia e do Pará, a reconstrucção de Lisboa, a expulsão dos Jesuitas, a criação dos estudos primarios e militares, a protecção da agricultura, a fundação da companhia de vinhos do Alto Douro, a instituição do Collegio dos Nobres, as leis protectoras da industria, as reformas da justiça, a abolição da escravatura no reirô, o restabelecimento das pescarias do Algarve, as

grandes reformas coloniaes, as leis sobre os expostos, as providencias financeiras ácerca da venda do tabaco, a erecção da estatua equestre, a reforma da universidade e a promulgação dos seus novos estatutos, a abolição das distincções entre christãos novos e velhos, e muitas outras leis reparadoras, eis o vasto complexo de providencias que resuscitaram Portugal.

Na politica externa, a satisfação que exigiu e obteve da Inglaterra por um insulto que os seus navios fizeram á inviolabilidade das aguas portuguezas, a energia com que reprimiu a audacia do nuncio, o modo como repelliu as exigencias da França e da Hespanha, mostraram á Europa espantada que Portugal ainda existia.

Mas o patibulo de Belem, a alçada do Porto, a fogueira de Malagrida, o supplicio atroz de João Baptista Pelle, clamam alto contra o marquez de Pombal.

Pena é que estas nodoas sangrentas lhe maculem a gloria, mas o vulto, que não tivesse imperfeições, deixaria de ser humano para ter os fóros da divindade.

### PEDRO ANTONIO CORREIA GARÇÃO

Este infeliz poeta nasceu em Lisboa no dia 29 d'abril de 1724, e era filho de Philippe Correia da Silva e de D. Luiza Maria da Visitação d'Orgier Garção. Começou a frequentar a universidade; mas, por motivo ignorado, interrompeu os seus estudos. Casou com uma senhora, não desprovida de bens da fortuna, e esse casamento trouxe-lhe a propriedade d'um officio d'escrivão da casa da India.

Foi um dos socios fundadores da Arcadia, onde tomou o nome de Corydon Erimantheo. Entregue ao estudo, e á cultura das letras, desfructando a aurea mediocridade que o seu mestre Horacio tanto apreciava, fulminou-o de subito o infortunio, sendo prêso por ordem do marquez de Pombal

a 9 d'abril de 1771, levado á cadeia e mettido no segredo. Sua esposa conseguiu obter para elle ordem de soltura, mas motivos, tão mysteriosos como a causa do seu captiveiro, demoraram a execução d'essa ordem, a ponto que só se realisou no dia 10 de novembro de 1772, quando elle estava expirando.

Apesar de ser tão proximo de nós este acontecimento, cobre-o sombra tão densa como a que envolve as causas do exilio d'Ovidio, e todos os pareceres, que se tem apresentado para explicar o facto, não resistem a uma sisuda analyse.

Foi Correia Garção em Portugal, mais do que todos os seus collegas da Arcadia, o verdadeiro restaurador do gôsto, deturpado pelas extravagancias dos gongoricos. A sua musa, casta e severa, sempre com os olhos fitos nos grandes modêlos latinos, se não se abalançou a grandes arrojões de originalidade, seguiu, sem desmaiar, os vôos do estro horaciano, e as suas castigadas odes revelam um pensador austero, e um poeta reflexivo. Na *Cantata de Dido*, a mais célebre das suas obras poeticas, o seu estylo opulentou-se com tão primorosas galas, que poucos trechos ha na poesia portugueza, que, por este lado, com ella rivalisem. Foi menos feliz no theatro, posto que nas suas comedias se notem caracteres bem observados, e de vez em quando lampejos de verdadeiro chiste. Mas as feições, n'elle predominantes, são incontestavelmente a pureza do gôsto, a correccção da linguagem, e a altesa dos pensamentos philosophicos.

### DOMINGOS DOS REIS QUITA

Este poeta, um dos tres vultos dominantes da primeira Arcadia, grangeou merecida reputação como bucolico. As suas eglogas e os seus idyllios, posto que friamente pautados pelos modêlos gregos e latinos, offerecem não só pri-

mores de fôrma, correcta sobriedade d'estylo, e reflexos brilhantes das grandes obras em que punha os olhos, e de cuja imitação entendia a Arcadia que estava pendente a reforma do gôsto, mas tambem, em muitos relances, pinturas animadas da natureza, que ainda hoje nos deleitam, e que não seriam descabidas nas modernas telas, onde o sentimento, livre das peias convencionaes, transluz desassombrado, e captiva pela espontaneidade com que se manifesta.

A *Lycoris*, drama pastoril, que tambem Quita compôz, offerece bellas de mais d'um genero. Ha movimento, chega a haver paixão n'esse quadro, cujo fundo campesino pôde figurar ao lado dos mais gabados scenarios das bucolicas de Virgilio. E sobretudo o que constitue o merito de Domingos dos Reis é o modo porque soube manter a pureza do gôsto e a nobresa da dicção, sem cair d'um lado nas sentenciosas affectações da poesia pastoril em voga quando surgiu a Arcadia, nem, do outro, na rudesa dos que pensavam que a verdade artistica era a realidade grosseira.

Menos feliz nas suas quatro tragedias, *Astarto*, *Megara*, *Hermione*, e *Castro*, e nas suas odes, elegias e sonetos, Quita conserva sempre a correccção e a elegancia que o caracterisam.

A sua vida foi desafortunada. Filho de paes pobres, nascido a 6 de fevereiro de 1728 em Lisboa, foi empregado no officio de cabelleireiro, e, repartindo as horas entre o trabalho da loja e o estudo assiduo, a sua popularidade começou entre os freguezes. Para poetas collocados na sua posição, o unico modo de poderem dar largas ao engenho, sem terem que lutar com as necessidades da vida, era encontrarem um Mecenas que os favorecesse, Mecenas que sempre faltou a Domingos dos Reis. Quiz protegelo o conde de S. Lourenço, mas o raio das desventuras politicas feriu o protector, desfazendo em pó as esperanças do protegido. Esteve para lhe dar guarida o arcebispo de Braga D. Gas-

par: intrigas o desviaram d'esse proposito. O marquez de Pombal nunca attendeu ás humildes supplicas do bucolico. Em compensação, estimado pelos seus collegas e por todos os que o tratavam intimamente, pois que o seu genio era amavel, despido d'invejas, e inimigo figadal das satyras, ao passo que o seu talento ameno se insinuava em todós os espiritos, Quita foi logo indigitado para ser um dos primeiros socios da Arcadia, e o favor que não encontrára nos grandes, encontrou-o nos humildes, achando n'uma senhora de medianos haveres, D. Theresa Aboim, o que de balde mendigára nos palacios. Gravemente enfermo desde 1761, á generosidade d'essa senhora deveu o abrigo e o conforto dos seus ultimos annos, podendo morrer tranquillo, como morreu no dia 26 d'agosto de 1770, sem ter tido que lutar, entre as agonias extremas, com os horrores da miseria.

### ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA

Filho do sargento-mór João da Cruz Lisboa e de D. Eugenia Theresa, nasceu este illustre poeta na capital do reino a 4 de julho de 1731.

Fez os seus primeiros estudos na congregação do Oratorio, passando depois a matricular-se na universidade de Coimbra, onde se formou em direito no anno de 1753.

Teve Diniz a boa fortuna de merecer a protecção do marquez de Pombal.

Nomeado juiz de fóra de Castello de Vide, passou depois a ser auditor n'um regimento da guarnição d'Elvas, e n'essa cidade a sua musa graciosa, encontrou na discordia pueril travada entre o bispo D. Lourenço e o deão Lara, assumpto para o risonho poema do *Hyssope*.

As victimas da satyra chistosa doeram-se, queixaram-se, e era natural que, se fosse Garção ou Quita o autor do fla-

gellador poema, obteriam ampla vingança do poeta mordaz.

Mas Diniz, como dissemos, soubera conquistar a protecção do marquez de Pombal, e o bispo d'Elvas apenas conseguiu a transferencia do autor do *Hyssope* para o Rio de Janeiro, adoçada para o poeta pelo cargo de desembargador na relação da capital do Brasil.

O castigo era recompensa.

Esta protecção decidida do marquez de Pombal não teve do poeta a gratidão que merecia. Quando o ministro omnipotente caiu, a lyra aduladora d'Antonio Diniz, se não trocou pelo insulto o louvor, também não teve animo de continuar a prestar ao exilado as homenagens que tributara ao poderoso Mecenas.

Antonio Diniz foi nomeado desembargador do Rio de Janeiro em 1776; ali permaneceu até ao anno de 1787, em que regressou ao reino, voltando ainda em 1789 ao Rio, enviado pelo governo de D. Maria I, para ser um dos julgadores dos réos da conspiração de Villa-Rica.

Lá falleceu a 5 d'outubro de 1799, cõntando d'idade 68 annos.

Poeta ameno, dotado antes d'um talento flexivel do que d'um estro arrebatado, Antonio Diniz era o homem mais proprio para dirigir uma sociedade, cujos intuitos fossem os de restaurar o gosto, sem outras aspirações.

Effectivamente, elle e Manuel Nicolau Esteves Negrão foram os fundadores da Arcadia, do qual Antonio Diniz veiu a ser verdadeiramente o corypheu.

Se Quita escolheu para si o campo bucolico, e Garção mais especialmente a ode horaciana, Diniz não se restringia a um só genero, e em todos emprebendeu commettimentos dignos de menção. Era assim o seu talento: pouco inventivo, pautava-se facilmente pelos modélos alheios.

Nas odes pindaricas foi um dos mais notaveis entre os

muitos que seguem de longe os raptos do cantor de Thebas. Foi gracioso nas anacreonticas, picante ás vezes nos epigrammas, a que restituiu a agudesa inoffensiva que entre os Gregos caracterisava esse genero, frio nas fabulas, pomposo mas prolixo nos dithyrambos; porém sobre tudo chistoso e ridente no poema heroi-comico, o *Hyssope*, que é decerto o seu mais bello titulo de gloria.

A indole do seu talento de sala, para assim dizermos, prestava-se admiravelmente á ligeireza e ironia do poema heroi-comico; por isso o *Hyssope*, sem rival na nossa lingua, não desmaia diante do *Lutrin* de Boileau e vence decerto *The raped lock* de Pope.

### CLAUDIO MANUEL DA COSTA

Singular destino ligou dois dos mais notaveis poetas com que o Brasil enriqueceu a litteratura portugueza, Claudio Manuel da Costa e Thomaz Antonio Gonzaga. Ambos lyricos de primeira ordem, ambos tendo no estylo uns leves toques de saudosa melancholia, no espirito uma elevação philosophica de pensamento que transparecem nas composições que lhes são dictadas pelo coração, ambos adorando o esmero da fórma e cuidando a melodia do verso, ambos sacrificando nos altares da musa frivola, um com as suas anacreonticas, outro com as suas canções, ambos inscrevendo um nome só na dedicatória dos seus amorosos poemas, Gonzaga o de Marilia, Costa o de Nize; ambos seguindo a carreira das leis, ambos enfim implicados na prematura tentativa de revolução, que em 1788 quiz fazer da capitania das Minas-Geraes uma republica, e chamar o Brasil á independencia; só na morte se separaram, porque Gonzaga arrastou no exilio nos ultimos annos de vida fatigada e desallumiada da luz da intelligencia, e Claudio Manuel da Costa suicidou-se no

carcere, não se achando com animo de supportar os trances do processo e talvez um martyrio affrontoso.

Nasceu Claudio Manuel da Costa na cidade de Marianna no Brasil, capitania das Minas-Geraes, a 6 de junho de 1729. Coursou os primeiros estudos no Rio de Janeiro, veio depois formar-se a Coimbra, e já na universidade deu mostras de poetico engenho, que não prejudicava a sua aptidão para as sciencias politicas, sociaes e juridicas. Viajou em seguida pela Italia, onde mais se corroborou o seu enthusiasmo pela formosa litteratura italiana, de que sempre se mostrou apaixonado seguidor. Voltando a Lisboa, aqui se demorou até 1763, em grata convivencia com todos os cultores das boas lettras.

Motivos desconhecidos o fizeram deixar a metropole de que se apartou com saudades, indo exercer a advocacia para a sua provincia natal. Estudos importantes ácerca de assumptos politicos e economicos, fizeram com que fosse considerado uma das altas capacidades do Brasil, e o capitão-general de Minas, D. Rodrigo da Cunha de Menezes, chamou-o para secretario do governo. Demittiu-se d'esse emprego quando as suas idéas estiveram em desaccordo com as ordens do Rio de Janeiro. Homem de idéas largas, progressista rasgado, sympathisou com o movimento que em Minas-Geraes se pretendia levar a effeito, tornou-se um dos principaes chefes da projectada sublevação, e, quando a conjuração se descobriu, foi elle um dos presos.

A idéa das terriveis consequencias do seu procedimento, perturbou-o de tal fórma, que respondeu d'um modo incoherente ás perguntas do tribunal, e, prevendo o supplicio, preferiu ao patibulo o suicidio, enforcando-se na prisão no dia 2 de julho de 1789.

Foi Claudiõ Manuel da Costa poeta mimoso e delicado, classico em linguagem, amenissimo em estylo, e primoroso na fórma. Os seus sonetos são talvez, depois dos de Boca-



ge, os mais perfeitos da lingua portugueza. Moldava-os pela fórma de Petrarcha, e sabia dar-lhes uma indizível suavidade melancolica. Vestia de galas encantadoras o pensamento suave e a commoção sincera. Se é um pouco alambicado nas canções, nem por isso podemos deixar de dizer com o seu distincto biographo, o sr. Pereira da Silva, que é indubitavelmente um dos poetas mais illustres que produziu o solo americano.

### LUIZ ANTONIO VERNEY

Este illustre varão, arcediago da Sé d'Evora, muito apreciado e muito vituperado no seu tempo, foi um dos corypheus da reforma do gosto e do estudo, emprehendida no tempo de D. José I por alguns homens de bom senso, que queriam introduzir em Portugal, ainda que muito modificado, o clarão da philosophia, que principiava a illuminar a Europa. Em tudo quanto dizia respeito a bellas letras, não fazendo os reformadores senão introduzir a disciplina e a imitação fria, não poderam elles conseguir mais do que uma restauração, ainda assim proveitosa, porque purificou o deturpado gosto, mas esteril, porque não recorria ás grandes e verdadeiras fontes da inspiração. O que D. Ignacio de Luzan, e o padre Isla emprehendiam em Hespanha, faziam-n'o em Portugal Luiz Antonio Verney, e a sociedade da Arcadia. A reforma litteraria dos Arcades apenas mereceu um sorriso distraido do marquez de Pombal; a reforma dos estudos, prégada dez annos antes por Verney, como era um golpe formidavel vibrado aos Jesuitas, mereceu do grande ministro acalorada protecção.

Nasceu Luiz Antonio Verney em Lisboa a 23 de julho de 1713. Era filho de Diniz Verney, d'origem franceza, e de D. Maria da Conceição Arnaut. Deu desde creança provas de grande capacidade, que os jesuitas, seus mestres, lhe re-

conheceraam, fazendo todos os esforços para que elle entrasse na sua religião, ao que sempre Verney se esquivou. Sabiu em 1736 a viajar pela Europa, fixando-se em Roma, onde começou a compor o seu *Verdadeiro methodo d'estudar*, livro em dezeseis cartas que publicou em 1746, levantando em Portugal uma celeuma, que ficou célebre na nossa historia. Choveram as refutações, e as respostas d'elle e dos seus defensores. O livro entretanto foi muito apreciado, e traduzido lá fóra. Uma grammatica philosophica do latim, que elle publicou segundo o seu methodo, foi adoptada na Italia, assim como a sua *Logica*, adoptada em Portugal, a sua *Physica* e *Metaphysica*, e outras obras publicadas com a protecção de D. José I, ou antes do seu omnipotente ministro, marquez de Pombal, que o tinha em muita consideração, encarregando-o, entre outras missões diplomaticas, de dirigir em Roma, secretamente, d'accordo com o plenipotenciario official, as negociações com o Pontifice para a abolição da companhia de Jesus, o que se conseguiu, como é sabido.

Morren Luiz Antonio Verney em Roma d'edade de 79 annos, no dia 20 de março de 1792. Hoje que as sciencias vão já tão adiante do ponto em que estavam no tempo de Verney, não podémos comprehender o enthusiasmo que elle no seu seculo excitou. Comtudo a reforma emprehendida pelo arcediago d'Evora, que nos parece tão acanhada e tão tímida, era no seculo xviii e em Portugal uma grande audacia, e implicava a idéa d'um impulso vigoroso dado ao espirito humano. O progresso consiste n'esses pequenos passos, que nial se vêem quando se encara de longe o estadiopercorrido, mas que valem muito quando se observam do perto os obstaculos que se venceram, n'esse movimento quasi imperceptivel para nós.

## JOSÉ ANASTACIO DA CUNHA

Colheu loiros este illustre portuguez em dois campos diversos, na mathematica e na poesia. Serviram-lhe os dotes litterarios para dar á linguagem dos seus compendios uma clareza notavel, que os fizeram summamente apreciados, não só em Portugal, mas na Europa; o gosto das sciencias exactas e a seriedade de espirito que ellas inspiram, sem lhe esfriarem o sentimento nem lhe desbotarem a imaginação, desviaram-n'o da affectação e da frivolidade da litteratura do seu tempo, e abriram lhe novos horisontes, fazendo-lhe adivinhar, em pleno seculo xviii, a inspiração melancolica de Lamartine ou o stismar profundo de Victor Hugo.

Filho do pintor Lourenço da Cunha e de Jacinta Ignez, nasceu José Anastacio em Lisboa em 1744. Sentou praça de voluntario em 1762, por occasião da guerra com a Hespanha, no regimento de artilharia do Porto. Os seus já vastos conhecimentos das materias necessarias n'uma arma scientifica, rapidamente o fizeram subir ao posto de 1.º tenente. Uma memoria ácerca da balística, em que impugnou as theorias de alguns escriptores francezes, chamou para elle a attenção do conde de Lippe, que viera da Allemanha organizar o exercito portuguez, e que o considerou como official de grande futuro. O marquez de Pombal tambem o apreciou dignamente, e deu-lhe na universidade, depois de reformada, uma cadeira de mathematica.

O reinado de D. Maria I foi-lhe fatal, porque, triumphando então a intolerancia, lá achou a inquisição que ver na orthodoxia das suas doutrinas, resultando-lhe d'ahi o ser preso e privado da cadeira. O intendente da policia, Ping Madique, procurou aproveitar o seu talento, nomeando-o director do collegio de S. Lucas. Para os seus discipulos, opphãos e desvalidos, escreveu José Anastacio da Cunha o ce-

lebre compendio de mathematicas puras, que um d'elles lhe tradoziu annos depois em francez, e foi muito apreciado na Europa, merecendo occupar a attenção do mais famigerado periodico de critica d'esse tempo, e de hoje ainda, a *Revista de Edimburgo*.

Fallecendo prematuramente em 1 de janeiro de 1787, deixou ineditos tratados de mathematicas—e uma collecção de poesias. Algumas d'essas obras foram depois impressas, e o seu talento litterario pôde ser então avaliado. Sismondi louva-o extraordinariamente, e com effeito, se attendermos ao tempo em que viveu, ha de espantar-nos a singelesa da inspiração, o sentimento sincero que transuda nos seus versos, e que parece adivinhar a desaffectedada espontaneidade da musa moderna.

Merecia um logar n'esta nossa collecção o homem notavel, que soube primar nos aridos dominios da mathematica e nos viçosos jardins da poesia.

### JOAQUIM MACHADO DE CASTRO

Este célebre escultor, a quem devemos a estatua equestre del rei D. José, nasceu em Coimbra no anno de 1731. Trabalhou 14 annos em Mafra, debaixo da direcção do italiano-Giusti. Em 1770 foi encarregado de fazer a estatua equestre, terminando-a em 1775. Obra magestosa, que não deshonraria nenhuma capital, avulta desassombrada na Praça do Commercio, em Lisboa, e, desenhando no azul da atmosphera o seu grandioso perfil, parece estar ali para receber dignamente os estrangeiros que desembarcam nas praias da decaida cidade, e para lhes mostrar que, n'esta terra fecunda, basta que um homem d'iniciativa como o marquez de Pombal diga uma palavra, para que os talentos brotem, e para que as grandes obras se executem.

Assim como appareceu um escultor digno da empresa,

tambem surgiu um homem, como Bartholomeu da Costa, que soube dirigir com grande acêrto a fundição em bronze da estatua monumental. O grande marquez pôde folgar com o resultado da sua idéa.

Entre muitas outras obras, executadas posteriormente por Joaquim Machado de Castro, distinguem-se a estatua de Neptuno, que dominava o chafariz do Loreto, e as esculpturas que ornam a igreja da Estrella. As recompensas não responderam ao merecimento do artista. Morreu em 1822, d'idade de 91 annos, quasi esquecido e despresado.

Ainda assim não teve que supportar as calumnias e os insultos, que amarguraram os ultimos annos do grande homem que o soubera apreciar, do marquez de Pombal, o primeiro estadista portuguez.

### JOSÉ BASILIO DA GAMA

Distincto poeta brasileiro, nasceu na villa de S. José, em Minas Geraes, no anno de 1740. Estudando no collegio dos jesuitas do Rio de Janeiro, quando a Companhia foi abolida no anno de 1759, continuou os seus estudos no seminario episcopal, passando no anno de 1763 a concluir-os em Lisboa.

De Lisboa passou a Roma, onde esteve empregado n'um seminario. Voltando a Portugal, sempre em busca dos meios de subsistencia, que lhe escasseavam, d'aqui regressou ao Brasil, d'onde, indigitado aos odios do governo por algumas poesias que endereçara aos jesuitas seus antigos protectores, foi remettido a Portugal.

Em Lisboa estava já para ser degradedado para Angola, quando teve a feliz idéa de dirigir uma supplica em verso á filha do marquez de Pombal: o talento que a poesia revelava chamou para elle a attenção do ministro, que desconfiou conhecê-lo, e, descortinando a sua vasta intelligencia,

empregou-o no seu gabinete, e lhe proporcionou vida feliz e tranquilla. Grato ao seu protector, quando a desgraça o fulminou, José Basilio da Gama conservou-se fiel no infortunio, e ganhou a estima da posteridade, cuja admiração já lhe era devida pelos seus magnificos versos.

Esta nobresa d'alma não podia ser então apreciada. Os jesuitas, agora de novo, ainda que á socapa, triumphantes, accusavam-n'o de traidor, por elle ser cortezão do desvalimento do marquez de Pombal, como o fôra do desvalimento d'elles.

Amargurado por estes desgostos, correu o resto da existencia de José Basilio da Gama, existencia que tivéra apenas um passageiro clarão de felicidade, ora no Rio de Janeiro, ora em Lisboa, onde morreu obscuramente a 1 de julho de 1795, tendo sido nomeado socio correspondente da Academia Real das Sciencias a 10 de fevereiro do mesmo anno.

O seu mais notavel titulo de gloria é o poema *Uruguay*, que celebra a guerra movida em 1756 por Gomes Freire d'Andrade, conde de Bobadella, aos indigenas aldeados no sul da America pelos jesuitas. Além das bellas da dicção, e da alta epica dos episodios, distingue-se esse poema pelo esplendor dos quadros, que n'elle abundam, da natureza tropical, e pela como adivinhação das minas de poesia que se encerram nos costumes dos povos primitivos e incultos da ardente America. José Basilio da Gama foi, no século xviii, e antes de Chateaubriand, um precursor de Fenimore Cooper.

## MARTINHO DE MELLO E CASTRO

É ainda hoje popular entre nós o nome d'este ministro, que, sendo ecclesiastico, soube dar comtudo á nossa marinha um impulso vigoroso em epocha já de decadencia. Nas-

ceu no dia 11 de novembro de 1716. Pertencendo a nobre familia dos Castros de Melgaço, obteve, contando apenas vinte e tres annos, a alta dignidade de conego da sé patriarchal. Entrou depois na carreira diplomatica, sempre favoreado pela aragem da côrte, e estava ministro em Londres, quando rebentou a guerra de Portugal contra Hespanha e França, prestou valiosos serviços á sua patria, enviando com pasmosa actividade, armas e munições em grande numero. Foi elle depois quem assignou a paz em Paris, sustentando nas negociações com grande energia a dignidade portugueza. Nomeado ministro da marinha e do ultramar em 1777, coadjuvou habilmente as grandes reformas do marquez de Pombal, a quem aliás não era afeiçoado. Depois da queda d'este grande ministro, conservou-se no poder, e, enquanto os outros ramos da administração publica iam em progressiva decadência, só a marinha prosperava, graças ao seu habit ministro. Não foram egualmente felizes as suas providencias relativas ao ultramar, que se resentiram das falsas idéas economicas do seu tempo. Mas na marinha a sua actividade e o seu zelo fizeram prodigios; soube dar-nos uma esquadra tão poderosa que ainda, quando o principe regente partiu para o Brasil, treze annos depois da morte de Martinho de Mello, possuíamos doze náos de linha, doze fragatas e muitos outros navios de menor lotação.

Martinho de Mello conservou a pasta da marinha e colonias até ao dia 24 de março de 1795, em que falleceu. É ainda hoje a sua memoria recordada com veneração e respeito, e prestou-se-lhe merecida homenagem condecorando-se com o seu nome um dos navios de guerra da actual marinha portugueza.

## DUQUE DE LAFÕES

Na impossibilidade de commemorarmos n'este livrinho todos os homens notaveis, cujas obras teem honrado a Academia Real das Sciencias de Lisboa, não deixaremos de mencionar o nome do seu benemerito fundador. D. João Carlos de Bragança, segundo duque de Lafões, filho de D. Miguel, bastardo de D. Pedro II, nasceu a 6 de março de 1719. Recebeu uma educação esmerada, que lhe aperfeiçoou a viva intelligencia. Durante o reinado de D. José, viu-se obrigado a sair do reino, aproveitando o tempo do exilio em viagens d'instrucção e occupações litterarias, que o tornaram muito apreciado na Europa. Distinguiu-se tambem nas armas, combatendo como voluntario na guerra dos sete annos. Voltou a Portugal, quando subiu ao throno D. Maria I, e foi por ella recebido com muita distincção. D'accordo com o seu particular amigo e notavel botanico, José Correia da Serra, projectou fundar uma Academia das Sciencias, e effectivamente a fundou, submettendo os estatutos á approvação da rainha em 1779. Chamado ao ministerio, na quadra tempestuosa da revolução franceza, aconselhou sempre uma prudente neutralidade, conselho que foi depois desattendido, o que deu em resultado a muito escusada campanha do Roussilhão. Nomeado marechal-general, teve a dôr de presenciar a invasão franco-hespanhola de 1801 sem dispôr de forças com que lhe resistisse. Recolhendo-se á vida privada, falleceu a 10 de novembro de 1806.

A Academia, que lhe deve a existencia, e que ainda hoje subsiste abrilhantada pelos nossos primeiros talentos, prestou ás lettras patrias valiosos serviços, principalmente continuando e ampliando immensamente a regeneração dos estudos historicos em Portugal.



## ANTONIO PEREIRA DE SOUSA CALDAS

O insigne poeta Antonio Pereira de Sousa Caldas, que opulentou a lingua portugueza com uma das melhores traducções em verso dos Psalmos, que nos modernos idiomas se conhecem, nasceu no Rio de Janeiro a 24 de novembro de 1762. Era filho de Luiz Pereira de Sousa, negociante, e de sua esposa D. Anna Maria de Sousa.

De idade de 8 annos atravessou os mares para vir a Lisboa estudar os preparatorios, com que se habilitou a ir para a universidade de Coimbra. Quando chegou aos dezeseis, formou-se em jurisprudencia. Na universidade deu mostras de elevado engenho poetico, não d'esse agudo talento de disticos e madrigaes, em que se comprazia a frivolidade da juventude do seculo XVIII, mas de um engenho mais viril, que chamou contra elle a attenção do governo de D. Maria I, e lhe valeu seis mezes de reclusão no recolhimento dos padres cathequistas em Rilhafolles, accusado de patentear nos seus versos idéas mais isentas do que as permittidas a um subdito da monarchia absoluta.

Concluindo, depois d'essa interrupção, concluiu os seus estudos universitarios, applicou-se á advocacia, recusando a nomeação de juiz de fóra para uma das comarcas brasileiras; foi viajar na Europa, visitou a França, a Italia, viveu na intimidade do papa Pio VI, e ahi, em Roma, seduzida a sua forte imaginação pela sublimidade do catholicismo, trocou pela batinha do padre a toga de advogado. Regressando a Portugal, entregou-se á eloquencia sagrada, e adquiriu alta reputação. Voltou ao Rio de Janeiro em 1801; encontrou a sua formosa patria retalhada pela discordia civil e gemendo debaixo da pressão dos governadores. Entristecido por isto, voltou a Portugal em 1805, e de novo tornou ao Brasil em 1807, com a familia real portugueza, que fugia das aguias

victoriosas de Junot. No Rio de Janeiro falleceu a 2 de março de 1814, de idade de 52 annos.

Poeta viril e de alto pensamento, rara qualidade no seculo xviii, Pereira Caldas, se a outros cede a realza da fórma, não encontra vencedores na grandesa vigorosa da idéa.

Muitas das suas composições poéticas se perderam; mas as que nos restam bastam para revelar um talento de primeira ordem. O sopro austero, que anima a sua traducção dos Psalmos, e que a torna tão superior á brilhante, gabada, mas frequentes vezes ôca, froixa e languida, de João Baptista Rousseau, tambem circula nas suas odes religiosas, e as torna dignas de se elevarem, envoltas nas harmonias do órgão e nas fragrancias do incenso, ao throno de Jehovah.

Nas cantatas, taes como *Pygmalião* o padre Caldas, se não tem o esplendor da fórma de Garção e o arrojo lyrico de Bocage, distingue-se pela elevação do pensamento; que, até n'esses jogos de estylo, apresenta sempre uma intenção philosophica, não prejudicando a correeção da phrase e a transparencia do colorido.

Nada nos resta das suas prédicas; mas, pela indole do seu talento, facilmente adivinhámos que no pulpito a sua voz eloquente havia de agitar os corações, e a gravidade do pensamento abalar os espiritos, e transportal-os a regiões sublimes.

#### FR. JOSÉ DE SANTA-RITA DURÃO

Na freguezia do *Infiicionado*, a quatro leguas da cidade de Marianna, no Brasil, nasceu em 1736 o celebre auctor do *Caramuru*. Veiu a Coimbra doutorar-se em theologia, e em 1758 professou na ordem dos eremitas de Santo Agostinho.

Em 1762 sahiu de Portugal para viajar. Rebentando a guerra entre Portugal e Hespanha, quando Santa-Rita Durão

estava na Andaluzia, foi tomado por espia e preso no castello de Segovia, d'onde saiu quando se assignou a paz, em 1763, proseguindo então a sua viagem para a Italia. Em Roma viveu largos annos em doce familiaridade com os litteratos mais eminentes da Italia. Regressou a Portugal em 1771, foi reger uma cadeira de theologia em Coimbra, e veiu depois morrer a Lisboa em 1783, contando apenas 46 annos de adade.

O *Caramuru*, seu principal titulo de gloria, e um dos mais bellos poemas épicos da litteratura portugueza, que tantos conta, tem por assumpto a historia semi-lendaria de Diogo Alvares, que, graças á detonação de uma espiagarda, alcançou immenso prestigio sobre os selvagens da Bahia. Ainda que fr. José de Santa-Rita Durão commetteu o erro, vulgar no seu tempo, de pautar pelas velhas formulas um poema de sua natureza pittoresco, o livro contudo encerra encantadoras descripções, grandes bellezas de estylo, e principalmente grandiosos episodios, como, por exemplo, o da estatua da ilha de Corvo.

Fr. José de Santa-Rita Durão foi tambem um notavel orador, e o discurso de *sapientia* proferido por elle, quando a universidade se abriu depois de reformada pelo Marquez de Pombal, é considerado como um dos mais bellos que ali se tem pronunciado.

## FRANCISCO DIAS GOMES

Homem de apurado gosto e de fina critica, Francisco Dias Gomes, se, como poeta, não legou aos vindeiros obras que lhe grangeassem alto renome, conquistou um lugar eminente na lista dos nossos homens de letras pelo primor dos seus juizos criticos, acanhados de certo nos estreitos horisontes litterarios do seculo em que viveu, mas justos, são, denunciadores de um espirite perspicaz, de um raro bom senso,

e de um respeito profundo pelas verdadeiras leis do bello. Quem adivinha que tão fino engenho litterario estivesse apertado no ambito estreito de uma pequena mercearia? Pois assim foi. Francisco Dias Gomes, que nasceu em Lisboa em março de 1745, era filho de um merceiro, chamado Fructuoso Dias. Preparou-se para frequentar Coimbra, e estudou com esse proposito; mas um tio, avesso a pretensões litterarias, convenceu o pae a que não devia deixal-o sahir da tenda em que nascêra. Para tornar mais convincentes as suas razões, prometeu estabelecê-lo. A promessa cumpriu-a, e aqui temos o pobre Francisco Dias, ancioso de gloria, apaixonado de bellas letras, e condemnado a vender aos freguezes o assucar e a manteiga! Na sua obscuridade, de que não tentou sahir, foi avolumando o seu cabedal de instrução, e escrevendo versos correctos, pouco inspirados, mas enriquecidos com abundantes notas da mais elevada critica. A amizade do mathematico Stockler animou-o a supportar a sua triste posição e os revezes da fortuna que o saltaram, porque a mercearia não prosperava, e o pobre litterato viu-se obrigado a dar lições de instrução primaria até que morreu no dia 30 de setembro de 1795, deixando a familia desamparada. Foram as suas obras impressas á custa da Academia Real das Sciencias, para que o producto da venda revertesse em favor da viuva e dos orphãos. Pôde então o mundo litterario apreciar o alto engenho d'esse varão modesto, que mal conhecêra durante a vida. Mas, até n'isso infeliz, não pôde Francisco Dias Gomes suspeitar que seria venerado pela posteridade, e nem um reflexo da sua gloria posthuma o consolou nas tristezas do seu viver amargurado.

#### D. FR. CAETANO BRANDÃO

Se quizessemos symbolisar o christianismo na sua expressão mais pura, e debaixo do seu triplice aspecto humilde,

caridoso e civilizador, não podíamos encontrar vulto para isso mais apropriado que o do virtuoso arcebispo D. Fr. Caetano Brandão. Esta physionomia placida, meiga, intelligente, lembra os grandes typos evangelicos, e é o reflexo mais perfeito, que se pôde encontrar entre os homens, da doce figura de Jesus.

Filho de Thomé Pacheco da Cruz, sargento-mór de ordenanças, e de sua mulher D. Maria Josepha da Cruz, nasceu o futuro arcebispo de Braga no logar de S. João Baptista do Loureiro, na comarca de Estarreja. Chamou-o para o claustro uma vocação irresistivel. Não era o ascetismo que o attraia, era o placido viver dos monges, em que o seu espirito se podia levantar aos ceos nas azas da contemplação, prendendo-se á terra pelo aureo laço da caridade.

Tomou o habito franciscano em 1759, formou-se em Coimbra na faculdade de theologia, distinguiu-se como prégador; mas o estudo aturado pôz-lhe a saúde em perigo, tendo de mudar de ares, passando de Coimbra para Vianna do Alentejo. Veiu depois para o convento de Jesus, em Lisboa, onde regeu a cadeira de philosophia; transferiu-se para Evora, e ahí o surpreendeu a eleição que a rainha D. Maria I d'elle fizera para bispo do Pará, em 1782.

A natural modestia de Fr. Caetano Brandão fel-o tremer antes de aceitar essa immensa responsabilidade; mas resignou-se emfim, conscio dos deveres que ia cumprir. A sua missão episcopal encarou-a debaixo do ponto de vista mais alto: foi á um tempo o apóstolo, o civilizador, e o moralizador da vasta provincia que formava o seu bispado.

Despresando, sem affectação, as pompas mundanas, vivendo frugalmente sem apparatus de ascetismo, as rendas da mitra applicou-as todas ao allivio da pobreza e ao desenvolvimento da instrucção. Auxiliado pelas esmolas dos seus diocesaños, que elle em pessoa implorava, fadou um

seminario, um hospital, um collegio para educação de orphãos pobres, e de todos foi elle a providencia. Afrontando os perigos das viagens no sertão, visitou o seu bispado todo, percorreu o Amasonas, e, em presença dos magnificos espectaculos d'essa natureza gigante, a sua alma de poeta como que se julgava mais proxima de Deus.

A fama das suas virtudes compelliu a rainha D. Maria I a transferil-o para o arcebisado de Evora, que vagára em 1780. Era o baculo de primaz das Hespanhas, que D. Fr. Cactano Brandão ia empunhar, e comtudo não foi sem profunda saudade que largou, entre as lagrimas do povo, a provincia que tanto lhe devia. E não andava n'isto affectação de modestia: na séde bracharense foi a sua vida tão modesta e pobre como no Pará, ou como no claustro, d'onde saira para revestir as mais altas dignidades ecclesiasticas: A ampliação dos seus réditos serviu-lhe para alliviar mais pobreza, para espalhar mais civilisação. Como elle comprehendia os seus deveres! Moralisar, instruir, desenvolver a prosperidade do paiz por meio de exposições e de premios (isto nos fins do seculo passado!) eis em que se resumiam as suas occupações. Verberava affoitamente a ambição temporal da Igreja, anhelava por que voltasse o christianismo á pureza e ao desinteresse dos primeiros seculos, e o santo prelado tinha na sua alma evangelica mais ardente o culto da liberdade, do que o tinham na bôca os demagogos que a essas horas a prégavam e a manchavam em França.

Este proceder de apostolo conciliou-lhe odios e invejas mesquinhas, que desabafaram em vergonhosos libellos, mas que emudeceram perante o seu tumulo, a que desceu, pranteado universalmente, no dia 15 de dezembro de 1806. Os seus sermões, as memorias que deixou, e os diarios das suas viagens no Amasonas, revelam um poeta e um philosopho, illuminado pelo mais puro clarão do Evangelho; mas a sua vida é que é um poema verdadeiro, e

ainda mais bello do que esse outro que Victor Hugo pnta-  
stou na supposta biographia do bispo Myriel.

## NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA

Nasceu em Lisboa a 10 de setembro de 1741. Era filho de Francisco Soares de Almeida e de D. Anna Soares. Frequentou a universidade, e voltando a Lisboa, foi preceito n'aquella negregada cadeira de rhetorica, eterno thema das suas lamentações! A força de impertinentes supplicas, obtve esse despacho official da secretaria d'estado dos negócios do reino, por decreto de 21 de junho de 1781. Este logar de pingues ordenados e grosso rendimento não fez com que as suas rogativas terminassem, e tanto nos seus versos se lamentou, allegando extremos de pobreza, que a posteridade acreditou-o, passando-lhe diploma de vítima da ingratidão da patria. Mas a verdade é que nos trinta e tres annos da sua vida, porque morreu a 24 de junho de 1813, desfructou optimos proventos, e, se não se livrou de apuros, foi por não dirigir com acerto o seu orçamento doméstico.

Mas deixemos as fraquezas do homem, e louvemos o poeta. Entre um diluvio de memórias em verso, que nem sempre he dão gloria, sobressaem com inexcelsível relevo as Sargras que o fazem immortal, não só pelo chiste do estylo, pelo appropriado dos epithetos, pelo selecto da phrase, e o primor do metro, como principalmente pela rara habilidade com que soube em dois traços pintar nos o quadro animado e jocoso da sociedade sub-contemporanea. Não aspira a ferir os vicios, nem sequer talvez a castigar os ridiculos; aspira a rir-se com elles, e a pintal-os com vivas cores. E por isso que Nicolau Tolentino occupa um lugar eminente entre os satyricos de todos os tempos e de todos os paizes: como nas comedias de Moliere se desenrola o quadro animado

dissemo da corte de Luiz XIV., assim nas satyras de Tóten-  
tino (guardada a distancia dos generos) se divisa o panora-  
ma tumultuoso da sociedade portugueza nos fins do se-  
culo XVIII.

### THOMAZ ANTONIO GONZAGA.

Nasceu o célebre lyrico da *Marília de Dirceu* em Portu-  
gal na cidade do Porto em 1744. Era filho d'um brasileiro  
João Bernardo Gonzaga, que d'ouvidor do Porto passou em  
1749, a desembargador da relação da Bahia, onde coereu  
e infancia do poeta.

Tendo-se formado em leis na universidade de Coimbra,  
foi despachado ouvidor da Villa Rica, em Minas Geraes. De  
parceria com alguns espiritos exaltadta pelas maximas evo-  
lucionarias do seculo, e pela recente emancipação dos Es-  
tados Unidos da America, tomou parte a' uma conspiração  
que visava a transformar em republica a capitania de Minas.  
Preso, e condemnado a degredo perpétuo para as Pedras d'An-  
goxe, obteve commutação da sentença transformando-se-lhe  
esse eterno exilio em degredo de dez annos para Moçambique.  
Para ali partiu em 1792, mas a desgraça fulminara apelle  
espirito mimoso, e immergira-o a' uma alonia, que se trans-  
formou em loucura. Quinze annos viveu em Moçambique,  
onde casou, e lá morreu em 1809, d'idade de 62 annos.

Os seus amores com uma senhora de Villa Rica, D. Maria  
Joaquina Dorothea Seixas Brandão, inspiraram-lhe essa for-  
mosa colleção de lyras, que, com o titulo de *Marília de  
Dirceu*, lhe deram a immortalidade. Um inoacehivel mique  
de fórma, um grande encanto de melodia distinguem a pri-  
meira parte d'esse livro, composto durante os annos de ven-  
tura, e em que, a par de felizes imitações d'Assacção, são  
faltam as agudesas da poesia do tempo. A desgraça, quando  
o fulminou, antes de o esmagar, ateu-lhe d'espírito, e na



segunda parte da *Marília de Dirceu* ha toques de melancolia e de saudade, sublimidade de pensamentos, que, enyolendo-se ainda nas mesmas epulencias, roupagens de linguagem de metro, nos revelam que alma do poeta se escondia debaixo da veste madrigalesca do galanteador Dirceu.

### D. FR. MANUEL DO CENACULO

Poucas vezes tem reunido o episcopado d'uma nação dois vultos por tal fórma venerandos e illustrados, que tão bem comprehendessem a missão civilisadora do christianismo, como foram D. Fr. Caetano Brandão e D. Fr. Manuel do Cenaculo, que empunharão, quasi ao mesmo tempo, aquelle o baculo do arcebispado de Braga, este o do arcebispado de Evora. Ambos exemplares de virtude e de sciencia, ambos empenhando-se em fazer do christianismo um instrumento de civilisação, empregaram todos os recursos da sua alta hierarchia ecclesiastica no desenvolvimento moral e intellectual dos povos confiados á sua direcção religiosa.

De Caetano Brandão já fallamos, de Manuel do Cenaculo diremos agora que foi um incançavel auxiliar do marquez de Pombal na sua grande empresa de reforma dos estudos, que ao seu acto e generosidade deveu uma grande parte das bibliothecas publicas portuguezas a sua fundação ou o seu desenvolvimento, que todos os estudiosos n'elle encontraram protecção efficaz, todos os sabios um sincero apreciador do seu merito.

Era D. Fr. Manuel do Cenaculo Villa-Boa, de origem plebea. Filho d'um serralheiro, nasceu em Lisboa, no dia 1 de março de 1724. Tendo professado na ordem terceira, com dezeseis annos de idade, foi doutorado em Coimbra, e logo a sua precoce erudição chamou para elle as attentões dos seus confrades, e emfim do illustrado governo do marquez de Pombal. Em 1769 foi nomeado confessor do

príncipe do Brasil, D. José, e no anno seguinte bispo de Bejá. Cooperador do illustre ministro na restauração dos bons estudos, seu devotado partidario, tambem participou da sua sorte, sendo exonerado dos seus empregos na corte, e mandado recolher ao seu bispado, quando subiu ao throno D. Maria I. O seu relevante merecimento não permittiu comtudo que fosse posto de parte prelado; não illustre, e em 1802 foi promovido ao arcebisnado d'Evora.

Atravessou, já de provecsta idade, os tempos calamitosos da invasão franceza; e padeceu muito com as vicissitudes da guerra, fallecendo enfim em 1814, de idade de noventa annos.

Escrheu o douto arcebispp obras numerosas, cheias de erudição, e revelando todas da sua immensa teitura; deve-lhe a nossa historia litteraria valiosissimos subsidios; as suas pastoraes são dignas de louvor pela sã doutrina e pela virtuosa austeridade dos conselhos que as obras não desmentiam; mas o que mais honra a sua memoria é o vigoroso impulso que elle deu á instrucção popular, já pugnano pela reforma dos estudos, já estabelecendo escolas, já principalmente auxiliando, protegendo e organisando vastas bibliothecas publicas. Em quanto o seu digno contemporaneo D. Fr. Caetano Brandão excitava pela emulação o amor do trabalho, fundava exposições, moralisava os povos da sua diocese, entre os quaes ao mesmo tempo diffundia a prosperidade, D. Fr. Manoel do Cenaculo applicava mais especialmente os seus cuidados ao desenvolvimento da instrucção. Prelado christão, não temia que o povo sobbesto ten e se instruisse, porque, se é luz a instrucção, o puro christianismo é o mais vivo foco de esplendor que tem illuminado a consciencia humana.

## CORREIA DA SERRA

Este botânico distincto, que adquiriu (coisa rara em portuguezes) uma reputação europeia, nasceu em Serpa no dia 6 de junho de 1780. Era filho do medico Luiz Dias Correia, e de D. Francisca Luiza da Serra. Fez os seus primeiros estudos em Roma, para onde sua familia se dirigiu em 1786; e tão rápidos progressos manifestou que foi quasi uma das maravilhas da capital do catholicismo, onde todos admiravam o seu engenho prematuro, que se revelou na composição d'um livro mystico, publicado por elle aos quatorze annos.

Ordenou-se em Roma, dizendo a primeira missa, na magnifica basilica de S. Pedro em 1775. Pouco tempo antes relacionara-se intimamente com o duque de Lafões, que viajava pela Europa, e cuja poderosa amizade nunca depois lhe faltou. Recolhendo em 1777 á sua patria, onde o marquez de Pombal lhe promettia um proveitoso emprego, encontrou morto ao rei D. José, e exilado p seu omnipotente ministro. Valeu-lhe a estima de alguns sabios portuguezes, que o conheciam de reputação, até que, chegando a Portugal o duque de Lafões, Correia da Serra foi viver com o seu nobilissimo amigo, e muito o auxiliou na realisação do seu grandioso projecto de fundar a Academia das Sciencias, monumento que ainda hoje subsiste, para perpetua gloria do illustrado fidalgo e do seu zeloso coadjuvador.

Foi Correia da Serra, secretario effectivo d'esse corpo scientifico. Desgostoso com algumas injustiças de que fôra victima; perseguido pela policia como suspeito de ter opiniões liberaes, partiu para Londres, onde tambem lhe não faltaram dissabores, promovidos pelos seus compatriotas, mas onde o desaggravaram a estima e a consideração que lhe mostraram os sabios inglezes, e que tambem lhe não faltaram em

Pariz, onde foi residir sem os encargos officiaes que viera a ter na Inglaterra. Escrevendo brillantemente em inglez e em francez, as suas memorias botanicas publicadas nos annaes de varias academias estrangeiras de que foi membro, ganharam-lhe reputação universal; e o seu nome é ainda hoje considerado na Europa como auctoridade scientifica.

Em 1813 passou aos Estados Unidos, onde abriu um curso publico de botanica, para adquirir meios de subsistencia, até que o governo portuguez, envergonhado de dásamparo em que deixava um sabio, por tal forma illustre, o nomeou em 1816 ministro plenipotenciario em Washington. Regressando em 1821 a Lisboa, para onde já voltara a corte, occupou de novo o seu logar de secretario da Academia, e n'essa qualidade prestou serviços relevantes ás sciencias historicas, prefaciando ainda alguns dos monumentos medievos, cuja impressão dirigiu por conta d'esse corpo scientifico.

Em 1822 foi eleito deputado ás cortes pelo districto de Beja; mas a sua avançada idade e as duencas não lhe permitiram desempenhar um papel importante na vida politica. Falleceu nas Caldas da Rainha, no dia 11 de setembro de 1823.

Este illustre botanico venerado na Europa, este sabio que ás mais notaveis academias estrangeiras quizera'n para consocio, só teve na sua patria menos estimação do que merecia!

### SOUSA DE LOBÃO

Este celebre juriconsulto portuguez, cujas obras são o manual indispensavel de todos os que se entregam em Portugal á advocacia, nasceu na villa de Vouzella no dia 19 de março de 1745, e, depois de se formar em Coimbra, permaneceu quasi toda a sua vida na villa de Lobão; d'onde lhe veio o appellido; porque o seu verdadeiro nome era Manoel de Almeida e Sousa. N'essa obscura villa viveu elle até

à idade de setenta e dois annos; fallecendo a 31 de dezembro de 1847. Ali adveugou, ali escreveu as numerosas obras, cuja lista seria demasiada extensa; mas que tanta luz derramam ainda hoje no estado das nossas antigas leis. Assim se entende outro jurisconsulto mais moderno, mas não menos illustre, Oodho da Rocha, que escreveu acerca de Sousa de Lobo as seguintes palavras: «Os seus muitos e variados escriptos, que comprehendem todas as partes da jurisprudencia, além das noticias solidas do direito romano e canonico, abundam em conhecimentos profundos da historia e das leis patrias, e sobre tudo da pratica do fóro; respiram extraordinaria leitura e asoção, e um gosto dos antigos praxistas.»

E, depois de lhe notar algumas incorrecções de fórma, termina dizendo: «...»

«Não obstante estes defeitos, as suas obras para o uso do fóro suppreem uma livraria.»

Elogio mais honroso não podia ser traçado por mais competente penha.

### FRANCISCO MANUEL DO NASCIMENTO

Mais conhecido pelo nome de Filinto Elyzio, este poeta notavel, teve uma vida atribulada; mas conservou no meio de todos os seus infortúnios, um desalago de genio que o tornou conversador ameno e alegre até no meio das suas contínuas queixas; e dos seus tímidos raios contra bultos e francezinhos, e bolundezos e murros, que tinham a cobardia de lhe excitarem as iras e de lhe desafiarem a veia morozca. O merito d'este poeta; como lyrico, foi; enquanto a nós, exaltado em demasia: Garrett quiz até apresental-o como o precursor do movimento romantico; mas é certo que Filinto, posto que vivendo no feco da revolução litteraria, sacrificou sempre aos deuses da sua mocidade; e protestaria indigna-

de se o accusassem de renege os seus nomes do Abreu, Inimigo ferrenho da corrupção da lingua, culto imitador dos latinos e dos quinhentistas: poeta cheio de talento e de iveres, nunca quisou comtudo arrantarse aos amplos horizontes do lyrismo da nova escola. O verdadeiro precursor do movimento romantico entre nós foi Bogaes e não Filinto. Nas cantatas d'aquelle presente-se a audacia e o fogo de Byron e de Victor Hugo: as boas odes de Filinto admittem comparação com os modelos antigos, mas estão bem longe de sondar novos caminhos.

Nasceu Francisco Manuel do Nascimento no dia 24 ou 23 de dezembro de 1734. Dedicou-se á vida ecclesiastica, mas algumas palavras imprudentes, denunciadas á Inquisição, torpam-n'o alvo dos rigores d'esse tribunal, rigores a que se esquivou, fugindo para Pariz no dia 4 de julho de 1778.

Passou o resto da vida no exilio, anxiando constantemente por voltar á patria, luctando muitas vezes com a miseria, e trabalhando, para viver, com de differente valor: desde os *Martyres* de Chateaubriand e o *Oberon* de Wieland até aos mais pifios romances da semsaborona escola dos fins do seculo passado.

Essas traducções teem differente mérito: a do *Oberon* é incontestavelmente a mais primrosea, é detestavel a dos *Martyres*, e das *Fabulas* de Lafontaine deixa muito a desejar, mas encerra grandes bellezas de linguagem. Apesar das suas affectações de purista, e d'alguns peccados contra a vernaculidade, que tambem commetteu: em que pese ao seu verbbrar constante de francelles e gallici-parlas, Filinto pôde-se considerar classico. A dureza da sua metrificacão prejudica-lhe os versos, mas não lhe podemos negar um verdadeiro mérito, sendo muito apreciáveis as suas odes e poesias familiares.

Encontrou Filinto no exilio um protector, Antonio d'Araujo, que o chamou para seu secretario na Hollanda, onde estava como embaixador portuguez. Ali residiu o poeta desde 1792

até 1797, sem se poderitábiazãt ao clima da Batavia e á indole dos batavos. Antonio d'Araxio tambem lhe abriu as portas de Portugal, mas Filinto insistendo, sem o conseguir, era que lhe fossem restituídos os bens confiscados, preferiu morrer no exilio; debrade por saudades da patria, a curvar-se a uma sentença que julgava injusta. O seu talento era muito apreciado em França: Traduzia-lhe Sané as poesias lyricas, dirigia-lhe versos Lamartine, louvava-o Villemain, e com tudo o glorioso vitho ambrsia: exilado e pobre, com 65 annos d'idade, no dia 25 de fevereço de 1849. O enterro foi feito á custa do marqúez de Marialva, nesse embaixador em Paris; vendeu-se por 12,000 réis o espolio que o poeta deixou! Os ossos de Filinto Elycio, transportados de Paris a Lisboa, com certa solemnidade, em 1842, repozam desde 1857 n'um tumulo mandado erigir pela camara municipal de Lisboa, no cimbletid de Alto de S. João.

### MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE

Nasceu em Setubal este grande poeta, a 15 de setembro de 1765. Era filho de José Luis Soares da Barbosa e de D. Marianna Joaquina Lestof du Bocage, senhora d'origem franceza. Cedo começou a madrugat em Bocage o talento poetico, e quando, em 1780, assentou praça de cadete no regimento de Setubal, já era conhecido entre os intimos da sua casa o seu engenho facil, e prompto. Em 1782 passou do exercito da terra para a armada com o posto de guarda-marinha; despachado em 1786 para o Ultramar com o posto de tenente d'infanteria, foi seguir no Oceano o resto do navio de Camões; do grande poeta a quem a sorte o equiparou ainda mais nos infortunios do que no genio.

Em Goa o seu talento satyrico causou-lhe alguns dissabores, sendo transferido para Damão, donde se ausentou furtivamente, indo ter a Macan, e voltandó d'ahi para Lisboa,

onde imperou em agosto de 1750. Em Lisboa em apressado de publico se lhe faham o animo e poeta e o marzilhoso imprevisto q. mas a sua vida desregreda não deixou tambem de lhe macolar o engenho. Accusado á policia e desta vez metido á Inquisição pela impiedade d'alguns dos seus versos, foi punido com brandura por esse tribunal, já então indolente. Saído da casa da Necessidades d'onde fôra condemnado a passagem a reclusão, Bocage reprimia em pouco os seus excessos, e occupou-se dos trabalhos importantes das traducções em verso de poemas estrangeiros, que lhe foram incumbidas pelo padre José Mariano Velloso. Mas a vida do trabalho e da familia não era para esta indolente foga; voltava ás fœcis orações do imprévisto, nos casos prezeres da ergia. Tudo isso lhe consumio rapidamente a existência, que terminou, entre os prantos de Lisboa inteira, chorando o seu poeta querido, no dia 21 de dezembro de 1805.

«O entusiasmo, disse eu algures, era a sua feição predominante e entusiastico, esse grande mundo moderno! Ao toque da sua fogosa phantasia tudo para elle se transformava em ody, lyrica e arrebatada: era uma ode a satyra, cáddi e ebulliente; era uma ode lo idyllio, em que parecia bulliar a seiva da primavera; uma ode a elegia, em que a musa soltuosa, delirante de dor, desregredava as tranças enroladas de goivos, e soluçava e gemia com a posse de Damartine prentando a morte de Julia; era uma ode sionica inimitavel o soneto, em que o pensamento, comprimido nos quatro versos de rigor, ainda mais sublime parece pelo modo por que vivencia a dificuldade; era uma ode admiravel a cantata, em que o estro, saltando o tpo, adivinhava os grandes vaptos da poesia de Byron e de Victor Hugo...

«O ardor do pensamento domava a sua sa lhe ao verso, que ninguém fez mais honoro, á phrase, que ninguém teve mais portuguez e mais nobre...

«As suas traducções são verdadeiras joias; lapidadas, fa-



cedas por este maravilhoso artista, pedras nem sempre da grande preço resplandeceram em portuguez como diamantes da mais pura agua; A versão das *Plantas* é uma transformação:

«Nascido trinta annos depois, continha em Bocage seria o primeiro poeta da Península, um dos primeiros da Europa; a sua vida fôra mais pura, porque seria mais considerado n'uma sociedade como a nossa, em que o talento é mais bem Assim, vivendo quando viveu, o seu espirito debata-se em aspirações; indecisas e em quedas; bem profundas. O corpo frágil não pôde com a lucta; succumbiu na estação que o fatalmente o opoheu da viridade.

«O estro de Bocage não era só luz, era chama; a sua vida foi um incendio: resplandeceu, deslumbrou, dançou e alió a tudo com o seu clarão purpúreo; mas devonou-se rapidamente a si mesma; e esse sol de poeta, que illuminou o seculo, meteora fugaz, desfez-se em cinzas.

### JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

Apesar da antipathia que provoca este poeta arbitrario e este folliculario virulento, detractor de Camões e imitador de todas as glorias suas contemporaneas, tão se lhe póde negar talento e erudição, que de direito lhe dão entrada na historia da litteratura portugueza. Nasceu em Beja no dia 11 de setembro de 1761, vestiu o habito dos agostinhos em Lisboa em 1778; mas o seu mau procedimento e os seus costumes desregrados, depois de lhe attrairem frequentes correções, obrigaram os seus reverendos confrades a despiem-lhe o habito ignominiosamente, expulsando-o do convento no dia 11 de fevereiro de 1792. Obteve contudo em Roma um breve de secularisação, que lhe permitiu continuar no estado ecclesiastico, mas como simples presbytero. Começou a adquirir grande reputação de pregador. Entrando

na vida litteraria, revelou o seu talento e a variedade de seus conhecimentos; mas, envolto constantemente em luctas quotidianas com os seus collegas, principalmente com Bocage, rebaixou a musa grave da *Meditação* a ponto de lhe fazer descantar os versos ignóbeis do poema dos *Barros*. Quando, depois da revolução de 1820, principiaram em Portugal as luctas politicas, José Agostinho de Macedo lançou-se na contenda, e tornou-se terrível pela mordacidade da sua veia e pela licenciosidade do seu estylo.

Odiado pelos seus adversarios, pouco estimado pelos seus amigos, mas ainda assim considerado pelo seu indisputavel talento, morreu José Agostinho de Macedo em Pedroços no dia 2 de outubro de 1831.

Não temos talvez outro escriptor mais copioso; o simples catalogo das suas obras occupa no *Dictionario* do sr. Innocencio de pag. 185 a 215 do volume 4.º Poucas sobreviveram contudo na estima da posteridade. Poeta muito mais pela arte, do que pela natureza, José Agostinho de Macedo, infeliz na epocá, acerca da qual se pode ler, na *Censura dos Lusíadas*, quanto eram acanhadas as suas idéas, escreveu poemas didacticos dignos de leitura, e a *Meditação* e o *Newton* aberram incontestavelmente muito valiosos trechos. No proprio *Oriente*, em que pretendia vencer Camões, ha oitavas que não são para desprezar; mas a grande inspiração é que lhe falta sempre.

## GOMES FREIRE D'ANDRADE

Victima d'um despotismo aviltador para a nossa patria, este distincto general, que tanto honrou o nome portuguez nos exercitos estrangeiros, merece as sympathias da historia e a veneração que se deve aos martyres. Descendente d'uma illustre familia, que entre os seus membros contára Jacintho Freire d'Andrade, o biographo de D. João de Castro, nasceu

em Niehna d'Austria; onde seu pae, Ambrosio Freire d'Andrade e Castro, era nosso embaixador, no dia 27 de jarchto de 1759. Em 1782 era alferes no regimento de Peniche; passando do exercito para a armada de mar, fez a sua primeira campanha n'uma expedição contra os argelinos emprehendida por Hespanha e Portugal em 1784. Com a nossa patria estava entao em plena paz, e Gomes Freire ardio em desejos de ganhar gloria, foi servir como voluntario nos exercitos da Russia contra os turcos, em 1788. Assistiu á tomada d'Osakof, e tanto ali se distinguir que a imperatriz Catharina II deu-lhe uma espada d'honra, a cruz de Si Jorge, e o posto de coronel no exercito russo. Coronel estava elle tambem em Portugal, porque fora sempre substituo os postos: n'essa qualidade fez a campanha do Alentejo, portando-se com um valor e um tacto militar, que os proprios Hespanhoes, nossos alladós, apreciaram.

Em 1796 era marechal de campo; em 1801 commandava o exercito de Traz-os-Montes, quando sobreveio a invasão, que elle ainda repelliu na fronteira, cuja defesa lhe competia. Em 1807, quando Junot entrou em Portugal e organizou a legião lusitana, lá foi Gomes Freire para França, privando-o o destino de defender a sua patria, mas nas fileiras francezas mostrou-se digno do paiz que representava, e mereceu que o imperador o tivesse em muita conta. Ao findar a guerra europea, entrou em Portugal, muito mal visto pelos proconsules inglezes, que nos governavam como se fossemos paiz conquistado. A prematura conspiração libberal de 1817 deu a Beresford pretexto para se desembaraçar d'um general que o incommodava, porque, possuindo as sympathias do exercito, fazia uma tacita opposição. Com a sua vida retirada e grave, ao regimen britannico. Implicado, justo ou injustamente, no processo dos conjurados, foi condemnado á pena ultima; e até os seus algozes lhe negaram a morte do soldado, porque na forca expirou no dia 10 d'ou-

talho de 1817 na torre de S. João da Barra, sendo queimado o seu corpo, e as cinzas lançadas ao mar!

— **MARQUEZA D'ALORNA** —

Esta illustre poetisa, que tambem foi platora apreciavel, escreveu este livro, ameno, limpido e essencialmente femininissimo, tanto se compraz na descripção da natureza, na expressão dos affectos, e no trato intimo dos grandes poetas estrangeiros, que interpretou admiravelmente, foi ao mesmo tempo um d'aquelles encantadores espiritos do século XVIII, que tanto abundaram em França, que tinham nas suas lozinas sorriso, que se deleitavam com lindas frivolidades, mas que sabiam atravessar os revezes com varonil coragem, e soffrer os martyrios com angelica resignação.

D. Leonor d'Almeida Portugal da Lorenã e Lancastre nasceu em Lisboa no dia 31 d'outubro de 1750. Era filha do segundo Marquez d'Alorna e quarta conde d'Assumar, e de D. Leonor de Lorenã. Tornou-se a sua familia supeita a Marquez de Pombal, depois da conspiração dos Alagos, foi a Marquez d'Alorna preso no forte da Junqueira, e a Marquez e a sua filha recolhidas no convento de Chellas. Ali correu a primeira mocidade da illustre poetisa, pois já contava vinte e seis para vinte e sete annos, quando o marquez de Pombal abriu a seu pae as portas do carcere, e a ella a sua mãe, as do convento, entrando D. Leonor na sociedade, que não conhecia, em plena formosura, já celebre pelos numerosos versos que compozera em Chellas, e que atraíam a grade e aqs oiteiras todos os poetas do tempo, e ainda mais affimada pela constancia de que deu provas no convento, chegando a affrontar com a serenidade d'uma adolecencia irrepugnada as iras do terrivel Pombal.

Em 1779 desposou D. Leonor, conhecida no mundo poetico pelo nome d'Alippe, o conde d'Oeynhausen, e Allemao

ao serviço português. Nomeado por influencia d'ella, estabbe-  
 zador em Vienna d'Austria, partiram para o seu destino,  
 mas pouco tempo depois regressou a condessa a Portugal,  
 por falta de saúde, e elle obteve a honra de a acompanhar.  
 Em 1798 morreu-lhe o marido. Viveu alguns annos a  
 marquezesa retirada, até que, prevenido em 1807 na proxima  
 invasão de Portugal pelos Francezes, emigrou para Inglaterra,  
 e ali residiu, com intervallos, até 1844, e tratando  
 muito intimamente com a famosa M.<sup>o</sup> de Staël. Em 1843  
 succedeu a seu irmão, que morreu em Draxto, sem deixar  
 filhos, no marquezado d'Alorna, e condado d'Assumar; logo  
 depois voltou a Portugal e aqui passou os ultimos dias da sua  
 vida, tratada com a maior consideração por todos os seus  
 ramos. Morreu no dia 14 d'outubro de 1839, sob a realeza  
 de D. João V. Além de muitas poesias soltas, e suavissimas, compoz a  
 marquezesa d'Alorna um poema intitulado *Recreações botâni-  
 cas*, e traduziu (admiravelmente Pope, Wieland, Cronckly,  
 Goldsmith, os Psalmes, e um pouco das Estações de Theophrastus).  
 Os poetas seus contemporaneos, inspirados pelo seu  
 talento, e pela sua formosura, cantaram-a com enthusiasmo,  
 e o vulto gentil d'Alcippo, envolto nas nuvens d'incenso dos  
 thyrribulos dos seus adoradores, apparece-nos como uma  
 das mais graciosas encarnações d'aquelle geração, frivola mas  
 encantadora, que precedeu a geração revolucionaria.

### JOSE DA SILVA LISBOA

José da Silva Lisboa, nascido no Brasil na cidade da Bahia, a 16 de julho de 1756, foi distincto economista, notavel orador politico, e verdadeiramente o fundador do direito mercantil em Portugal, sendo ainda hoje o tratado que escreveu consi-  
 derado o fundamento dos progressos que fez n'este seculo essa parte importante da jurisprudencia. Passando para Portugal em 1782, frequentou a univer-

sidade de Coimbra e logo revelou a sua intelligencia que foi provido, antes de completarem os cursos nas cattedras de grego e hebraico, jubilando-se em 1797, para ir ao Brazil, provido n'um cargo importante da administração da colônia. Foi em 1801 que publicou o seu celebre tratado de *Direito mercantil*, e em 1804 os seus *Principios d'economia politica*, sciencia que se pôde dizer n'essa época q'era nascolta, e q'de logo enconterou em Portugal tão distintos talentos, como José da Silva Lisboa, e José Joaquim d'Azere do Coutinho, bispo d'Elvas, ambos oriundos de Brazil. Em 1808 o governo do príncipe regente D. João, que se transferiu para a America por causa da invasão de Junot, encontrou com admiração em José da Silva Lisboa um homem benebedor dos mais intrincados problemas de administração e economia social. Quis-a com deferencia, e a elle se deve o decreto que abriu os portos de Brazil ao commercio estrangeiro. José da Silva Lisboa era partidario decidido do commercio franco, e soube fazer triumphar as suas idéas. Amigo pessoal do príncipe D. Pedro, tomou parte com elle no movimento que fundou o imperio brasileiro independente. Feito pelo novo soberano senador e visconde de Cayrú, defendeu com energia na tribuna as suas idéas liberais em economia politica. Pelejando sempre com a palavra e com a penna, morreu, para assir dizermos, na brecha a 20 de agosto de 1835, na cidade do Rio de Janeiro, legando a Portugal e ao Brazil mais um nome illustre para inscrever na lista dos seus homens notaveis, e mostrando, pelos seus estudos especiaes, em que tanto se distinguiu, que não ha ramo dos conhecimentos humanos em que os filhos d'esta nobre terra não tenham dado provas da actividade e da viveza do seu espirito.

FELIX D'AVELLAR BRÓTERO

A 15 de novembro de 1744 nasceu em Santo Antão do

Tojal este celebre botanico portuguez. Abraçando o estado ecclesiastico, recebendo até a ordem de diacono, foi nomeado, por concurso, capellão cantor da patriarchal de Lisboa.

Pérséguido pela Inquisição, fugiu para França no mesmo anno em que o poeta Filinto Elyσιο, pelo mesmo motivo, deixava a patria. Foi no exilio que se entregou ao estudo das sciencias naturaes, e que se graduou em medicina na universidade de Reims. Dedicando-se especialmente á botanica, escreveu um compendio que lhe deu grande nome, e em repetidas viagens scientificas enriqueceu os catalogos com mais de cem especies de plantas.

A reputação européa de Felix d'Avellar Brotero obrigou o governo portuguez a impôr silencio aos odios fanaticos, e a chamar o illustre proscripto para a cadeira de botanica na universidade de Coimbra. Jubilado em 1811, veio tomar conta da direcção do museu e jardim botanico da Ajuda. Foi deputado ás côrtes de 1820, e, depois d'uma curta passagem pela vida politica, voltou ao retiro da sua existência estudiosa, até que falleceu no dia 5 d'agosto de 1828, tendo de idade 84 annos.

Escreveu várias obras scientificas, entre as quaes devemos contar principalmente o *Compendio de Botanica* e a *Flora Lusitana*. Portugal, não opulento de grandes nomes scientificos, deve ufanar-se de ter sido patria de Brotero, que a Europa reverencia como um dos mais illustres botanicos dos tempos modernos.

## LUIZA TODI

Faltava-nos n'este pequeno volume um nome illustre na arte scenica, tão nobre e nobilitadora como as outras. Parecia que não tinhamos quem oppôr á Baroa ou a Adriana Lecouvreur, á Farinelli ou á Gabrielli. Como assim não succede, inscrevamos n'esta galeria o nome d'uma mulher notável, que

foi a um tempo grande actriz e grande cantora, que applaudiram todas as grandes capitaes da Europa, e a quem um grande escriptor estrapeiro não duvida chamar a primeira artista lyrica de todos os seculos, porque o seu methodo é o unico digno de applauso, e que todos os que se desviarem d'elle só poderão conseguir os triumphos ephemeros da moda.

Luiza Rosa d'Aguiar nasceu em Setubal no dia 6 de janeiro de 1753; estreiou-se, muito nova ainda, com suas irmãs Cecilia e Isabel, no theatro do Bairro-Alto em Lisboa, fazendo papeis de lacaia nas comedias entremeadas de canto que ali se representavam. Pareca que n'essa musica facil revelou a sua vocação, porque vamos encontral-a em 1772, em Londres, já casada com um violinista italiano Francisco Xavier Todi, e cantando em publico, mas sem produzir grande effeito. Com um estudo de cinco annos, aperfeçoou-se de modo que voltou a Londres, já precedida de boa reputação, em 1777. N'esse mesmo anno cantou em Madrid uma opera de Paesiello, causando verdadeiro enthusiasmo. Em 1778 estava em Pariz, onde merecidos applausos a coroaram no concerto espirital e nos concertos da rainha Maria Antonieta, impressionando sobretudo os ouvintes pela doçura da sua voz e pela ineffavel expressão do seu canto. Veiu depois a Lisboa enthusiasmar os seus compatriotas, voltando a Pariz em 1781, e passando depois a Berlim onde cantou em presença de Frederico II, que em duas épocas diferentes lhe deu provas de grande apreço.

Começou então o seu giro triumphal pela Europa. Percorreu a Allemanha, voltou depois a Pariz, onde encontrou uma rival, a cantora Mara, que tinha numerosos admiradores, não sendo mais diminuto o sequito da artista portugueza, de fórma que a lucta entre *maratistas* e *tadistas* ficou celebre na historia musical. A Todi reunia porém ás suas qualidades de cantora eminente predicados de actriz, de fórma que



exoitava em scena mais espontaneo enthusiasmo, conseguindo o grande triumpho, a que devem aspirar todos os artistas, a commoção sincera do publico.

Não seguiremos a artista portugueza nas suas digressões pela Europa, na sua viagem a S. Petersburgo, onde viveu na intimidade de Catharina II da Russia, na sua volta a Paris, pouco antes de começar a revolução, na sua viagem á Italia, onde a terra classica das artes a hospedou com deferente enthusiasmo; iremos encontra-la na sua volta a Lisboa em 1793.

Regressava á patria para descansar; cantou aqui, porém, parece que mais por obsequio do que por escriptura, e de subito desapareceu da scena. Uma grande fatalidade a fulminara; perdera a vista, e, cega, quasi olvidada, arrastou a gloriosa actriz os ultimos annos da sua vida, até que falleceu em Lisboa no dia 1 de outubro de 1833.

Poisou o esquecimento na campa da mulher, que tantos loiros vira a seus pés. Ella que soubera conquistar os applausos dos grandes e dos humilhes, dos sabios e dos ignorantes, ella que impressionára e commovêra uma geração inteira, morreu quasi esquecida, porque estas glorias de theatro teem tanto de brilhantes, como de ephemeras.

Sigamos porém os romeiros piedosos, que foram poisar flores n'esta campa, e registremos o nome da portugueza illustre que soube traduzir admiravelmente, com a sua voz divina, melodias immortaes, e que deu relevo, com o seu talento, ás obras dos grandes mestres.

## DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

Este pintor, e mais distincto de que Portugal se ufana, e decerto o primeiro da Europa no seu tempo, mereceu que o conde Raczinski, juiz pouco indulgente, o collocasse a par de Rembrandt, não em todos os seus quadros, mas n'aquelles

em que mais completamente se manifesta o seu talento artistico.

Alma de fogo, agitada por uma violenta inspiração, procurando em todas as maneiras artisticas a nota por onde affinasse a harmonia intima que lá dentro lhe cantava, Domingos Antonio de Sequeira foi pintor muito desigual, deixando obras mediocres a par de verdadeiras obras-primas; porém alguns dos seus quadros, principalmente os que compoz em Roma na ultima época da sua vida, a *Adoração dos magos*, a *Descida da cruz*, o *Calvario* e a *Ascensão*, fazem d'elle decididamente um d'esses astros que, agrupando-se pela successão dos seculos, formam no ceo da arte a constellação dos grandes genios.

A sua vida, da mesma forma que o seu talento, foi agitada pelo seu espirito inquieto. Nasceu em Belem no dia 10 de março de 1768, de paes pouco favorecidos dos bens da fortuna. Foi um dos primeiros que frequentaram a escola de desenho aberta em 1781, e teve por mestre da pintura um artista mediocre, chamado Francisco de Sebal. Protegido pelos marquezes de Marialva, foi estudar a Roma, percorreu a Italia e voltou a Portugal em 1796. Vendo a arte perdida na sua patria, o gosto publico estragado, foi acommettido por tal accesso de desanimacão que se recolheu ao convento do Bussaco. Felizmente valeu-lhe Dr. Rodrigo de Sousa Coutinho, que lhe obteve a nomeação de primeiro pintor da corte com o ordenado de dois contos de réis annuaes.

Em 1814 foi encarregado dos desenhos da sumptuosa baixela que o governo portuguez offerencia a lord Wellington; em 1820 tomou certo enthusiasmo pela revolução liberal; em 1823, temendo ser perseguido pela reacção, partiu para Paris; ali compoz um dos seus melhores quadros, a *Morte de Camões*; em 1826 foi para Roma, onde produziu, como já dissemos, as obras mais completas da sua carreira artistica, e onde morreu no dia 7 de março de 1837.

## VIEIRA PORTUENSE

Natural do Porto, como prova o appellido, pelo qual se distinguia do seu homonymo Vieira Lusitano, Francisco Vieira, primeiramente discipulo de seu pae, foi depois estudar a Roma com uma pensão autorizada pela companhia dos vinhos do Alto-Douro. Partiu em 1769 para a cidade eterna, onde teve por mestre Domingos Conti; em 1791 estava em Parma; em 1794 de novo em Roma, d'onde saiu em 1797 para fazer uma viagem á Allemanha. Da Allemanha voltou a Roma, onde se ligou pelos laços d'amizade com o gravador Bartolozzi, que lhe gravou muitos dos seus quadros. Ahi pintou *Viriato*, a *Descida da Cruz*, e *Nossa Senhora da Piedade*. Em 1802 casou em Londres tambem com uma italiana parente de Bartolozzi; n'esse annó foi nomeado director da Academia do Porto, e ainda n'esse mesmo anno chamado para exercer, juntamente com Domingos Antonio de Sequeira, o cargo de primeiro pintor da corte. Sentindo-se prostrado pelo trabalho, foi para a Madeira, por conselho dos medicos, e ahi morreu em 1805, d'idade apenas de 39 para 40 annos, tendo nascido em 1766.

Eis o que diz o conde Racziński, a respeito d'este malogrado artista:

«Vieira era contemporaneo e emulo de Sequeira. Estava longe de ter tanto talento como este ultimo; em troca era incapaz de commetter os erros que este commettia. Sequeira, na maior parte dos seus grandes quadros, fêre o gosto, o que nunca Vieira fez nas suas modestas tendencias. Vieira era fiel ao estylo historico e religioso; inspirava-se com os exemplos dos Italianos. Sequeira tirava da sua alma ardente novas inspirações, e não escolheu a direcção que melhor convinha ás suas composições artisticas, senão depois de ter vagueado pelos mais oppostos caminhos; depois d'um combate, ia quasi

a dizer um tormento interior, que se prolongou n'elle durante sessenta annos. É digno de se notar que foi n'uma idade muito avançada, e quando os seus sentimentos se tornaram religiosos, que o seu genio desferiu possante vôd. Vieira nunca chegou a tamanha altura, e duvido que, ainda que a sua carreira fosse mais longa; se tivesse elevado mais; mas as suas tendencias sempre foram egualmente louvaveis, e os seus resultados sempre satisfactorios.

### MARCOS ANTONIO PORTUGAL

Ainda que seja a musica de todas as bellas artes aquella em que menos os portuguezes se distinguiram, não deixámos contudo de ter alguns maestros notaveis, avultando entre elles um que pôde affoitamente ser collocado a par dos mais eminentes do seu tempo. Não-o dizemos por orgulho nacional, é o próprio Fétis, julgador severissimo, quem presta essa homenagem ao nosso compatriota Marcos Antonio da Fonseca Portugal.

Nasceu em Lisboa no dia 24 de março de 1762, e, mostrando muita vocação para a musica, foi por seus paes mettido no seminariô patriarchal, onde se apprendiam os elementos d'essa arte. O seu talento revelou-se d'um modo notavel, fructificando com as lições de João de Sousa Carvalho, também compositor distincto. Os primeiros ensaios do juvenil Marcos, todos de musica religiosa, foram muito applaudidos, e o futuro autor de tantas lindas operas, sentindo em si o fogo da inspiração, e desejando desenvolvê-lo na Italia, a sacra mãe das artes, conseguiu altas proteções, que lhe permittiram passar á formosa peninsula em 1787.

Voltando á patria em 1790, de novo tornou á Italia em 1791, e ali se demoreou até 1799. Em Lisboa já adquirira notavel reputação, a Italia sancionou-lh'a, e ampliou-lh'a co-roando-lhe em Parma, Venesa, Milão e Roma as suas diffe-

rentes operas, ou sérias ou burlescas, entre as quaes se distinguem no genero comico *Il principe de Spazzacchino*, e no genero dramatico *Demofonte* e principalmente *Fernando in Messico*:

Em Portugal, e no theatro de S. Carlos, então fundado de novo, fez representar com exito muitas das suas operas, e exerceu o logar de compositor do theatro, juntamente com o de mestre da capella régia e director do seminario de musica. Em 1810 passou ao Rio de Janeiro onde falleceu no anno de 1827.

Marcos Antonio Portugal tambem se distinguiu na musica sacra; o seu genio vivo e prompto inflammava-se com todas as inspirações, e tinha para cada riso, para cada lagrima, para cada extasi uma melodia propria e original.

### MANUEL FERNANDES THOMAZ

Os homens da revolução de 1820 merecem os respeitoes de todos, amigos ou adversarios, porque, puros d' excessos, foram os primeiros que tentaram aclimatar no solo portuguez as idéas novas, verdadeiramente santas e justas; porque, abolindo o privilegio e a oppressão, faziam com que um povo inteiro se curvasse apenas a uma autoridade sagrada — a lei, que é a expressão da vontade unanime de todos os membros da sociedade.

Se foram ou não utopistas, se applicaram com demasiada pressa, n'um paiz que não estava preparado para as receber, as theorias que os tinham enthusiasmado nos livros, é o que nos não cumpre indagar; basta sabermos que foram sinceros e que, sejam quaes forem as fórmãs de governo que mereçam as nossas sympathias, devemos venerar n'elles ou a iniciação dos principios liberaes, ou o livramento de Portugal do jugo da Inglaterra, que sorrâteiramente nos ia avasalandando.

Muitos homens illustres surgiram então, muitos oradores eminentes tomaram a palavra n'essa tribuna, que, segundo assevera M. Chapelain, deu, por algum tempo, lições á Europa. Na impossibilidade de os commemorar a todos, escolhemos um dos seus vultos mais sympathicos, e decerto dos mais grandiosos, para lhe prestarmos a homenagem, que igualmente compete a Borges Carneiro e a outros não menos illustres.

Manuel Fernandes Thomaz nasceu na villa da Figueira a 30 de junho de 1771. Formou-se em leis na universidade de Coimbra. Em 1801 era juiz de fóra d'Arganil; exerceu outros cargos importantes, até que em 1817 foi nomeado desembargador da relação do Porto. Foi elle, com José Ferreira Borges e José da Silva Carvalho, que preparou o movimento revolucionario de 1820. Membro da junta provisoria do governo, e deputado ás côrtes, distinguia-se como orador e publicista n'essa época procelosa, morrendo a 19 de novembro de 1822. Mais feliz que os seus collegas, pôde expirar com a convicção de que deixava fundada a liberdade sem que se derramasse uma gota de sangue; mal previa elle as procellas que ainda tinham de se desencadear em volta do edificio que levantara com tanto amor; que um passeio militar o derrubaria d'ahi a mezes, e que só á força de trabalhos e de sacrificios a mão energica de Mousinho da Silveira e dos seus collegas havia de erguer novamente.

## FR. FRANCISCO DE S. CARLOS

Poeta religioso notavel, prégador de fama, nasceu fr. Francisco de S. Carlos no Rio de Janeiro a 13 d'agosto de 1763. Entrou d'idade de 13 annos na ordem seraphica professando no convento da provincia da Conceição. Distinguindo-se muito nos seus estudos, foi enviado em 1782 para o convento de S. Boaventura na villa de Macacú, austero asylo onde os seus

dotes naturais, se desenvolveram com a leitura e a meditação.

Voltando ao Rio de Janeiro, adquiriu logo fama de grande pregador, sendo em 1801 nomeado professor d'eloquencia sagrada, e em 1809 escothido para pregar em presenca da familia real portugueza, que chegava á capital brasileira, vindo da Babilonia, onde residira desde 1807.

O príncipe regente nomeou-o pregador da capella real. Cercado da estima e veneração de todos, a sua existencia correu tranquilla, longe do bulicio do mundo, até que falleceu, a 6 de maio de 1829, d'idade de 66 annos.

O mais primoroso fructo d'esta vida contemplativa foi o poema da *Assumpção*, desabrochado na solidão do claustro, e em que a sua imaginação radiante espalhou profusamente as mais esplendidas tintas da sua palheta, empregando-as todas em adornar esse quadro religioso, que, pela poesia das imagens, pela belleza das descripções, rivalisa com a *Messias* de Klopstock, ainda que lhe seja inferior na concepção, como lhe é inferior no assumpto.

Restam-nos impressos alguns dos seus sermões, que justificam a fama de que no seu tempo gosou, e que nos revelam um orador em cuja serena eloquencia se espelha sempre o céu que elle via nos seus extasis beatíficos.

## JOSÉ BONÍFACIO D'ANDRADA E SILVA

Ufana-se o Brasil de ter dado o ser a este homem illustre, sabio notavel, distincto poeta, eminente estadista e um dos fundadores da independencia brasileira. Nasceu na cidade de Santos, na provincia de S. Paulo, no dia 13 de junho de 1763. Era filho do coronel Bonifacio José d'Andrada e de sua mulher D. Maria Barbosa da Silva. Veiu á metropole, para se formar em Coimbra na faculdade de direi-

to, o que effectivamente realisou; mas o duque de Lafões, conhecendo a vocação do illustre brasileiro para as sciencias naturaes, em cuja faculdade tambem se formára, propôo para socio da Academia Real das Sciencias, e obteve que o governo lhe dêsse uma pensão para fazer na Europa uma viagem scientifica. Foi o seu talento muito apreciado lá por fóra, e memorias importantissimas revelam o fructo que tirou dos seus estudos e viagens. Recolhendo-se a Portugal, foi nomeado intendente das minas, e lente d'uma cadeira de metallurgia novamente creada. Quando os francezes invadiram Portugal, José Bonifacio pegou em armas e defendeu valentemente a patria dos seus antepassados. Antes de tornar ao Brasil, ainda foi intendente de policia da cidade do Porto; voltando emfim á sua terra natal em 1819, ali se achava quando rebentaram as discordias entre a metropole e a colonia; concorrendo elle não pouco para que essas discordias se transformassem em separação definitiva. Não lhe queirámos mal por isso; José Bonifacio pugnava pela independencia da sua patria, mas o seu talento e a nobresa do seu character não deixam por isso de honrar a grande familia portugueza.

Proclamada a independencia do Brasil nas margens do Ypiranga, no dia 7 de setembro de 1822, foi José Bonifacio eleito deputado ás côrtes do novo imperio, e nomeado ministro pelo novo imperador. As luctas politicas, inseparaveis do berço das instituições, obrigaram-n'o a emigrar, partindo para França, vivendo em Bordéos, até 1829, entregando-se ao tracto das musas e a outros estudos predilectos. Chamaram-n'o de novo os seus concidadãos, que reconheciam emfim os grandes serviços que lhes prestára. O seu regresso foi verdadeiramente triumphal. No paiz que tanto amava e lhe devia tanto, lhe correram os ultimos dias, venerado por um povo inteiro, que lhe chamava o patriarcha da liberdade. Morreu a 6 d'abril de 1838.



Sabto illustre, as suas poesias são também cheias de finura. Escreveu-as, segundo o uso introduzido pelos Arcades, debaixo do nome pastoril d'Americo Elysio.

### D. FR. FRANCISCO DE S. LUIZ

Conhecido no seculo pelo nome de Francisco Justiniano Saraiva, nasceu o futuro patriarcha de Lisboa, no dia 26 de janeiro de 1766, na villa de Ponte de Lima. Era filho de Manuel Saraiva, e de D. Maria Correia de Sá. Professou em janeiro de 1782, vestindo o habito benedictino; frequentou depois em Coimbra o curso de theologia, doctorou-se em 1791, em 1794 foi eleito socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e em 1807 nomeado professor de philosophia no collegio das Artes. Por isto se pôde ver quantô eram geralmente reconhecidos o seu alto engenho e a sua alta erudição.

D. Fr. Francisco de S. Luiz acolheu com favor as opiniões do seculo, no que ellas tinham de justo e compativel com a pura religião de que era sacerdote. Isto naturalmente o indigitava á escolha dos fautores da revolução de 1820, que o nomearam membro do governo provisorio instituido no Porto. Fez parte egualmente da regencia eleita pelas côrtes em 1821; em 1823 foi eleito deputado, e da camara dos deputados foi também presidente em 1826 e em 1834. Reitor da universidade, ministro d'estado, bispo de Coimbra, e cardeal patriarcha de Lisboa, D. Fr. Francisco de S. Luiz exerceu, como se vê, as mais altas funcções da hierarchia civil e ecclesiastica, padeceu, como todos os homens publicos, nas vicissitúdes da agitada politica d'este seculo, mas os ocios forçados, a que por vezes o condemnou a situação perigosa do partido liberal, aproveitou-os elle estudiosamente, com investigações historicas, litterarias, archeologicas e linguisticas, de cujos proficuos resultados dão amplo testemunho as muitas obras

que deixou escriptas em varios ramos dos conhecimentos humanos, e cuja copiosa resenha eacheria todo o artigo que lhe podemos consagrar.

Posto que nem sempre seja escrupulosamente exacto nas suas investigações historicas, principalmente nas que dizem respeito ás navegações e conquistas dos Portuguezes, ainda que o paradoxo o seduzisse a ponto de defender com argumentos inadmissiveis, no estado a que chegou no presente seculo a sciencia philologica, a origem celtica da lingua portugueza, ha tanto a aproveitar nos magnificos estudos que traçou e desenvolveu com indefessa actividade, que podemos affoitamente venerar no patriarcha um erudito de primeira ordem, e um incansavel defensor da pureza da nossa lingua, e das glórias do nosso passado.

Morreu este illustre varão em Marvilla, no dia 7. de maio de 1845.

### JOÃO PEDRO RIBEIRO

Ha em todas as litteraturas um certo numero d'homens que a historia litteraria a maior parte das vezes olvida, e que merecem contudo o respeito e a estima da posteridade. São os eruditos, mas os eruditos profundos, e não os que investigam cuidadosamente doctas frivolidades. São em França os Mabillons, os Ducanges, pouco apreciados durante a vida, mas sem os quaes nunca no seculo actual se poderia ter fundado a moderna sciencia historica. São entre nós homens como Antonio Caetano do Amaral, fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, verdadeiros precursores do estudo sério da historia, iniciado em Portugal pelo genio robusto de Alexandre Herculano.

D'esse grupo d'homens prestantísimos é sem duvida o mais notavel João Pedro Ribeiro, appellidado o pae da diplomatica, porque foi elle verdadeiramente o fundador d'es-

sa sciencia em Portugal. Tendo nascido no Porto a 23 de Maio de 1757, tambem morreu n'aquella cidade a 4 de Janeiro de 1839. A sua longa vida de mais de 80 annos applicou-a toda ao estudo e a laboriosas e proveitosas investigações. Sacerdote, doutorado em canones pela universidade de Coimbra, lente de diplomatica na mesma universidade, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, não cessou um instante d'estudar com affincos os pontos mais arduos da historia da civilisação portugueza, deixando a outros de genio mais possante o entrarem com o facho da philosophia nas sendas por elle desbravadas. Os resultados do seu improprio trabalho andam consignados nas *Dissertações chronologicas e criticas sobre a historia civil e ecclesiastica de Portugal*, e em grande numero de memorias e opusculos valiosos, relativos a varias questões historicas, e não tanto da historia dos factos, como da historia dos costumes, da legislação e de muitos outros pontos importantes, que os velhos chronicistas desprezavam, e que os modernos historiadores julgam os mais dignos de serem estudados com amor e affincos.

### SILVÉSTRE PINHEIRO FERREIRA

Este nome não é só portuguez, é europeu. O publicista notavel, o sabio philosopho, parece que ainda hoje os estrangeiros o citem como auctoridade em todas as questões que tratou com rara proficiencia, em livros escriptos na lingua franceza. As suas obras de direito administrativo são lá por fóra acatadas como de mestre, e o nome de Pinheiro Ferreira fulgura como um dos factos da sciencia contemporanea.

Nasceu Silvestre Pinheiro em Lisboa no dia 31 de dezembro de 1769. Cursou as aulas da congregação do Oratório, e onseu, ainda adolescente, repletar um sabio venerado em Portugal, o padre Theodoro d'Almeida. Parece que

o moço audacioso não foi vencido na contenda, porque se suspeita que aos odios motivados pela dissecação que escreveu, refutando algumas opiniões do padre, se deve attribuir a sua saída da congregação.

Silvestre Pinheiro passou a professar philosophia no collegio das artes de Coimbra, cuja cadeira obtivera em concurso; o que tambem lhe acarretou perseguições, que o moveram a retirar-se do reino, porque o seu espirito, naturalmente innovador, não se prestou a acanhar-se nos estreitos moldes d'uma philosophia fiscalizada pelo santo-officio. Foi para Inglaterra e d'ahi para a Hollanda, e finalmente para Paris, onde o embaixador portuguez, o illustrado Antonio d'Araujo, o escolheu para secretario da sua legação. O seu merito era já tão geralmente reconhecido; que, voltando a Lisboa, o nomearam official da secretaria dos estrangeiros.

Encarregado da legação de Berlim, foi-o depois da dos Estados Unidos. Rebentou então a revolução de 1820, e D. João vi chamou Silvestre Pinheiro ao ministerio, como penhor que dava aos seus subditos de que adoptava sem restricções as idéas novas por elles proclamadas.

Não o seguiremos nas regiões procelosas do poder n'essa época, e iremos encontral-o em Paris, para onde partiu em 1823, e onde, escrevendo em francez as suas obras politicas, adquiriu essa fama européa, de que fallámos, e que é uma auréola para o seu nome, e para Portugal uma gloria.

Em 1842 foi eleito deputado, e veio tomar assento nas camaras portuguezas, que o acolheram com veneração, como a um dos patriarchas da liberdade, a um d'esses vultos venerandos, perante os quaes se inclinam as facções e veem expirar as rivalidades e as mesquinhas das luctas quotidianas.

Quatro annos depois, no dia 1 de julho de 1846, fallecia Silvestre Pinheiro Ferreira, um dos homens eminentes do nosso seculo, e um d'aquelles de que mais justamente se péde glorificar a nossa patria.

## MOUSINHO DA SILVEIRA

A nossa tarefa tornar-se-lia difficil, ao aproximarmo-nos dos nossos tempos, se não tivéssemos toda a cautella em não ferirmos os sentimentos de qualquer dos partidos politicos do paiz. Os homens para quem, ainda verdadeiramente não começou a posteridade imparcial, excluímos-os despidosamente, por muito illustres que os supponhamos. N'este Pantheon apenas damos entrada aos que já são indiscutíveis; Mousinho da Silveira é um d'esses, porque as reformas a que ligou o seu nome, e que transformaram a sociedade portugueza, todos as applaudem, vencedores e vencidos, porque, se ainda ha em Portugal divergencias dynasticas, ou varias opiniões sobre a fórma de governo que nos convem, nenhuma voz se levanta para defender os vicios do antigo regimen, debaixo do ponto de vista social, e foram esses vicios os que Mousinho da Silveira extirpou com mão vigorosa.

Nasceu Mousinho da Silveira em Castello de Vide, no Alemtejo, a 12 de julho de 1780; frequentou a universidade de Coimbra, formou-se em leis, serviu differentes logares da magistratura, foi ministro da fazenda d'el rei D. João VI a 28 de maio de 1823, e, quando D. Miguel cingiu a corôa, emigrou, sendo chamado por D. Pedro ao-ministerio, no dia 3 de março de 1832, e, sem demora, primeiro na Terceira, logo no Porto, decepou, umas apoz outras, com leis de sua iniciativa, as mais abusivas instituições da antiga sociedade. Uma série de decretos, promulgados em 1832 e rubricados por Mousinho da Silveira, derribaram os poderes andaimos em que se esteiava um edificio oppressor.

«Liberdade da terra, diz o sr. Rebelo da Silva resumindo o pensamento das trez leis mais notaveis, liberdade de trabalho, e realidade das instituições constitucionaes! Foram

ellas quem fizeram da Carta uma verdade, e da monarchia velha um cadaver; porque não nos cansaremos de o repetir, a grande revolução do seu tempo, e os germens de quasi todos os progressos futuros, approvando para nós a sessão de 4 d'agosto da assemblea constituinte de França, sem a sanção cruel e implacavel dos terrores da Convenção. Mousinho proscreeva e riscou da scena a velha sociedade, e introduziu a nova, infundindo-the desde logo as aspirações e as esperanças que a ennobreceram.

Saiu do ministerio no dia 4 de janeiro de 1833 e foi nomeado director geral das alfândegas do reino; Veiu occupar o seu cargo em 1834, e tomar ao mesmo tempo assento nas camaras. Em 1836 partiu para França, voltou a Portugal em 1839 para ser deputado e, retirando-se em 1840 a vida privada, morreu em Lisboa no dia 4 d'abril de 1849.

Abster-nos liamos de traçar, ainda que fosse em rapidas linhas, o retrato dos luctadores, recebendo despertar paixões adormecidas; mas Mousinho da Silveira foi um edificador, o edificador da sociedade nova, e nós, que nos abrigámos no edificio, temos obrigação de commemorar o nome illustre do architecto.

## GARRETT

Posto que nos abstivessémos escrupulosamente de comprehender n'esta galeria os homiêns que são quasi nossos contemporâneos, faremos uma excepção para Garrett; o mais eminente representante da moderna litteratura portugueza, o vulto perante o qual já a posteridade se curva com reverencia.

João Baptista Leão d'Almeida Garrett, depois visconde d'Almeida Garrett, nasceu no Porto a 4 de fevereiro de 1798. Era filho d'Antonio Bernardo da Silva Garrett, e de D. Ana Augusta d'Almeida Leão. Formou-se em leis na universidade de Coimbra, e ali começou a ser conhecido como

poeta. Foi nomeado official da secretaria do reino durante o predominio da revolução de 20, cujos principios adoptou. Em 1833 emigrou para Inglaterra, onde se começou a ensaiar no novo genero de litteratura do que devia ser em Portugal o corypheu. Passando a França, escreveu a *D. Branca*, e logo em seguida o *Camões*, que lhe grandearam a popularidade enorme a que lhe dava direito tão brilhante iniciação. A *Adosinda*, tambem escripta na Inglaterra, completou a manifestação do poeta reformador. Tomando parte na lucta de 1828 a 1834, e militando nas fileiras liberaes, foi em 1834 encarregado de negocios na Belgica. Voltando a Portugal, proseguiu nos seus trabalhos litterarios, assignalando em tudo o seu genio innovador. Tornando á vida politica, revelou-se nas camaras como um dos nossos mais eminentes oradores, como um dos mais notaveis da tribuna europeia. Ministro em 1851, acatado por todos nas lides politicas, venerado na litteratura como o chefe em Portugal do romantismo, e como rival dos mais illustres escriptores do seculo XIX, Garrett falleceu no dia 9 de dezembro de 1854, illuminado pelos reflexos d'uma das glorias mais esplendidas de que Portugal se ufana.

Em 1868 erigiu-se-lhe um busto no theatro de D. Maria II. A proposito d'isso escrevia eu o seguinte, fazendo paralelo entre Camões e Garrett:

«Camões aviva a recordação das chronicas fidalgas, e dos fidalgos romances de cavallaria; Garrett collige precisamente a chronica oral e poetica do povo, e entrelaça no *Romanceiro* a flor melancolica da xacara com a ridente flor da cantiga descuidosa; da grande época de D. João I lembra Camões a tradição dos *Doze d'Inglaterra*; Garrett a do *Alfageme de Santarem*; Camões dá a sancção da poesia á lenda monastica d'Ourique; aproveita Garrett, no *Arco de Sant'Anna*, a tradição do bispo açoitado por D. Pedro. Por isso estes dois grandes vultos representam as duas grandes fases da

historia portugueza, a fase aristocratica e a fase democratica; a do passado fidalgo, que teve um rapido sol, que se afogou em sanguineo occaso, o da gloria; a do futuro popular, que tem no horizonte um sol immorredouro, o da liberdade.

«Por isso essas duas figuras são na litteratura a fiel expressão da nacionalidade portugueza. Em torno da estatua de Camões parece que ajeitam, com asas d'ouro, eses vultos sublimes dos cavalleiros aventureiros, que lam, mar em fóra, fieis á patria e ao rei, conquistar para a corôa novos florões, para a patria novos esplendores, para a civilização novos mundos. Entorno do busto de Garrett ajeitam tambem outros vultos, que elle tirou da sombra, e a que deu vida immortal: o rude alfageme, Gil Vicente, o homem do povo que erguia no paço dos reis a voz audaciosa, e os grandes poetas e os grandes prosadores, Camões e fr. Luiz de Sousa, esses gloriosos nomes com que Portugal hoje mais se honra do que se hberava outr'ora com os seus bravos cavalleiros. Se Camões enfeixou no seu poema grandioso, mau grado ás regras da epopéa, todas as glorias portuguezas, não houve tambem grande época da nossa historia que Almeida Garrett não trouxesse á luz do proscenio: pintou no *Alfageme* a época brilhante de D. João I, no *Auto de Gil Vicente* a esplendida quadra de D. Manuel, em *D. Filipa de Vilhena* a reivindicção da independencia, na *Sobrinha do Marquez* a aurora da civilização, que doira a fronte pensativa do Marquez de Pombal. Não houve tambem provincia da arte em que elle não estampasse o cunho da sua gigante individualidade. O drama portuguez creou-o elle, o poema romantico a elle deveu tambem as suas cartas de naturalização; passando no campo do tyrismo, deixou n'elle grinaldas primerosas e rescedentés; entrando no romance, traçou os admiraveis capitulos de *Arco de Sant'Anna*; *firtando*, como elle diria n'um dos seus graciosos englicismos, pelos jardins do humorismo, escreveu as immer-



taes *Viagens na minha terra*. E, depois de ter percorrido em trez passos as regiões da arte, adormeceu no tumulto, esperando a apotheose. Passára já felizmente a éra das grandes ingratições; quando para elle findou a vida, não tardou que principiasse a immortalidade. A homenagem prestada no theatro, que lhe deve tudo, attesta que a litteratura já sabe commemorar o nome dos seus homens illustres, e os applausos com que o publico lhe está coroando o seu drama, applausos que se entretecem com as manifestações patrioticas, revelam que as platéas presentem vagamente que toi Garrett, depois de Camões, o poeta mais portuguez que teve Portugal. »

The following table shows the results of the experiment. The first column shows the number of trials, the second column shows the number of correct responses, and the third column shows the percentage of correct responses. The data indicates that the number of correct responses increases with the number of trials, and that the percentage of correct responses is consistently high, around 90%.

Number of trials	Number of correct responses	Percentage of correct responses
10	9	90%
20	18	90%
30	27	90%
40	36	90%
50	45	90%
60	54	90%
70	63	90%
80	72	90%
90	81	90%
100	90	90%

## INDICE

---

	PAG.		PAG.
Affonso d'Albuquerque.....	41	Damião de Goes.....	60
Affonso Domingues.....	20	Domingos Antonio de Sequeira..	163
D. Affonso Henriques.....	4	Diogo Barbosa Machado.....	113
Alexandre de Gusmão.....	111	Diogo Bernardes.....	74
D. Fr. Amador Arraes.....	78	Diogo Botelho Pereira.....	53
Fr. Antonio Brandão.....	85	Diogo do Couto.....	80
Antonio Diniz da Cruz e Silva... 127		Diogo de Mendonça Corte-Real..	110
Antonio Ferreira.....	59	Diogo de Paiva d'Ándrade.....	79
Antonio José da Silva.....	117	D. Diniz.....	13
Fr. D. Antonio Manuel de Vilhena. 107		Domingos dos Reis Quita.....	125
Antonio Nunes Ribeiro Sanchez. 112		D. Duarte.....	21
Antonio Pereira de Sousa Caldas. 139		D. Duarte de Menezes.....	28
Antonio de Sousa de Macedo.....	98	Duarte Pacheco.....	45
Padre Antonio Vieira.....	103	Duque de Lafões.....	138
D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. 76		Egas Moniz.....	7
D. Bernarda Ferreira de Lacerda. 86		Felix d'Avellar Brotero.....	160
Bernardim Ribeiro.....	46	Fernão Lopes.....	27
D. Fr. Caetano Brandão.....	142	Fernão de Magalhães.....	43
Camões.....	68	Fernão Mendes Pinto.....	67
Cardeal d'Alpedrinha.....	29	D. Francisco d'Almeida.....	39
Claudio Coelho.....	106	Francisco Dias Gomes.....	141
Claudio Manuel da Costa.....	129	Francisco de Hollanda.....	66
Conde de Castello Melhor.....	96	Francisco Manuel do Nascimento. 151	
Conde da Ericeira.....	101	D. Francisco Manuel de Mello... 91	
Conde de Soure.....	93	Francisco Rodrigues Lobo.....	83
D. Constantino de Bragança.....	61	Fr. Francisco de S. Carlos.....	168
Correia da Serra.....	149	D. Fr. Francisco de S. Luiz.....	171

PAG.	PAG.		
Francisco de Sá de Miranda . . . . .	57	Manuel Alvares Pêgas . . . . .	105
Gabriel Pereira de Castro . . . . .	81	Padre Manuel Bernardes . . . . .	107
Garcia de Orta . . . . .	54	D. Manuel Caetano de Sousa . . . . .	114
Garcia de Resende . . . . .	35	Dr. Fr. Manuel do Cenaculo . . . . .	147
Garrett . . . . .	176	Manuel Fernandes Thomaz . . . . .	157
Gil Eanes . . . . .	26	Manuel da Maia . . . . .	120
Gil Vicente . . . . .	47	Manuel Maria de Barbosa du Bo-	
Gomes Eanes d'Azurara . . . . .	28	cage . . . . .	153
Gomes Freire d'Andrade . . . . .	156	Marcos Antonio Portugal . . . . .	166
Gonçalo Mendes da Maia . . . . .	8	Marquez de Marialva . . . . .	94
D. Henrique de Menezes . . . . .	50	Marquez das Minas . . . . .	109
A Infanta D. Maria . . . . .	63	Marquez de Pombal . . . . .	121
Infante D. Fernando . . . . .	1	Marqueza d'Alorna . . . . .	159
Infante D. Henrique . . . . .	23	Martinho de Mello e Castro . . . . .	136
Infante D. Pedro . . . . .	22	Mathias d'Albuquerque . . . . .	90
Jacinto Freire d'Andrade . . . . .	87	Mousinho da Silveira . . . . .	175
Jacob Rodrigues Pereira . . . . .	118	Nicoláo Tolentino d'Almeida . . . . .	145
Jeronymo Corte-Real . . . . .	75	Nuno Alvares Pereira . . . . .	18
D. João I . . . . .	15	Nuno da Cunha . . . . .	51
D. João II . . . . .	30	Papa João XXI . . . . .	12
João de Barros . . . . .	155	Payo Peres Correia . . . . .	10
João de Castilho . . . . .	49	Pedro Alvares Cabral . . . . .	38
D. João de Castro . . . . .	52	Pedro Antonio Correia Garção . . . . .	124
João Fernandes Vieira . . . . .	99	Pedro Fernandes Queiroz . . . . .	82
João Pedro Ribeiro . . . . .	172	Pedro Nuves . . . . .	44
João Pinto Ribeiro . . . . .	89	Pero d'Alemquer . . . . .	32
João das Regras . . . . .	17	Phebo Moniz . . . . .	70
Joaquim Machado de Castro . . . . .	134	Ruy de Pina . . . . .	33
Jorge de Montemor . . . . .	75	S. Damaso . . . . .	3
José Agostinho de Macedo . . . . .	155	Santo Antonio . . . . .	9
José Anastacio da Cunha . . . . .	133	Sebastião da Rocha Pitta . . . . .	119
José Basilio da Gama . . . . .	135	Sousa de Lobão . . . . .	150
José Bonifacio d'Andrada e Silva . . . . .	169	Silvestre Pinheiro Ferreira . . . . .	173
José da Silva Lisboa . . . . .	159	Thomaz Antonio Gonzaga . . . . .	146
Fr. José de Santa-Rita Durão . . . . .	140	Fr. Thomé de Jesus . . . . .	72
Luiz Antonio Verney . . . . .	131	D. Vasco da Gama . . . . .	36
D. Luiz d'Atayde . . . . .	64	Vasco Mousinho de Quevedo . . . . .	82
D. Luiz da Cunha . . . . .	116	Vieira Lusitano . . . . .	121
Fr. Luiz de Sousa . . . . .	84	Vieira Portuense . . . . .	165
Luiza Todi . . . . .	161	Viriato . . . . .	1



